

MINSTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

CARAMURU: POEMA ÉPICO
Santa Rita Durão

CANTO I

I

De um varão em mil casos agitado,
 Que as praias percorrendo do Ocidente,
 Descobriu o Recôncavo afamado
 Da capital brasílica potente:
 Do Filho do Trovão denominado,
 Que o peito domar soube à fera gente;
 O valor cantarei na adversa sorte,
 Pois só conheço herói quem nela é forte.

II

Santo Esplendor, que do grão-Padre manas
 Ao seio intacto de uma Virgem bela;
 Se da enchente de luzes Soberanas
 Tudo dispensas pela Mãe Donzela;
 Rompendo as sombras de ilusões humanas,
 Tu do grão caso! a pura luz revela
 Faze que em ti comece, e em ti conclua
 Esta grande Obra, que por fim foi tua.

III

E vós, Príncipe excelso, do Céu dado
 Para base imortal do Luso Trono;
 Vós, que do Áureo Brasil no Principado
 Da Real sucessão sois alto abono:
 Enquanto o Império tendes descansado
 Sobre o seio da paz com doce sono,
 Não queirais de dignar-vos no meu metro
 De pôr os olhos, e admiti-lo ao cetro.

IV

Nele vereis Nações desconhecidas,
 Que em meio dos Sertões a Fé não doma;

E que puderam ser-vos convertidas
 Maior Império, que houve em Grécia, ou Roma:
 Gentes vereis, e Terras escondidas,
 Onde se um raio da verdade assoma,
 Amansando-as, tereis na turba imensa
 Outro Reino maior que a Europa extensa.

V

Devora-se a infeliz mísera Gente,
 E sempre reduzida a menos terra,
 Virá toda a extinguir-se infelizmente;
 Sendo em campo menor maior a guerra.
 Olhai, Senhor, com reflexão clemente
 Para tantos Mortais, que a brenha encerra;
 E que, livrando desse abismo fundo,
 Vireis a ser Monarca de outro Mundo.

VI

Príncipe do Brasil, futuro dono,
 À Mãe da Pátria, que administra o mando,
 Ponde, excelso Senhor, aos pés do Trono
 As desgraças do Povo miserando:
 Para tanta esperança é o justo abono,
 Vosso título, e nome, que invocando,
 Chamará, como a outro o Egípcio Povo,
 D. José Salvador de um Mundo novo.

VII

Nem podereis temer, que ao santo intento
 Não se nutram Heróis no Luso Povo,
 Que o antigo Portugal vos apresento
 No Brasil renascido, como em novo.
 Vereis do domador do Índico assento
 Nas guerras do Brasil alto renovo,
 E que os seguem nas bélicas idéias
 Os Vieiras, Barretos, e os Correias.

VIII

Dai, portanto, Senhor, potente impulso,
 Com que possa entoar sonoro o metro
 Da brasílica gente o invicto pulso,
 Que aumenta tanto Império ao vosso cetro:
 E enquanto o Povo do Brasil convulso
 Em nova lira canto, em novo pletro;
 Fazei que fidelíssimo se veja

O vosso Trono em propagar-se a Igreja.

IX

Da nova Lusitânia o vasto espaço
 Ia a povoar Diogo, a quem bisonho
 Chama o Brasil, temendo o forte braço,
 Horrível Filho do Trovão medonho:
 Quando do abismo por cortar-lhe o passo
 Essa Fúria saiu, como suponho,
 A quem do Inferno o Paganismo aluno,
 Dando o Império das águas, fez Netuno.

X

O grão-Tridente, com que o mar comove,
 Cravou dos Órgãos na montanha horrenda,
 E na escura caverna, adonde Jove
 (Outro espírito) espalha a luz tremenda,
 Relâmpagos mil faz, coriscos chove;
 Bate-se o vento em hórrida contenda:
 Arde o céu, zune o ar, treme a montanha,
 E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

XI

O Filho do Trovão, que em baixel ia
 Por passadas tormentas ruinoso,
 Vê que do grosso mar na travessia
 Se sorve o lenho pelo pego undoso;
 Bem que constante, a morte não temia,
 Invoca no perigo o Céu piedoso;
 Ao ver que a fúria horrível da procela
 Rompe a nau, quebra o leme, e arranca a vela.

XII

Lança-se ao fogo o ignívomo instrumento,
 Todo o peso se alija; o passageiro,
 Para nadar no túmido Elemento,
 A tábua abraça, que encontrou primeiro:
 Quem se arroja no mar temendo o vento;
 Qual se fia a um batel; quem a um madeiro,
 Até que sobre a penha, que a embaraça,
 A quilha bate, e a nau se despedaça.

XIII

Sete somente do batel perdido
 Vêm à praia cruel, lutando a nado;
 Oferece-lhes um socorro fementido
 Bárbara multidão, que acode ao brado:
 E ao ver na praia o Benfeitor fingido,
 Rende-lhe as mãos o náufrago enganado:
 Tristes! que a ver algum, qual fim o espera
 Com quanta sede a morte não bebera!

XIV

Já estava em terra o infausto naufragante,
 Rodeado da turba Americana;
 Vêm-se com pasmo; ao porem-se diante,
 E uns aos outros não crêem da espécie humana:
 Os cabelos, a cor, barba e semblante
 Faziam crer àquela Gente insana,
 Que alguma espécie de animal seria
 Desses, que no seu seio o mar trazia.

XV

Algum chegando aos míseros, que a areia
 O mar arroja extintos, nota o vulto;
 Ora o tenta despir, e ora receia
 Não seja astúcia, com que o assalte oculto.
 Outros do Jacaré tomando a idéia
 Temem que acorde com violento insulto;
 Ou que o sono fingindo os arrebate,
 E entre as presas cruéis no fundo os mate.

XVI

Mas vendo a Sancho, um náufrago que expira,
 Rota a cabeça numa penha aguda,
 Que ia trêmulo a erguer-se, e que caíra,
 Que com voz lastimosa implora ajuda:
 E vendo os olhos, que ele em branco vira;
 Cadavérica a face, a boca muda,
 Pela experiência da comum sorte
 Reconhecem também que aquilo é morte.

XVII

Correm depois de crê-lo ao pasto horrendo;
 E retalhando o corpo em mil pedaços,
 Vai cada um famélico trazendo,
 Qual um pé, qual a mão, qual outro os braços:
 Outros da crua carne iam comendo;
 Tanto na infame gula eram devassos:
 Tais há, que as assam nos ardentes fossos,
 Alguns torrando estão na chama os ossos.

XVIII

Que horror da Humanidade! ver tragada
 Da própria espécie a carne já corrupta!
 Quanto não deve a Europa abençoada
 A Fé do Redentor, que humilde escuta?
 Não era aquela infâmia praticada
 Só dessa gente miseranda, e bruta;
 Roma, e Cartago o sabe no noturno
 Horrível sacrifício de Saturno.

XIX

Os sete em tanto, que do mar com vida
 Chegaram a tocar na infame areia,
 Pasmam de ver na turba recrescida
 A brutal catadura, hórrida, e feia:
 A cor vermelha em si, mostram tingida
 De outra cor diferente, que os afeia;
 Pedras, e paus de embiras enfiados,
 Que na face, e nariz trazem furados.

XX

Na boca em carne humana ensangüentada
 Anda o beijo inferior todo caído;
 Porque a tem toda em roda esburacada,
 E o labro de vis pedras embutido:
 Os dentes (que é beleza que lhe agrada)
 Um sobre outro desponta recrescido:
 Nem se lhe vê nascer na barba o pêlo,
 Chata a cara, e nariz, rijo o cabelo.

XXI

Vê-se no sexo recatado o pejo,
 Sem mais que a antiga gala que Eva usava,
 Quando por pena de um voraz desejo
 Da feia a desnudez se envergonhava:
 Vão sem pudor com bárbaro despejo
 Os homens, como Adão sem culpa andava;
 Mas vê-se, alma Natura, o que lhe ordenas;
 Porque no sacrifício usam de penas.

XXII

Qual das belas Araras traz vistosas
 Louras, brancas, purpúreas, verdes plumas:
 Outros põem, como túnicas lustrosas,
 Um verniz de balsâmicas escumas:
 Nem temem nele as chuvas procelosas,
 Nem o frio rigor de ásperas brumas;
 Nem se receiam do mordaz besouro,
 Qual Anta, ou qual Tatu dentro em seu couro.

XXIII

Por armas, frechas, arcos, pedras, bestas;
 A espada do pau-ferro, e por escudo
 As redes de algodão nada molestas,
 Onde a ponta se embace ao dardo agudo:
 Por capacete nas guerreiras testas
 Cintos de penas com galhardo estudo;
 Mas o vulgo no bélico ameaço
 Não tem mais que unha ou dente, ou punho ou braço.

XXIV

Desta arte armada a multidão confusa
 Investe o naufragante enfraquecido,
 Que ao ver-se despojar, nada recusa;
 Porque se enxugue o mádido vestido:
 Tanto mais pelo mimo, que se lhe usa,
 Quando a bárbara gente o vê rendido:
 Trouxeram-lhe a batata, o coco, o inhame;
 Mas o que crêem piedade é gula infame.

XXV

Cevavam desta forma os desditosos
 Das fadigas marítimas desfeitos;
 Por pingues ter os pastos horrorosos,
 Sendo nas carnes míseras refeitos:
 Feras! mas feras não, que mais monstruosos
 São da nossa alma os bárbaros efeitos;
 E em corrupta razão mais furor cabe,
 Que tanto um bruto imaginar não sabe.

XXVI

Não mui longe do mar na penha dura
 A boca está de um antro mal-aberta,
 Que horrível dentro pela sombra escura,
 Toda é fora de ramas encoberta:
 Ali com guarda à vista se clausura
 A infeliz companhia, estando alerta,
 E por cevá-los mais, dão-lhe o recreio
 De ir pela praia em plácido passeio.

XXVII

Diogo então, que à gente miseranda,
 Por ser de nobre sangue precedia,
 Vendo que nada entende a turba infanda,
 Nem do férreo mosquete usar sabia;
 Da rota nau, que se descobre à banda,
 Pólvora, e bala em cópia recolhia;
 E como enfermo, que no passo tarda,
 Serviu-se por bastão de uma espingarda.

XXVIII

Forte sim, mas de têmpera delicada,
 Aguda febre traz desde a tormenta;
 Pálido o rosto, e a cor toda mudada;
 A carne sobre os ossos macilenta:
 Mas foi-lhe aquela doença afortunada,
 Porque a gente cruel guardá-lo intenta,
 Até que sendo a si restituído,
 Como os mais vão comer, seja comido.

XXIX

Barbárie foi (se crê) da antiga idade
 A própria prole devorar nascida;
 Desde que essa cruel voracidade
 Fora ao velho Saturno atribuída:
 Fingimento por fim, mas é em verdade
 Invenção do diabólico homicida,
 Que uns cá se matam, e outros lá se comem:
 Tanto aborrece aquela fúria ao homem.

XXX

Mas já três vezes tinha a Lua enchido
 Do vasto globo o luminoso aspecto,
 Quando o Chefe dos bárbaros temido
 Fulmina contra os seis o atroz decreto:
 Ordena que no altar seja oferecido
 O brutal sacrifício em sangue infecto,
 Sendo a cabeça às vítimas quebrada,
 E a gula infanda de os comer saciada.

XXXI

Em tanto que se ordena a brutal festa,
 Nada sabiam na marinha gruta
 Os habitantes da prisão funesta;
 Que ardilosa lho esconde a gente bruta:
 E enquanto a feral pompa já se apresta,
 Toda a pena em favor se lhe comuta;
 Nem parecem ter dado a menor ordem,
 Senão que comam, e, comendo engordem.

XXXII

Mimosas carnes mandam, doces frutas
 O araçá, o caju, coco, e mangaba;
 Do bom maracujá lhe enchem as grutas
 Sobre rimas, e rimas de guaiaba:
 Vasilhas põem de vinho nunca enxutas,
 E a imunda catimpuera, que da baba
 Fazer costuma a bárbara patrulha,
 Que só de ouvi-lo o estômago se embrulha.

XXXIII

Um dia pois que à sombra desejada
 Se repousam, passando a calma ardente,
 Por dar alívio à dor reconcentrada,
 De ver-se escravos de tão fera Gente;
 Fernando, um deles, diz, que aos mais agrada
 Por cantigas, que entoa docemente,
 Que em cítara, que o mar na terra lança,
 Se divirtam da fúnebre lembrança.

XXXIV

Mancebo era Fernando mui polido,
 Douto em Letras, e em prendas celebrado,
 Que nas Ilhas do Atlântico nascido,
 Tinha muito co'as Musas conversado:
 Tinha ele os rumos do Brasil seguido,
 Por ver o monumento celebrado
 De uma Estátua famosa, que num pico
 Aponta do Brasil ao País rico.

XXXV

Pedira-lhe Luís, que isto escutara,
 Da profética Estátua o conto inteiro,
 Se foi verdade, se invenção foi clara
 De Gente rude, ou povo noveleiro:
 Fernando então, que em metro já cantara
 O sucesso, que atesta verdadeiro,
 Toma nas mãos a cítara suave,
 E entoando, começa em canto grave.

XXXVI

Oculto o tempo foi, incerta a era,
 Em que o grão-caso contam sucedido;
 Mas em parte é sem dúvida sincera
 A bela História, que a escutar convido;
 Félix foi o ditoso, e feliz era,
 Quem tanto foi do Céu favorecido,
 Pois em meio ao corrupto Gentilismo
 Merecer soube a Deus o seu Batismo.

XXXVII

Incerto pelas brenhas caminhava
 Um Varão santo, que perdera a via,
 Quando pelos cabelos o elevava
 O Anjo, adonde o Sol já se escondia;
 E um Salvagem lhe mostra, que se achava,
 Quase lutando em última agonia:
 Ouve (lhe diz) o justo agonizante,
 E uma estrada de luz tomou brilhante.

XXXVIII

Áureo (que assim se chama o Sacro Enviado)
 Encostando-se ao Velho titubante,
 Por ignorar-lhe o idioma não falado,
 No seu diz, de que o enfermo era ignorante:
 E ouve-se responder (caso admirado!)
 Numa língua de todo extravagante,
 Que sendo em tudo extraordinária, e bruta,
 Faz-se entender, e entende-o no que escuta.

XXXIX

Do grande Criador por mensageiro
 A bênção (diz) te ofereço, homem ditoso;
 Neste Mundo ignorado em o primeiro,
 Quer que o seu Nome escutes glorioso:
 Do Eterno Pai, de um Filho verdadeiro,
 Do Espírito também, laço amoroso,
 Quer que o Mistério saibas da Verdade:
 São três Pessoas numa só Unidade.

XL

Um só Senhor, que todo o ser governa,
 Que só com dizer seja o fez de nada;
 Que à Natureza desde a idade eterna,
 Certa época fixou de ser ercada:
 Que abrindo liberal a mão paterna,
 Toda a coisa abençoa, que é animada:
 Que sua imagem nos fez; e sem segundo,
 Quer que o homem reine sobre o vasto Mundo.

XXI

Que havendo em mil delícias colocado
 Nossos primeiros Pais num Paraíso,
 Por homenagem desse Império dado,
 Privou de um pomo com severo aviso:
 Que vendo o seu respeito profanado,
 E igual satisfação sendo preciso,
 No duro lenho a pôs, no férreo cravo,
 E deu o Filho por salvar o escravo.

XXII

Este do feio pois de Virgem pura,
 Invocada no nome de Maria,
 Redentor, Mestre, e Luz da Criatura,
 Nasceu, pregou, morreu na Cruz ímpia:
 Rompeu do abismo a imóvel fechadura;
 Depois ressurgue no terceiro dia;
 E ao Céu subindo enfim, donde comanda,
 Aos fins da Terra os mensageiros manda.

XXIII

Um destes venho a ti: lavar-te intento,
 Se queres aceitar meu Catecismo;
 E servindo de porta o Sacramento,
 Incorporar-te ao santo Cristianismo.
 Purga o teu coração, teu pensamento,
 Por chegar puro às águas do Batismo,
 Onde se entras com dor do mal primeiro,
 De Jesus Cristo morrerás co-herdeiro.

XXIV

Aos primeiros acentos, que escutara,
 Guaçu (que este é seu nome) a frente empena;
 Atenta ao que ouve a orelha, e fixa a cara,
 Senão que co'a cabeça a tudo acena:
 Dos olhos mal se serve, que cegara,
 Bem que a vista pareça ter serena;
 As mãos de quando em quando estende, e toca,
 E pende atento da Sagrada boca.

XLV

Bom Ministro (responde) do Piedoso
 Excelso grão-Tupá, que o Céu modera,
 Não me vens novo, não: que tive o gozo
 De ouvir-te em sonho já; quem ver pudera!
 Se a imagem tens, que o sono fabuloso
 Há muito, que de ti na mente gera!
 Serás, disse, (e na barba o vai tocando)
 Homem com barbas, branco, e venerando.

XLVI

Louvores a Tupá, que enfim chegaste;
 Que o caminho me ensinas, donde elejo
 Buscar logo o grão-Deus, que m'anunciaste,
 Que desde a infância com ardor desejo:
 Nunca soube, assim é, quanto contaste;
 Mas não sei, como o que ouço, e quase vejo
 Sentia, como em sombra malformada;
 Não que o cresse ainda assim, mas por toada.

XLVII

Vendo desse Universo a mole imensa,
 Sem ser de ainda maior entendimento
 Fabricada a não cri: que ele o dispensa,
 Tem, rege, e guarda, insere o pensamento:
 Que repugna à criatura estar suspensa,
 Sem último fim ter notava atento:
 E este Ente, que me fez um Deus segundo,
 É o grão-Tupá, fabricante do Mundo.

XLVIII

Vi as chagas da própria Natureza,
 A ignorância, a malícia, a variedade,
 E bem reconheci, que esta torpeza
 Nascer não pode da eternal bondade.
 Onde, sem o saber, cri, que era acesa
 Neste incêndio comum da humanidade
 Antiga chama, donde o mal nos veio;
 Crer que tais nos fez Deus... eu tal não creio.

XLIX

Também vi que o grão-Deus, que o Mundo cria,
 Deixar nunca quisera em tanto estrago
 A humana Natureza; e que a mão pia
 De tais misérias ao profundo lago
 Havia de estender; como o faria?
 Suspenso fiquei sempre incerto, e vago;
 Mas nunca duvidei que alguém se visse,
 Que de tantas misérias nos remisse.

L

E como era a maior, que experimentava,
 O ver que livremente o mal seguia;
 Que a Suprema Bondade se agravava,
 Donde um homem de bem se agravaria:
 Vendo que a afronta, que esta ação causava,
 Só se houvera outro Deus, se pagaria;
 E impossível mais de um reconhecendo...
 Daqui não passo, e cego me suspendo.

LI

Agora sim, que entendo a grã-verdade,
 Que um só Deus se fez homem sem defeito;
 E sendo três Pessoas na Unidade,
 Do Filho ao Pai podia haver respeito:
 A Pessoa segunda da Trindade,
 Novo homem, como nós, de terra feito,
 A paz do homem com Deus fundar procura;
 Redentor pio da mortal criatura.

LII

Este creio, este adoro, este confesso;
 E esta santa mensagem venerando,
 Por meu Deus, e Senhor firme o conheço,
 A quem da Terra, e Céu pertence o mando:
 Deste o Batismo santo hoje te peço,
 Onde na porta Celestial entrando,
 Suba o espírito à glória que deseja,
 E com estes meus olhos ainda o veja.

LIII

Disse o ditoso Velho; e acompanhando
 Com devoto suspiro a voz que exprime,
 Bem mostra que no peito o está tocando
 A oculta unção do Espírito sublime:
 As mãos ao Céu levanta lagrimando;
 E tanto ardor na face se lhe imprime,
 Que acompanhar parece o humilde rogo
 Um dilúvio de água, e outro de fogo.

LIV

Então o bom Ministro: É justo, amigo,
 Que chores (lhe dizia) o teu pecado;
 Por não amar a Deus; ser-lhe inimigo,
 Se o blasfemaste; de o não ter honrado;
 De não servir teus Pais; de um ódio antigo;
 E se não foste honesto, ou tens roubado;
 Se em mulher, bens, ou fama em caso feio
 Fizeste dano, ou cobiçaste o alheio.

LV

Esta a Lei santa é, que em nós impressa
 Ninguém ofende, que mereça escusa;
 Onde no que faltaste a Deus confessa,
 Que tanto deve quem pecando abusa:
 Quer-se a satisfação com a promessa
 De melhor vida, no que a Lei te acusa:
 Pois quem quer que pecou, que assim não faça,
 Recebe o Sacramento, mas não graça.

LVI

Eu, disse o Americano, antes de tudo
 Amei do coração quem ser me dera:
 Seu nome ignoro, mas honrá-lo estudo;
 E com fé o adorei sempre sincera:
 Em certos dias recolhido, e mudo
 Cuidava em venerar quem tudo impera,
 Matar não quis, nem morto algum comia,
 Pois que a mim mo fizessem não queria.

LVII

Mulher tive, mas uma, persuadido
 Que com uma se pode; ação impura
 Meteu-me sempre horror; tendo entendido,
 Que só no Matrimônio era segura:
 Qualquer outro prazer fora proibido,
 Porque se em tanto abuso se conjura;
 Quem seguindo esse instinto do Demônio,
 Se pudera lembrar do Matrimônio?

LVIII

Nunca roubei, temendo ser roubado:
 Por conservar a fama, honrei a alheia:
 Não me lembra de ter caluniado,
 Nem de outrem disse mal, que é coisa feia;
 E quem houvesse de outros murmurado,
 Que outro tanto lhe façam certo creia;
 Não tive inveja do que alguém consiga,
 Por ver que quem a tem, seu mal castiga.

LIX

Enfim, corri meus anos desde a infância
 Sem ofender (que eu saiba) esta Lei justa,
 Sem ter a coisa boa repugnância,
 Tudo mercê da mão de Deus Augusta.
 Nos meus males somente a tolerância
 Mos fazia passar a menor custa:
 Esta a minha ânsia foi, este o meu zelo,
 Saber quem era Deus; tratá-lo, e vê-lo.

LX

Dizendo o Velho assim, tanto se acende,
 Como se n' alma se lhe ateara um fogo:
 Reclina a humilde fronte, e a voz suspende;
 E caindo em delíquio neste afogo,
 Corre o Ministro, que ao sucesso atende,
 E buscando água, que o batize logo;
 Apenas Félix diz, eu te batizo,
 Partiu feliz dum vôo ao Paraíso.

LXI

Cuidava em sepultá-lo Áureo saudoso;
 Porém de espessa névoa, que o ar condensa,
 Ouve um coro entoando harmonioso
 Louvor eterno à Majestade imensa:
 E na atmosfera ali do ar nebuloso,
 Luz arraiando, que a alumia intensa;
 Viu Félis, que na glória, que o vestia,
 A Graça Batismal lhe agradecia.

LXII

Que te conceda Deus, Ministro justo,
 (Diz-lhe a Alma venturosa) o prêmio eterno;
 Pois vens do antigo Mundo a tanto custo
 A libertar-me do poder do Inferno.
 Dos Céus em tanto o Dominante augusto,
 Que tornes manda ao ninho teu Paterno;
 E sobre a névoa em nuvem levantada
 Vás navegando pela aérea estrada.

LXIII

E quer na nuvem própria, que te indico,
 Que esse cadáver meu vá transportado,
 E na Ilha do Corvo, de alto pico
 O vejam numa ponta colocado;
 Onde acene ao país do metal rico,
 Que o ambicioso Europeu vendo indicado,
 Dará lugar, que ouvida nele seja
 A doutrina do Céu, e a voz da Igreja.

LXIV

Disse; e cessando a voz, e a visão bela,
 Viu da nuvem Áureo, que o rodeava,
 Trasar-se a bela Alma em clara estrela,
 E viu que a nuvem sobre o mar voava:
 O cadáver também sublime nela,
 Ao cume do grão-pico já chegava;
 Onde a névoa, que no alto se sublima,
 Depõe como uma Estátua o corpo em cima.

LXV

Ali batido do nevado vento,
 De Sol, de gelo, e chuva penetrado,
 Efeito natural, e não portento
 É vê-lo, qual se vê, petrificado.
 Um arco tem por bélico instrumento,
 De pluma um cinto sobre a frente ornado:
 Outro onde era decente: em cor vermelho,
 Sem pêlo a barba tem; no aspecto é velho.

LXVI

Voltado estava às partes do Ocidente,
 Donde o Áureo Brasil mostrava a dedo,
 Como ensinando a Lusitana Gente,
 Que ali devia navegar bem cedo:
 Destino foi do Céu Onipotente,
 A fim que sem receio, ou torpe medo
 À piedosa empresa o Povo corra;
 E que quem morrer nela, alegre morra.

LXVII

Calou então Fernando, mas não cala
 Na cítara dourada outra harmonia,
 Onde parece a mão, que também fala,
 E que quanto a voz disse, repetia:
 Saíra em tanto um bárbaro a escutá-la,
 Que encantado da doce melodia,
 Toma nas mãos o Músico Instrumento,
 Toca-o sem arte, e falta de contento.

LXVIII

Não pode ver dos nossos o congresso
 Tanta rudeza sem tentar-se a riso;
 Que por mais que um pesar se tenha impresso,
 Não dá lugar a prevenção ao siso:
 E sendo inopinado algum sucesso,
 Onde é nos homens quase o rir preciso,
 Tal pessoa há que chora apaixonada,
 E passa do gemido a uma risada.

LXIX

Diogo então que dentro em si media
 Da cruel Gente a condição danosa,
 Não sossega de noite, nem de dia,
 Antevendo a desgraça lastimosa:
 E vendo rir os mais com alegria,
 Pela ação do Salvagem graciosa,
 Estranhou-lhe o prazer mal concebido,
 Arrancando do peito este gemido.

LXX

Oh triste condição da humana vida!
 Que tanto em breve do seu mal se esquece;
 Pois vendo a liberdade enfim perdida,
 Sentimos menos, quando a dor mais cresce:
 Vemos desd' água às praias despedida
 A infeliz Gente, que no mar perece;
 E que o brutal Gêtio na mesm'hora,
 Ainda bem os não vê, logo os devora.

LXXI

Quem sabe, se o cuidado, que destina
 Pôr-nos assim mimosos de sustento,
 Não é por ter de nós grata chacina
 Nesse horrível barbarisco alimento?
 Tanta atenção que tem, mal se combina,
 Sem mostrar-se o maligno pensamento;
 Que quem os próprios mortos brutal come,
 Como é crível que aos vivos mate a fome?

LXXII

Tempo fora, afligidos companheiros,
 De levantar dos Céus ao Rei Supremo
 Humildes vozes, votos verdadeiros,
 Como quem luta no perigo extremo:
 Mas vós, que agora rides prazenteiros,
 Oh quanto, amigos meus, oh quanto temo,
 Que essa Gente cruel só nos namore,
 Por cevar mais a presa, que devore!

LXXIII

Voltemos antes com fervor piedoso
 Os tristes olhos ao etéreo espaço;
 Esperando de Deus um fim ditoso,
 Onde a morte se avista a cada passo.
 Contrito o peito, o coração choroso,
 Implora a proteção do excelso braço;
 Que o coração me diz, que por desdita
 O cruel sacrifício se medita.

LXXIV

Enquanto assim dizia o Herói prudente,
 Comovido qualquer do temor justo,
 Levanta humilde as mãos ao Céu clemente,
 Vendo o futuro com pressago susto:
 Já cuida a cruel morte ver presente;
 Já vê sobre a cabeça o golpe injusto:
 Batem no peito; e levantando as palmas,
 Fazem vítima a Deus das próprias almas.

LXXV

Já numerosa turba às praias vinha,
 E os seis levam ao corro miserando,
 Onde a plebe cruel formada tinha
 A pompa do espetáculo execrando:
 E mal a gente bruta se continha,
 Que enquanto as tristes mãos lhe vão ligando
 No humano corpo pelo susto exangue
 Não vão vivo sorvendo o infeliz sangue.

LXXVI

Qual se da Líbia pelo campo estende
 O Mouro caçador um leão vasto,
 Em longa nuvem devorá-lo emprende
 O sagaz corvo sempre atento ao pasto:
 Negro parece o chão; negra, onde pende
 A planta, em que do sangue explora o rasto;
 Até que avista a presa, e em chusma voa,
 Nem deixa parte, que voraz não roa.

LXXVII

Tal do Caboclo foi a fúria infanda,
 E o fanatismo, que na mente o cega,
 Faz que tendo esta ação por veneranda,
 Invoque o grão-Tupá, que o raio emprega:
 No meio vê-se que em mil voltas anda,
 O eleito matador, como quem prega
 A brados, exortando o povo insano
 A ensopar toda a mão no sangue humano.

LXXVIII

À roda à roda a multidão fremente
 Com gritos corresponde à infame idéia;
 Enquanto o fero em gesto de valente
 Bate o pé, fere o ar, e um pau maneia:
 Ergue-se um, e outro lenho, onde o paciente
 Entre prisões d'embira se encadeia;
 Fogo se acende nos profundos fossos,
 Em que se torrem com a carne os ossos.

LXXIX

Dentro de uma estacada extensa, e vasta,
 Que a numerosa plebe em torno borda,
 Entram os Principais de cada casta
 Com belas plumas, onde a cor discorda;
 Outros, que a grenha tem com feral pasta
 Do sangue humano, que ao matar transborda,
 Os Nigromantes são; que em vão conjuro
 Chamam as Sombras desde o Averno escuro.

LXXX

Companheiras de ofício tão nefando
 Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo
 Seis torpíssimas velhas, aparando
 O sangue sem um leve menoscabio:
 Tão feias são, que a face está pintando
 A imagem propiíssima do Diabo;
 Tinto o corpo em verniz todo amarelo,
 Rosto tal, que a Medusa o faz ter belo.

LXXXI

Têm no colo as cruéis Sacerdotisas,
 Por conta dos funestos sacrifícios,
 Fios de dentes, que lhe são divisas,
 De mais, ou menos tempo em tais ofícios:
 Gratas ao Céu se crêem, de que indivisas
 Se inculcam por Tartáreos malefícios;
 E em testemunho do mister nefando,
 Nos seus cocos com facas vêm tocando.

LXXXII

Quem pode reputar, que dor traspassa
 A miseranda infausta companhia,
 Vendo tais feras rodear a praça,
 Que o sangue com os olhos lhe bebia?
 Ver que os dentes lhe range por negaça,
 Senão é que os agita a fome ímpia,
 E disser lá consigo: “*Em poucas horas
 Sou pasto destas feras tragadoras.*”

LXXXIII

Mas põe-lhe a vista o Padre Onipotente,
 Da desgraça cruel compadecido;
 E envia um Anjo desde o Céu clemente,
 Que deixe tanto horror desvanecido;
 E faça que o espetáculo presente
 Venha por fim a ser sonho fingido;
 Que quem recorre ao Céu no mal que geme,
 Logo que teme a Deus, nada mais teme.

LXXXIV

Seis então dos infames Nigromantes
 Lançaram mão das vítimas pacientes,
 E a seis lenhos fatais, que ergueram dantes,
 Atam cruéis as mãos dos inocentes:
 Postos no Céu os olhos lagrimantes
 Com lembrar-se das penas veementes,
 Que sofreu Deus na Cruz, nele fiados
 Pediam-lhe o perdão dos seus pecados.

LXXXV

Fernando ali, que em discrição precede,
 Com voz sonora a companhia anima:
 Cheio de viva fé socorro pede;
 E quanto a dor permite, que se exprima:
 Grão-Senhor (diz) de quem tudo procede
 A glória, a pena, a confusão, e a estima,
 Que justo dás as graças, e os castigos,
 Na dor alívio, amparo nos perigos.

LXXXVI

Vida não peço aqui, morte não temo,
 Nem menos choro o caso desgraçado:
 O que me dói, que sinto, o que só gemo
 É, piedoso Deus, o meu pecado:
 Feliz serei, grão-Padre, se no extremo
 For da tua bondade perdoado;
 Pelo Cálix amargo que aqui bebo,
 Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII

Mas, grande Deus, que vês nossa fraqueza
 No duro transe desta cruel hora,
 Não sofras que essas feras com crueza
 Hajam de devorar a quem te adora:
 Porque estremece a frágil natureza,
 Vendo a gula brutal, que empreende agora
 Sacrifício fazer ao torpe abismo
 Destas carnes tingidas no Batismo.

LXXXVIII

Ouviu o Céu piedoso a infeliz gente;
 E quando o fero a maça já levanta,
 Que esmague a fronte ao mísero paciente,
 Trovão se ouve fatal, que tudo espanta:
 Treme a montanha, e cai a roca ingente,
 E na ruína as árvores quebranta;
 Mas o que mais os brutos confundia,
 Era o rumor Marcial, que então se ouvia.

LXXXIX

Pedras, frechas, e dardos de arremesso
 Cobriam todo o ar; porque o inimigo,
 Que atrás se pôs de um próximo cabeçaço,
 Aguarda expressamente aquele artigo:
 De um lado, e outro desde um mato espesso
 Ameaça o furor, cerca o perigo;
 E a gente crua transformada a sorte,
 Quando cuidou matar, padece a morte.

XC

Era Sergipe o Príncipe valente
 Na esquadra valerosa, que atacava;
 Varão entre os seus bom, manso, e prudente,
 Que com Justiça os povos comandava:
 Armava o forte Chefe de presente
 Contra Gupeva, que cruel reinava,
 Sobre as aldeias, que em tal tempo havia
 No Recôncavo ameno da Bahia.

XCI

Por toda a parte o Baiense é preso;
 É trucidado o bruto Nigromante,
 Muitos lançados são no fogo aceso,
 Rendem-se os mais ao Vencedor possante:
 Ficara em vida, todavia ileso
 O mísero Europeu, que ali em flagrante
 Faz desatar o bom Sergipe, e manda
 A escravidão no seu País mais branda.

XCII

Mas a Gente infeliz no Sertão vasto
 Por matos, e montanhas dividida,
 É fama, que uns de tigres foram pasto;
 Outra parte dos bárbaros comida:
 Nem mais houve notícia, ou leve rasto
 Como houvessem perdido a amada vida;
 Mas há boa suspeita, e firme indício,
 Que evadiram o infame sacrifício.

CANTO II

I

Era a hora, em que o Sol na grã-carreira
 Do tórrido Zênite vibra igualmente,
 E que a sombra dos corpos companheira
 Na terra extingue, com o raio ardente;
 Quando ao partir a turba carniceira,
 Se viu Diogo só na praia ingente,
 Entre mil pensamentos, mil terrores,
 Que a dor faz grandes, e o temor maiores.

II

Parecia-lhe ver da gente insana
 O bárbaro furor, a fome crua,
 A agonia dos seus na ação tirana;
 E temendo a dos mais, presume a sua:
 Quisera opor-se à empresa desumana;
 Pensa em arbítrios mil, com que o conclua:
 Se fugirá? mas donde? se os invada?
 Porém enfermo, e só não vale a nada.

III

Oh! mil vezes (dizia) afortunados,
 Os que entregues à fúria do elemento
 Acabaram seus dias sossegados,
 Nem virão tanta dor, como experimento!
 Que estavam finalmente a mim guardados
 Este espanto, este horror, este tormento!
 Que escapei (Santos Céus!) desse mar vasto
 Para a feras servir de horrível pasto!

IV

E hei de agora (infeliz!) ver fraco, e inerme,
 Que dos meus vá fazer um pasto horrendo
 Essa patrulha vil! que agora enferme!
 Que me veja sem força em febre ardendo!
 Ah! se pudera em meu vigor já ver-me!
 Que ardor sinto em meu peito de ir rompendo,
 E a turba vil fazendo em mil pedaços,
 Truncar pescoços, mãos, cabeças, braços.

V

Não pode (é certo) a débil natureza;
 Porém que esperas mais, mísero Diogo?

Que pode resultar da forte empresa?
 Será mal morrer já, se há de ser logo?
 Faltam-me as forças sim; sinto a fraqueza:
 Mas o espírito o supre, e neste afogo
 Tira forças ocultas da nossa alma,
 Que ela não mostra ter, vivendo em calma.

VI

E como quer enfim que o mande a forte;
 Morra-se, que talvez se não desuna
 O sucesso feliz, de uma ação forte;
 Que acaso um temerário achou fortuna;
 E quando irado o Céu me envie a morte,
 E que a Mão do Senhor meus erros puna,
 Recebo o golpe, que me for mandado;
 Morrerei, assim é, porém vingado.

VII

Nem deixo de esperar que a gente bruta,
 Vendo o estrago da espada, e do mosquete,
 Não se encha de pavor na estranha luta,
 E força maior creia que a acomete:
 Se tomo as armas, que salvei na gruta,
 Escudo, cota, malha, e capacete,
 Posso esperar que um só me não resista;
 E antes que o ferro, mos fomenta a vista.

VIII

Disse; e entrando na sólita caverna,
 Cobre de ferro a valerosa frente;
 Um peito d' aço de firmeza eterna,
 E o escudo, onde a frecha se desponte.
 Dispõe de modo, e em forma tal governa,
 Que nada teme já, que em campo o afronte:
 Nas mãos de ferro tinha uma alabarda,
 A espada à cinta, aos ombros a espingarda.

IX

Saía assim da gruta, quando o monte
 Coberto vê da bárbara caterva;
 E no que infere da turbada fronte,
 Sinais de fuga, e de derrota observa:
 A algum obriga o medo, a que trasmonte;
 Outros se escondem pelo mato, ou erva;
 Muitos fugindo vêm com medo à morte,
 Crendo achar na caverna um lugar forte.

X

Mas o prudente Diogo, que entendia
 Não pouca parte do Idioma escuro,
 Por alguns meses, em que atento o ouvia,
 Elege um posto a combater seguro:
 Atento a toda a voz, que ouvir podia,
 Por escutar dos seus o caso duro,
 Entre esperanças, e receio intenso
 Sem susto estava sim, porém suspenso.

XI

Gupeva então, que aos mais se adiantava,
 Vendo das armas o medonho vulto,
 Incerto do que vê, suspenso estava,
 Nem mais se lembra do inimigo insulto;
 Algum dos Anhangás imaginava,
 Que dentro do grão-fantasma vinha oculto,
 E à vista do espetáculo estupendo
 Caiu por terra o mísero tremendo.

XII

Caiu com ele junta a brutal gente,
 Nem sabe o que imagine da figura,
 Vendo-a brandir com a alabarda ingente,
 E olhando ao morrião, que o transfigura:
 Ouve-se um rouco tom de voz fremente,
 Com que espantá-los mais o Herói procura;
 E porque temam de maior ruína,
 Faz-lhes a voz mais horrenda uma buzina.

XIII

Em tanto a gente bárbara prostrada,
 Tão fora de si está por cobardia,
 Que sem sentido estúpida, assombrada,
 Só mostra viva estar, porque tremia:
 Quais verdes varas de árvore copada,
 Se assopra a viração do meio-dia,
 De uma parte a outra parte se maneiam;
 Assim de medo os vis no chão perneiam.

XIV

Mas Diogo naqueles intervalos,
 Suspendendo o furor do duro Marte,
 Esperança concebe de amansá-los,
 Uma vez com terror, outra com arte:
 A viseira levanta, e vai buscá-los,
 Mostrando-se risonho em toda a parte:
 Levantai-vos (lhe diz) e assim dizendo,
 Ia-os co' a própria mão da terra erguendo.

XV

Gupeva, que no traje mais distinto
 Parecia na turba do seu Povo,
 O Principal no mando, meio extinto,
 Pelo horror de espetáculo tão novo
 Tremendo em pé ficou, sem voz, e instinto,
 E caíra sem dúvida de novo,
 Se nos braços Diogo o não tomara,
 E d'água ali corrente o borrifara.

XVI

Não temas (disse afável) cobra alento;
 E suprindo-lhe acenos o idioma,
 Dá-lhe a entender, que todo esse armamento
 Protege amigos, se inimigos doma:
 Que os não ofende o bélico instrumento,
 Quando de humana carne algum não coma;
 Que se a comerdes, tudo em cinza ponho...
 E isto dizendo, bate o pé, medonho.

XVII

Toma nas mãos (lhe diz) verás que nada
 Te hão de fazer de mal; e assim falando,
 Põe-lhe na mão a partasana, e espada,
 E vai-lhe à frente o morrião lançando.
 Diminui-se o horror na alma assombrada,
 E vai-se pouco a pouco recobrando,
 Até que a si tornando reconhece
 Donde está, com quem fala, e o que lhe oferece.

XVIII

Se d'além das montanhas cá t'envia
 O grão-Tupá (lhe diz) que em nuvem negra
 Escurece com sombra o claro dia,
 E manda o claro Sol, que o Mundo alegra;
 Se vens donde o Sol dorme, e se à Bahia
 De alguma nova Lei trazes a regra;
 Acharás, se gostares, na cabana,
 Mulheres, caça, peixe, e carne humana.

XIX

A carne humana! (replicou Diogo,
 E como pode, explica em voz, e aceno)
 Se vir que come algum, botarei fogo;
 Farei que inunde em sangue esse terreno.
 Pois se os bichos nos devem comer logo,
 (O Bárbaro lhe opõe com desampeno)
 A nós faz-nos horror, se eles nos comem;
 E é menos triste que nos trague um homem.

XX

O corpo humano (disse o Herói prudente)
 Como o brutal não é: desde que nasce,
 É morada do Espírito eminente,
 Em quem do grão-Tupá se imita a face.
 Sepulta-se na terra, qual semente,
 Que se não apodrece, não renasce;
 Tempo virá, que aos corpos reunida,
 Torne a noss'alma a respirar com vida.

XXI

O Lume da razão condena a empresa,
 Pois se o infando apetite o gosto adula,
 Para extinguir a humana Natureza,
 Sem mais contrários, bastaria a gula.
 Que se a malícia em vós, ou se a rudeza,
 O instinto universal de todo anula,
 É contudo entre os mais coisa temida,
 Que outrem por vos comer, vos tire a vida.

XXII

Disse Diogo, e conduzia à gruta,
 O Principal da bárbara caterva,
 Que ali seguido pela gente bruta,
 O lugar conhecido atento observa:
 Gupeva a tudo atende, e tudo escuta;
 Mas sempre o horror, que concebeu, conserva;
 E olhando as armas, sem que a mais se arroje,
 Chega com mão furtiva, apalpa, e foge.

XXIII

Vinha a noite já então seu negro manto
 Despregando na lúcida Atmosfera,
 Quando buscam sossego ao seu quebranto
 No ninho as aves, e na toca a fera:
 E quando o Sono com suave encanto
 Aos míseros mortais a dor modera;
 Mas não modera em Diogo a mordaz cura
 De amansar o furor da Gente dura.

XXIV

Por dissipar na gruta a sombra fria,
 Toma o férreo fuzil, que o fogo ateia;
 E vendo a rude gente, que o acendia,
 E brilhar de improviso uma candeia;
 Notando a pronta luz, que no óleo ardia,
 Não acaba de o crer de assombro cheia:
 Crêem portanto que o fogo do Céu nasça,
 Ou que Diogo nas mãos nascê-lo faça.

XXV

Era costume do Selvagem rude
 Roçar um lenho noutro com tal jeito,
 Que vinha por elétrica virtude
 A acender lume, mas com tardo efeito.
 Mas observando, sem que o lenho o ajude,
 Em menos de um momento o fogo feito;
 O mesmo imaginou, que a Grécia creu,
 Quando viu ferir fogo a Prometeu.

XXVI

Acesa luz na lóbrega caverna,
 Vê-se o que Diogo ali da nau levava;
 Roupas, armas, e, em parte mais interna,
 A pólvora em barris, que transportara,
 Tudo vão vendo à luz de uma lanterna,
 Sem que o apeteça a gente nada avara,
 Ouro, e prata, que a inveja não lhe atiça:
 Nação feliz! que ignora o que é cobiça.

XXVII

Mas entre objetos vários a que atende,
 Nota Gupeva extático a Pintura,
 Que num precioso quadro, que ali pende,
 Representava a Mãe da formosura:
 Se seja coisa viva, não entende;
 Mas suspeitava bem pela figura,
 Digna a pessoa, de que a Imagem era,
 De ser mãe de Tupá, se ele a tivera.

XXVIII

Esta (pergunta o Bárbaro) tão bela,
 Tão linda face, acaso representa
 Alguma formosíssima Donzela,
 Que esposa o grão-Tupá fazer intenta?
 Ou por ventura que nascesse dela,
 Esse, que sobre os Céus no Sol se assenta?
 Quem pode geração saber tão alta?
 Mas se há Mãe, que o gerasse, esta é sem falta.

XXX

Encantado está o pio Lusitano
 De ouvir em rude boca tal verdade;
 E adorando o Mistério soberano,
 Mãe ter não pode (disse) a Divindade.
 Mas sendo Deus eterno, fez-se humano,
 E sem lesão da própria Virgindade,
 A Donzela o gerou, que pisa a Lua,
 Digna Mãe de Tupá, Mãe minha, e tua.

XXX

Peçamos pois, que é Mãe, que nos defenda;
 Que te dê para ouvir dócil orelha;
 E contigo o teu Povo recomenda,
 Dizendo o Herói assim, devoto ajoelha.
 Gupeva o mesmo faz com fé estupenda;
 E pendente de Diogo, que o aconselha,
 Levanta as mãos, como ele levantava;
 E vendo-o lagrimar, também chorava.

XXXI

Mas crendo rude, como então vivia,
 Que fosse coisa viva a Imagem Santa;
 Que por Mãe de Tupá tudo sabia,
 Tendo poder conforme a glória tanta;
 Repete o que houve a Diogo com voz pia,
 E à Mãe de Deus o coração levanta:
 E encostando entre os rogos a cabeça,
 Faz a noite, e o desvelo que adormeça.

XXXII

Já no purpúreo, e trêmulo Horizonte,
 Rosas parece que espalhava a Aurora;
 E o Sol que nasce sobre o oposto monte,
 A bela luz derrama criadora:
 Ouvem-se as avezinhas junto à fonte,
 Saudando a manhã com voz sonora;
 E os mortais já do sono desatados
 Tornavam novamente aos seus cuidados.

XXXIII

Quando Gupeva manso, e diferente,
 Do que antes fora na fereza bruta,
 Convoca a ouvi-lo a multidão fremente,
 Que à roda estava da profunda gruta:
 Posto no meio da confusa Gente,
 Que toda dele pende, e atenta escuta:
 Valentes Paiaias (diz desta sorte)
 Que herdais o brio da prosápia forte.

XXXIV

Se ontem do vil Sergipe surpreendidos,
 Vimos o grão-terreiro posto a saco;
 Fomos cercados sim, mas não vencidos;
 Não foi vitória, foi traição de um fraco.
 Sabia bem por golpes repetidos,
 Com quanto esforço na peleja ataco;
 E como sem traição faria nada,
 Não tendo eu armas, vêm com mão armada.

XXXV

Sombra do grão-Tatu, de quem me ferve
 Nestas veias o sangue; de quem trago
 A invicta geração, que em guerra serve
 De espanto a todos, de terror, de estrago:
 Porque a glória a teu nome se conserve,
 E porque a cante da Bahia o lago,
 Mandas de lá de donde o Mundo acaba
 Para o nosso socorro este Imboaba.

XXXVI

Tu lhe mudaste em ferro a carne branda;
 Tu fazes que na mão se acenda, e lhe arda
 A viva chama, que Tupá nos manda;
 Tupá, que rege o Céu, que o Mundo guarda.
 Com ele hei de vencer por qualquer banda
 Com ele em campo armado, já me tarda
 O cobarde inimigo, que a encontrá-lo,
 Vivo, vivo me animo a devorá-lo.

XXXVII

Sabeis, Tapuias meus, como morrendo
 Nossos Irmãos, e Pais, que eles matavam,
 Postos debaixo já do golpe horrendo,
 Vosso nome aos vingar tristes chamavam.
 Também vistes na guerra combatendo,
 Que estrago neles estas mãos causavam,
 E as vezes que vos dei no campo vasto,
 Mil e mil deles por sabroso pasto.

XXXVIII

Mas não come o Estrangeiro, nem consente
 Comer-se carne humana; e só teria
 Outra carne qualquer por inocente,
 Aves, feras, Tatus, Paca, ou Cotia;
 Receba pois de nós grato presente,
 De quanto houver nos matos da Bahia;
 Saia-se à caça; e como lhe compete,
 Prepare-se a hospedagem de um banquete.

XXXIX

Separa-se o Congresso em breve espaço,
 Dispõe-se em alas numerosa Tropa:
 Quem com taquaras donde pende o laço,
 Onde a avezinha cai, se incauta o topa:
 Quem dos ombros suspende, e quem do braço
 Armadilhas diferentes; outro ensopa
 Em visgo as longas ramas do palmito,
 Onde impróvido caia o Periquito.

XL

Os mais com frecha vão, que a um tempo seja
 Tiro, que ofenda a fugitiva caça;
 Ou armas (se ocorresse) na peleja,
 Quando o inimigo de emboscada a faça:
 E porque aos mais presida, e tudo veja,
 À frente do Esquadrão Gupeva passa;
 Nem fica Diogo só, que tudo via,
 Mas segue armado a forte companhia.

XXI

Mais arma não levou, que uma espingarda;
 E posto ao lado de Gupeva amigo,
 Pronto a todo o acidente, e posto em guarda,
 Traz na cautela o escudo ao seu perigo.
 Em tanto a destra gente a caça aguarda,
 E algum se afouta a penetrar no abrigo,
 Onde esconde a Pantera os seus cachorros,
 Outro a segue por brenhas, e por morros.

XXII

Até que de Gupeva comandada,
 Em círculo se forma a linha unido,
 Onde quanto há de caça já espantada,
 Fique no meio de um cordão cingido:
 A rés ali do estrondo amedrentada,
 Num centro está de espaço reduzido:
 À mão mesmo se colhe: cousa bela!
 Que dá mais gosto ver, do que comê-la.

XXIII

Não era assim nas aves fugitivas,
 Que umas frechava no ar, e outras em laços
 Com arte o Caçador tomava vivas:
 Uma porém nos líquidos espaços
 Faz com a pluma as festas pouco ativas,
 Deixando à lisa pena os golpes laços.
 Toma-a de mira Diogo, e o ponto aguarda:
 Dá-lhe um tiro, e derriba-a co'a espingarda.

XXIV

Estando a turba longe de cuidá-lo,
 Fica o bárbaro ao golpe estremecido,
 E cai por terra no tremendo abalo
 Da chama, do fracasso, e do estampido:
 Qual do hórrido trovão com raio, e estalo
 Algum junto a quem cai, fica aturdido:
 Tal Gupeva ficou, crendo formada
 No arcabuz de Diogo uma trovoada.

XLV

Toda em terra prostrada exclama, e grita
 A turba rude em mísero desmaio,
 E faz o horror, que estúpida repita
 Tupá, Caramuru, temendo um raio.
 Pretendem ter por Deus, quando o permita,
 O que estão vendo em pavoroso ensaio,
 Entre horríveis trovões do márcio jogo,
 Vomitar chamas, e abrasar com fogo.

XLVI

Desde esse dia é fama, que por nome
 Do grão-Caramuru foi celebrado
 O forte Diogo; e que escutado dome
 Este apelido o Bárbaro espantado:
 Indicava o Brasil no sobrenome,
 Que era um dragão dos mares vomitado:
 Nem doutra arte entre nós a antiga idade
 Tem Jove, Apolo, e Marte por Deidade.

XLVII

Foram qual hoje o rude Americano,
 O valente Romano, o sábio Argivo;
 Nem foi de Salmoneu mais torpe o engano,
 Do que outro Rei fizera em Creta altivo.
 Nós que zombamos deste Povo insano,
 Se bem cavarmos no solar nativo,
 Dos antigos Heróis dentro às imagens,
 Não acharemos mais, que outros Salvagens.

XLVIII

É fácil propensão na brutal gente,
 Quando em vida ferina admira uma arte,
 Chamar um fabro o Deus da forja ingente;
 Dar ao guerreiro a fama de um Deus Marte.
 Ou talvez por sulfúreo fogo ardente,
 Tanto Jove se ouviu por toda a parte:
 Hércules, e Teseus, Jasões no Ponto
 Seriam cousas tais, como as que eu conto.

XLIX

Quanto merece mais, que em douta Lira
 Se cante por Herói, quem pio, e justo,
 Onde a cega Nação tanto delira,
 Reduz à humanidade um Povo injusto?
 Se por Herói no Mundo só se admira,
 Quem tirano ganhava um nome Augusto;
 Quanto o será maior, que o vil tirano,
 Quem nas feras infunde um peito humano?

L

Tal pensamento então n'alma volvia
 O grão-Caramuru, vendo prostrada
 A rude multidão, que Deus o cria,
 E que espera desta arte achar domada:
 Política infeliz da Idolatria,
 Donde a antiga cegueira foi causada;
 Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
 Quando aumenta o terror, recusa o culto.

LI

De Tupá sou (lhe disse) Onipotente
 Humilde escravo, e como vós me humilho;
 Mas do horrendo trovão, que arrojado ardente,
 Este raio vos mostra, que eu sou filho.
 (Disse, e outra vez dispara em continente)
 Do meio do relâmpago, em que brilho,
 Abrasarei qualquer, que ainda se atreva
 A negar a obediência ao grão-Gupeva.

LII

Deu logo a amiga mão com grato aspecto
 Ao mísero Gupeva, que convulso
 No horror daquele ignívomo prospecto,
 Jazia sem sentido, e já sem pulso:
 Não temas (diz-lhe) amigo, que eu prometo,
 Que de meu braço se não mova impulso,
 Senão contra quem for tão temerário,
 Que sendo-te eu amigo, é teu contrário.

LIII

Recobra o bom Gupeva um novo alento,
 Sentindo a grata mão, que à vida o chama;
 Nem pode duvidar pelo experimento,
 De quanto Diogo com fineza o ama;
 Mas sempre com receio do instrumento
 Teme que outra vez lance a horrível chama;
 E deixa-o no erro Diogo, a fim que incerto,
 Nenhum pelo pavor se chegue ao perto.

LIV

Mas por deixar incerta a Gente infida,
 Dá-lhe astuto o arcabuz, que não tem carga;
 E quem (diz) é fiel, pode com vida
 Tê-lo na mão sem hórrida descarga;
 Porém se algum faltasse à fé devida,
 Sentirá da traição por pena amarga,
 Com próprio dano seu, com mortal risco,
 Relâmpago, e trovão, fogo, e corisco.

LV

Que eu acordado esteja, ou que adormeça,
 Vigia em guarda minha o fogo oculto,
 E a traição pagará com a cabeça,
 Quem tentasse fazer-me um leve insulto.
 Porém se eu mal não quero, que aconteça,
 Pode um menino, como pode o adulto,
 E o mais fraco, que houver na vossa Gente,
 Ter o trovão nas mãos, sem que arrebente.

LVI

Porém guardai-vos vós, que só no peito,
 Só n'alma, que tendes tenção malina,
 Vereis que trovão faz por meu respeito,
 E que vem no estampido a vossa ruína.
 Treme Gupeva, ouvindo este conceito,
 E humilde a frente ao grão-Diogo inclina:
 Certo de não faltar na fé que rende,
 Donde o raio, e trovão crê que depende.

LVII

Convoca em tanto o Principal temido
 As esquadras da turba, então dispersa,
 E ao grão-Caramuru pede rendido
 Que eleja casa no País diversa:
 E que a gruta deixando, suba unido,

Onde em vasta cabana o Povo versa;
 Nem duvide que a Gente fera, e brava
 O sirva humilde, e se sujeite escrava.

LVIII

No Recôncavo ameno um posto havia
 De troncos imortais cercado à roda,
 Trincheira natural, com que impedia,
 A quem quer penetrá-lo, a entrada toda:
 Um plano vasto no seu centro abria,
 Aonde edificando à pátria moda,
 De troncos, varas, ramos, vimes, canas
 Formaram, como em quadro, oito cabanas.

LIX

Qualquer delas com mole volumosa
 Corre direita em linhas paralelas;
 E mais comprida aos lados, que espaçosa,
 Não tem paredes, ou colunas belas:
 Um ângulo no cume a faz vistosa,
 E coberta de palmas amarelas,
 Sobre árvores se estriba, altas, e boas,
 De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

LX

Qual o velho Noé na imensa barca,
 Que a bárbara cabana em tudo imita,
 Ferozes animais pródigo embarca,
 Onde a turba brutal tranqüila habita:
 Tal o rude tapuia na grand' arca;
 Ali dorme, ali come, ali medita;
 Ali se faz humano, e de amor mole,
 Alimenta a mulher, e afaga a prole.

LXI

Dentro da grã-choupana a cada passo
 Pende de lenho a lenho a rede extensa:
 Ali descanso toma o corpo lasso;
 Ali se esconde a marital licença:
 Repousa a filha no materno abraço
 Em rede especial, que tem suspensa:
 Nenhum se vê (que é raro) em tal vivenda,
 Que a mulher de outrem, nem, a filha ofenda.

LXII

Ali chegando a Esposa fecundada
 A termo já feliz, nunca se omite
 De pôr na rede o Pai a prole amada,
 Onde o amigo, e parente o felicite:
 E como se a mulher sofrera nada,
 Tudo ao Pai reclinado então se admite,
 Qual fora, tendo sido em modo sério
 Seu próprio, e não das Mães o puerpério.

LXIII

Quando na rede encosta o tenro infante,
 Pinta-o de negro todo, e de vermelho;
 Um pequeno arco põe, frecha volante,
 E um bom cutelo ao lado; e em tom de verme
 Com discurso patético, e zelante,
 Vai-lhe inspirando o paternal conselho;
 Que seja forte diz, (como se o ouvisse)
 Que se saiba vingar, que não fugisse.

LXIV

Dá-lhe depois o nome, que apropria
 Por semelhança que ao Infante iguala,
 Ou com que o espera célebre algum dia;
 Senão é por defeito que o assinala:
 A algum na frente o nome se imprimia,
 Ou pintam no verniz, que tem por gala;
 E segundo a figura se lhe observa,
 Dão-lhe o nome de fera, fruto, ou erva.

LXV

Trabalha em tanto a Mãe sem nova cura,
 Quando o parto conclui, e em tempo breve,
 Sem mais arte que a próvida natura,
 Sente-se lesta, e sã, robusta, e leve:
 Feliz Gente, se unisse com fé pura
 A sóbria educação, que simples teve!
 Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo,
 Que é mais que pena, ou dor, melindre, e mimo.

LXVI

Vai com o adulto filho à caça, ou pesca
 O solícito Pai pelo alimento:

O peixe à mulher traz, e a carne fresca,
 E à tenra prole a fruta por sustento:
 A nova provisão sempre refresca,
 E dá nesta fadiga um documento,
 Que quem nega o sustento a quem deu vida,
 Quis ser Pai, por fazer-se um parricida.

LXVII

Que se acontece que a enfermar se venha,
 Concorre com piedade a turba amiga;
 E por dar-lhe um remédio, que convenha,
 Consultam-no entre si com Gente antiga:
 Buscam quem de erva saiba, ou cura tenha,
 Que possa dar alívio ao que periga,
 Ou talvez sangram numa febre ardente,
 Servindo de lanceta um fino dente.

LXVIII

Mas vendo-se o mortal já na agonia,
 Sem ter para o remédio outra esperança,
 Estima a bruta Gente; ação mui pia,
 Tirar-lhe a vida com a maça, ou lança:
 Se morre o tenro filho, a Mãe seria
 Estimada cruel, quando a criança,
 Que pouco antes ao Mundo dela veio,
 Não torna ao seu lugar no próprio seio.

LXIX

Tal era o Povo rude, e tal usança
 Se lhe vê praticar no vício iluso:
 Tudo nota Diogo, na esperança
 De corrigir por fim tão cego abuso.
 No lugar da cabana, em que descansa
 Menos da gente, e multidão confuso,
 Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
 De rica, e mole pluma entre tecida.

LXX

Mas eis que um grande número o rodeia
 De emplumados feiússimos Salvagens:
 Ouve-se a casa de clamores cheia;
 Costume antigo seu nas hospedagens.
 Qualquer chegar-se a Diogo ainda receia,
 Por ter visto as horríficas passagens;
Mas mair ma apadu de longe explicam,
E bem-vindo o estrangeiro significam.

LXXI

Por costumado obséquio os mais luzidos
 Tomam Diogo nos braços; e no peito
 A frente lhe apertavam comedidos:
 Sinal entr' eles do hospital respeito.
 Tiram-lhe em pressa as roupas, e vestidos;
 E pondo-o sobre a rede, como em leito,
 Sem mais dizer-lhe nada, e sem ouvi-lo,
 Tudo se afasta, e deixam-no tranqüilo.

LXXII

Com maior cerimônia outra visita
 Festiva celebrava o seu cortejo;
 Femínea turba, que o costume incita
 A oferecer-se honesta ao seu desejo;
 Senta-se sobre os pés, e felicita,
 Cobrindo o rosto a mão, como por pejo;
 Vestidas vêm de folhas tão brilhantes,
 Que o que falta ao valor, têm de galantes.

LXXIII

Parece ser da mesa o dispenseiro
 Um Salvagem, que o nome lhe pergunta:
 Se tem fome, lhe diz; ou se primeiro
 Queria beber? e logo ajunta,
 Sem mais resposta ouvir, sobre o terreiro
 A comida que trouxe em cópia munta:
 Põe-se-lhe Uiçu de peixe, e carne crua,
 E o mimoso Cauim, que é paixão sua.

LXXIV

Todos com gula comem furiosa,
 Sem olhar, sem falar, nem distrair-se:
 Tanto se absorvem na paixão gulosa,

Que mal pudera ao vê-los distinguir-se,
 Se são feras, ou homens. Vergonhosa,
 Triste miséria humana! confundir-se
 Um peito racional c'um bruto seio
 No horrendo vício, donde o mal nos veio.

LXXV

Acabada a comida, a turba bruta
O estrangeiro bem-vindo outra vez grita;
 E a tropa feminina, que isto escuta,
 Cobre a face co'as mãos, e o pranto imita:
 Gupeva pois que o hóspede reputa,
 Causa do seu prazer, e autor da dita;
 O Sacro fogo a roda lhe ateava,
 Cerimônia hospital, que o povo usava.

LXXVI

Bem presumia Diogo, no que explora,
 Que algum mistério se ocultava interno;
 Lembra-lhe a chama, que o Caldeu adora;
 O fogo das Vestais recorda eterno;
 Nem duvidava que de origem fora
 Costume da Nação, rito paterno;
 Trazido, se é possível que se creia,
 Na dispersão das Gentes, da Caldéia.

LXXVII

Perguntá-lo dos bárbaros quisera;
 Mas como o aceno, e língua muito engana,
 Acaso soube que a Gupeva viera
 Certa Dama gentil Brasileira:
 Que em Taparica um dia compreendera
 Boa parte da língua Lusitana;
 Que Português escravo ali tratara,
 De quem a língua, pelo ouvir, tomara.

LXXVIII

Paraguaçu gentil (tal nome teve)
 Bem diversa de Gente tão nojosa;
 De cor tão alva, como a branca neve;
 E donde não é neve, era de rosa:
 O nariz natural, boca mui breve,
 Olhos de bela luz, testa espaçosa:
 De algodão tudo o mais, com manto espesso,

Quanto honesta encobriu, fez ver-lhe o preço.

LXXIX

Um Principal das terras do contorno
 A bela Americana tem por filha;
 Nobres sem fasto, amável sem adorno;
 Sem gala encanta, e sem concerto brilha:
 Servia aos Carijós, que tinha em torno,
 Mais que de amor, de objeto a maravilha:
 De um desdém tão gentil, que a quem olhava,
 Se mirava imodesto, horror causava.

LXXX

Foi destinada de seus Pais valentes,
 Esposa de Gupeva; mas a Dama
 Fugia de seus olhos impacientes,
 Nem prenda lhe aceitou, porque o não ama:
 Nada sabem de amor bárbaras gentes,
 Nem arde em peito rude a amante chama;
 Gupeva, que não sente o despeito,
 Tratava-a sem amor, mas com respeito.

LXXXI

Deseja vê-la o forte Lusitano;
 Porque interpreta a língua, que entendia;
 E toma por mercê do Céu soberano
 Ter como entenda o idioma da Bahia:
 Mas quando esse prodígio avista humano,
 Contempla no semblante a louçania:
 Pára um, vendo o outro; mudo, e quedo,
 Qual junto de um penedo outro penedo.

LXXXII

Só tu, Tutelar Anjo, que o acompanhas,
 Sabes quanto a virtude ali se arrisca,
 E as fúrias da paixão, que acende estranhas
 Essa de insano amor doce faísca:
 Ânrias no coração sentiu tamanhas,
 (Ânrias, que nem na morte o tempo risca)
 Que houvera de perder-se naquel' hora,
 Se não fora Cristão, se Herói não fora.

LXXXIII

Mas desde o Céu a Santa Inteligência

Com doce inspiração mitiga a chama;
 Onde a amante paixão ceda à prudência,
 E a razão pode mais, que a ardente flama:
 Em Deus na natureza, e na consciência
 Conhece, que quer mal quem assim ama;
 E que fora sacrílego episódio
 Chamar à culpa amor, não chamar-lhe ódio.

LXXXIV

No raio deste heróico pensamento
 Em tanto Diogo refletiu consigo,
 Ser para a língua um cômodo instrumento
 Do Céu mandado na donzela amigo:
 E por ser necessário ao Santo intento,
 Estuda no remédio do perigo,
 Que pode ser? sou fraco: ela é formosa...
 Eu livre... ela donzela... será esposa.

LXXXV

Bela (lhe disse então) gentil Menina,
 (Tornando a si do pasmo, em que estivera)
 Sorte humana não é, mas é Divina,
 Ver-me a mim; ver-te a ti na nova esfera:
 Ela a frase, em que falo, aqui te ensina;
 Ela, se não me engana o que a alma espera,
 Um fogo em nós acende, que de resto
 Eterno haja de arder, se arder honesto.

LXXXVI

Desde hoje se a meus olhos corresponde
 O meigo olhar das lúcidas pupilas;
 Se amor é... porque amor quem é que o esconde,
 Se por ele essas lágrimas destilas:
 Com que chamas meu peito te responde,
 Com mão de Esposa poderás senti-las;
 Disse; e estendendo a mão, ofereceu-lha;
 Ela que nada diz, sorriu-se, e deu-lha.

LXXXVII

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixara;
 E ou de amante, ou também de vergonhosa,
 Um tão belo rubor lhe tinge a cara,
 Como quando entre os lírios nasce a rosa:
 Três vezes quis falar, três se calara;
 E ficou do soçobro tão formosa,
 Quanto ele ficou cego; e em tal porfia,
 Nem um, nem outro então de si sabia.

LXXXVIII

Mas refletindo logo o Herói prudente,
 Fixou no coração com fé segura,
 Não cumprir as promessas de presente,
 Antes que lhe entre n'alma a formosura:
 Rende-lhe o seu amor, mas inocente,
 E faz-lhe prometer, que com fé pura,
 Enquanto se não lava, e regenera,
 Em continência viverão sincera.

LXXXIX

E esta fé (lhe diz) Esposa em Deus querida,
 Guardar-te hoje prometo em laço eterno,
 Até banhar-te n'água prometida,
 Por cândida afeição de amor fraterno:
 Amor, que sobreviva à própria vida;
 Amor, que preso em laço sempiterno,
 Arda depois da morte em maior chama;
 Que assim trata de amor, quem por Deus ama.

XC

Esposo (a bela diz) teu nome ignoro;
 Mas não teu coração, que no meu peito
 Desde o momento, em que te vi, que o adoro:
 Não sei se era amor já, se era respeito:
 Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,
 Que de dois corações um só foi feito.
 Quero o Batismo teu, quero a tua Igreja,
 Meu Povo seja o teu, teu Deus meu seja.

XCI

Ter-me-ás, caro, ter-me-ás sempre a teu lado:
 Vigia tua, se te ocupa o sono;
 Armada sairei, vendo-te armado;
 Tão fiel nas prisões, como num trono:
 Outrem não temas, que me seja amado:
 Tu só serás, Senhor, tu só meu dono:
 Tanto lhe diz Diogo, e ambos juraram;
 E em fé do juramento, as mãos tocaram.

CANTO III

I

Já nos confins extremos do Horizonte
 Dourava o Sol no ocaso rubicundo
 Com túbio raio acima do alto monte;
 E as sombras caem sobre o vale fundo:
 Ia morrendo a cor no prado, e fonte;
 E a noite, que voava ao novo Mundo,
 Nas asas traz com viração suave
 O descanso aos mortais no sono grave.

II

Só com Gupeva a Dama, e com Diogo
 Gostosa aos dois de intérprete servia;
 E perguntado sobre o Sacro fogo,
 A qual fim se inventara? a que servia?
 Deu-lhe simples razão Gupeva logo:
 Supre de noite (disse) a luz do dia;
 E como Tupá ao Mundo a luz acende,
 Tanto fazer-se aos hóspedes empreende.

III

Se pecando o mau espírito solevas,
 Sucede que talvez cruel se enoje;
 E como é Pai da noite, e Autor das trevas,
 Tanto aborrece a luz, que em vendo-a foge:
 Porém se à Luz eterna o peito elevas,
 Não há fúria do Averno que se arroje;
 Talvez por lhe excitar tristes idéias,
 Das chamas, que tiveram por cadeias.

IV

Admira o pio Herói, que assim conheça
 A Nação rude as legiões do Averno;
 Nem já duvida que do Céu lhe desça
 Clara luz dum Princípio sempiterno.
 Disse-me, Hóspede amigo, se professa
 Este teu Povo, diz, com culto externo
 Adorar algum Deus? qual é? onde ande?
 Se seja um Deus somente, ou que outros mande?

V

Um Deus (diz) um Tupá, um ser possante
 Quem poderá negar que reja o Mundo,
 Ou vendo a nuvem fulminar tonante;
 Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
 Quem enche o Céu de tanta Luz brilhante?
 Quem borda a Terra de um matiz fecundo?
 E aquela sala azul, vasta, infinita,
 Se não está lá Tupá, quem é que a habita?

VI

A chuva, a neve, o vento, a tempestade
 Quem a rege? a quem segue? ou quem a move?
 Quem nos derrama a bela claridade?
 Quem tantas trevas sobre o Mundo chove?
 E este espírito amante da verdade,
 Inimigo do mal, que o bem promove,
 Cousa tão grande, como fora obrada,
 Se não lhe dera o ser, quem vence o nada?

VII

Quem seja este grande Ente, e qual seu nome,
 (Feliz quem saber pode) eu cego o ignoro;
 E sem que a empresa de sabê-lo tome,
 Sei que é quem tudo faz, e humilde o adoro:
 Nem duvido que os Céus, e Terra dome,
 Quando nas nuvens com terror o exploro,
 Deixando o mortal peito em vil desmaio,
 Ameaçar no trovão, punir no raio.

VIII

Só pasmo se nos fez, como não veio,
 Devendo amar o que obra de mão sua,
 Ao Mundo de Anhangás cercado, e cheio

A livrar o Homem dessa besta crua!
 Como é possível que não desse um meio,
 Com que a mente ignorante, enferma, e nua
 Tratar com ele possa, quando é claro
 Que o Pai não deixa o filho em desamparo?

IX

Sinto bem remorder dentro em meu peito
 Lembrança, que me acusa: por mim fica
 Se mais bem do que faz, me não tem feito,
 Que é néscio quem o ingrato beneficia.
 Outro Povo talvez mereça eleito
 A assistência dos Céus de graças rica;
 Nem contra Deus se justifica a queixa,
 Que costume deixar, quem o não deixa.

X

Mas se do Trono Celestial, e Eterno
 Apesar da malícia nos visita;
 Quem sabe se por zelo hoje paterno
 A nosso bem mandar-te aqui medita.
 Pois creio bem que contra o fogo Averno
 Trazes a chama, que a do raio imita,
 Ou que vens como luz, de Etéreo assento,
 Por levar-nos contigo ao Firmamento.

XI

Pasmava o Lusitano da eloquência
 Com tão alto pensar numa alma rude;
 Notando como a Eterna Sapiência
 A face a todos mostra da virtude.
 E reputava por maior clemência,
 Que a quem, se a fé conhece, ingrato a ilude;
 Negasse Deus a luz, que os outros viam;
 Porque tendo-a maior, mais cegariam.

XII

Não deixa nunca os seus o Céu piedoso
 (Diogo respondeu) que à terra indigna
 Manda o seu Unigênito glorioso,
 Que ofereça, a quem o invoca, a mão benigna:
 Mas se antevisse no Homem pernicioso
 Uma livre eleição sempre maligna,
 Por dar-lhe menos pena em menor falta

Em sombra, como à voz, deixa tão alta.

XIII

Tendes em tanto um claro sentimento,
 Que espírito imortal se nos concede...
 Sim, diz Gupeva, que o decide atento,
 Quem tudo quanto sente parte, ou mede:
 Mas mirando ao seu próprio pensamento,
 Vê que a medida sempre intacto excede;
 E sendo indivisível desta forte,
 Como pode a razão sofrer a morte?

XIV

Quantas vezes em mim, se ser pudesse,
 Um pensamento d'alma eu dividira;
 Que todo o mal enfim que o homem padece,
 Vem d'imagem cruel, que dentro gira.
 Mas a interna impressão tanto mais cresce,
 Quanto o peito ansiado mais suspira:
 E vejo que há em mim mesmo oculto, e interno
 Entre a mente, e a verdade um laço eterno.

XV

Sendo a mente mortal, tornara ao nada,
 Ao apagar-se a luz no extremo dia;
 E antes de ser punida, ou premiada,
 Uma alma justa, ou ré pereceria;
 Sempre em desejos, nunca saciada;
 Má sem castigo; e sem fortuna pia;
 Sem chegar ao seu fim perder a essência...
 Como é crível, que Deus tem Providência?

XVI

Se o fim do inerte bruto se inquirisse,
 No contexto das obras respondera,
 Que fora feito, porque nos servisse,
 E que eterno destino não tivera:
 Onde era bem que a morte destruísse
 Quem para imortal fim nunca nascera;
 Porque lhe dera, a tê-lo, o Céu Divino
 Outro corpo, outra forma, outro destino.

XVII

Que o bruto elege, pensa, que discorre
 Do que o vemos obrar fica evidente;
 Mas cada espécie a um curto fim concorre,
 Sem órgãos, e aptidão com que outro intente.
 O homem tudo quer, por tudo corre,
 Tem órgãos para tudo, e tudo sente;
 Infinito em pensar, e no que vejo
 Maior que no pensar no seu desejo.

XVIII

Tudo domina só, tudo governa,
 Sem que a outro animal servir costume;
 Toda outra espécie à sua é subalterna,
 E se imortal nascera, fora um Nume:
 Arbítrio Universal, Razão Eterna,
 Capaz de receber o imenso lume,
 E fora mais, se a morte o dissipara,
 Que se Céu, Terra, e Inferno aniquilara.

XIX

Pasmado Diogo do que atento escuta,
 Não crê que a singular Filosofia
 Possa ser da invenção da Gente bruta;
 Mas a intérprete bela lhe advertia,
 Que a antiga Tradição nunca interrupta
 Em cantigas, que o Povo repetia,
 Desde a idade infantil todos compreendem,
 E que dos Pais, e Mães cantando o aprendem.

XX

Que eram pedaços das Canções, que entoam
 As que ouvia a Gupeva (e talvez tudo)
 Que em Poético estilo doces soam
 Feitas por Sábios de sublime estudo.
 Que alguns entre eles com tal estro voam,
 Que envolvendo-se o harmônico no agudo,
 Parece que lhe inflama a fantasia
 Algum Nume, se o há, da Poesia.

XXI

Tendo Paraguaçu dito discreta,
 Prossegue então Gupeva os seus assuntos:
 Que se as almas morressem, que indiscreta

A memória seria dos defuntos?
 A que servira a Lei, que nos decreta,
 Que no sepulcro se lhe ponham juntos
 Comidas, arcos, frechas? quem resiste
 A quem depois da morte não subsiste?

XXII

O inimigo Anhangá, logo que deixa
 A nossa alma esta carne, em fúria a invade,
 E do mal, que cá fez, cruel se queixa,
 Até que em sombras entre, ou claridade:
 O Rito do sepulcro expresso deixa,
 Que enterrando-se em pé, na Eternidade
 O fim buscamos, a que Deus nos cria;
 E que antes de o alcançar, se segue a via.

XXIII

Deste princípio nasce, que com prantos
 Noite, e dia se chora o seu decesso;
 Louvam-se nos Congressos como Santos,
 E põe-se no sepulcro um marco expresso:
 Tantas memórias pois, officios tantos
 A que fim se a alma acaba, eu não conheço:
 A expiação, e obséquio era frustrado,
 Se ela não vive, ou purga algum pecado.

XXIV

Costumes são da oculta Antiguidade,
 Que o grão-Tamandaré desde alta origem
 Às Gentes ensinou, com que à piedade
 Todas no Mundo as almas se dirigem:
 E quando algum conteste esta verdade,
 Provam-na os Anhangás, que nos afligem,
 Pedindo aos Nigromantes que a alma vendam,
 No que uma alma imortal nos recomendam.

XXV

Que é desde nossos Pais fama constante,
 Que aonde o Sol se põe nessas montanhas
 Há um fundo lugar, de que é habitante
 O pérfido Anhangá com cruéis sanhas:
 Ali de enxofre a escuridão fumante
 Com portas encerrou Tupá tamanhas,
 Que as não pode forçar, nem todo o Inferno:
 A morte é a chave; e o cadeado é eterno.

XXVI

Dentro nada se vê na sombra escura;
 Mas no vislumbre fúnebre, e tremendo
 Distingue-se com vista malsegura,
 Um Antro vasto, tenebroso, e horrendo:
 Ordem nenhuma tem: tudo conjura
 Ao sempiterno horror, que ali compreendo:
 Mutuamente mordendo-se de envolta,
 Um noutro agarra, se o primeiro o solta.

XXVII

Se viste onda sobre onda procelosa,
 Quando bate escumando a areia funda,
 Como esta aquela engole; e mais furiosa
 Montanha d'água vem, que ambas afunda:
 Tal na caverna lôbrega horrorosa
 Onda, e onda de fogo os maus inunda:
 Este sobe; este desce; e um cataclismo
 Alaga as nuvens, e descobre o abismo.

XXVIII

Aqui o fero Anhangá caiu, (se conta)
 Quando do grão-Tupá rompia o jugo;
 E vem dos Astros, que soberbo monta,
 A ser em pena vil, do homem verdugo:
 Ali com mão cruel, com fúria pronta
 Pune da nossa espécie o vil refugo;
 E em vez de mãos as miserandas Gentes,
 Enrosca em laços de cruéis serpentes.

XXIX

Ali do grão-Tupá por Lei severa,
 No incêndio está, que o tempo não apaga,
 Quem torpe incesto faz; quem adultera;
 Quem é réu da lascívia infame, e vaga:
 Cada um, como a culpa cometera,
 Tanto, e no próprio membro o crime paga:
 Fere-se a quem feriu; mas o homicida
 Só porque morra mais, não perde a vida.

XXX

Sentada em meio da morada horrenda,
 Branca de cãs, e imóvel na manobra,
 Imensa sombra faz, que a cauda prenda
 Dentro na boca horrível uma cobra:
 Com rouca voz, e intimação tremenda
 Ao tempo preso na vipérea dobra
 Diz, retumbando em eco a cavidade:
 Oh vida! oh tempo! oh morte! oh eternidade!

XXXI

Além da grã-montanha, em que se oculta
 O cárcere das sombras horroroso;
 De mil delícias num terreno exulta
 Quem vive justo, ou quem morreu piedoso:
 Não se acha imagem nesta terra inculta,
 Que seja sombra do País ditoso:
 O Templo ali da Paz foi levantado,
 Sempre aberto ao prazer, e à dor fechado.

XXXII

Há do ameno jardim na vasta entrada
 Uma grã-porta de safiras belas,
 Onde da etérea Luz reverberada,
 Se pinta em vasto fundo um mar de estrelas;
 Toda ela em torno, em torno decorada
 De floridas belíssimas capelas:
 Junto voragem há de um precipício,
 Que sorve a quem se encosta infecto em vício.

XXXIII

Vêm-se dentro campinas deleitosas,
 Geladas fontes, árvores copadas;
 Outeiros de cristal, campos de rosas,
 Mil frutíferas plantas delicadas:
 Coberto o chão das frutas mais mimosas,
 Com mil formosas cores matizadas,
 E à maneira, entre as flores, de serpentes
 Vão volteando as líquidas correntes.

XXXIV

Latadas de martírios há sombrias,
 Que com a rama, e flor formam passeios;
 Onde passam sem calma os claros dias,
 Gozando sem temor de mil recreios:
 Chuvas ali não há, nem brumas frias,
 Nem das procelas hórridas receios;
 Nem há na Primavera, e verdes Maios
 Quem receie o trovão, nem tema os raios.

XXXV

Entre o sussurro ali das fontezinhas,
 Harmônica se escuta a voz sonora,
 Com que mil inocentes avezinhas
 Entoam a alvorada à fresca Aurora:
 Muitas com vôos vão ao Céu vizinhas;
 Outra segue o Consorte, a quem namora,
 E mil doces requebros gorjeando,
 De raminho em raminho vai faltando.

XXXVI

Uma ave entre outras há que se discorre,
 Ou fama certa seja, ou voz fingida,
 Que do jardim a nós, de nós lá corre,
 Como fiel correio da outra vida:
 Dizem que voa, quando algum cá morre,
 E exprime no seu canto enternecida
 O que alma passa nas eternidades,
 E que nos leva, e traz doces saudades.

XXXVII

Neste ameno jardim vivem contentes
 As almas, que no Mundo valerosas
 A Santa Lei guardaram diligentes,
 Obrando ações na vida gloriosas:
 Os que foram na guerra mais valentes,
 E a Pátria com ações guardam honrosas;
 E os que em bélico horror com peito forte
 Temem mais uma afronta, do que a morte.

XXXVIII

Aqui do grão-Tupá no amado seio
 Conversam, dançam, jogam sem fastio;
 Uns dos males passados sem receio
 Contam da crua guerra o caso ímpio:
 Outros da própria morte o golpe feio,
 Recordam sem pavor, contam com brio,
 Que o recordar um mal, que é já passado,
 Dá depois mais prazer, que então cuidado.

XXXIX

Ali dos Pais as almas venturosas
 Unidas sempre estão ao Filho amado;
 E o prêmio das fadigas laboriosas
 Gozam no seio um d'outro sem cuidado:
 A Mãe abraça as filhas amorosas;
 Como o Esposo a Consorte em puro agrado;
 Sem guerra, sem contenda, sem porfia
 Passam tranqüila a noite, e alegre o dia.

XL

Mas o que é mais suave, o que é mais doce,
 É gozar-se entre tanta amenidade
 De todo o bom desejo a inteira posse;
 Nem ter de cousa vã necessidade:
 Oh quem de tanto bem possessor fosse!
 Grato País! amável liberdade!
 Onde por graça de Tupá infinita
 Ninguém padece, teme, ou necessita.

XXI

Dizendo assim, Gupeva entorneceu-se,
 Sentindo a força, que o mortal levanta
 À Bem-aventurança: comoveu-se
 Também Diogo, vendo que em luz tanta
 Tão pouco de Deus sabe: a todos deu-se
 O eterno lume, cópia da Lei santa;
 Mas bem que de esplendor inunde um pego,
 Quem é indigno de Deus, fica mais cego.

XXII

Que valem (disse ao bárbaro ignorante)
 Jardins, flores, delícias, e prazeres,
 Faltando o Objeto enfim mais importante,
 Que é a face de Tupá? pois de a não veres,
 Todo outro bem, que gozes por brilhante,
 Por belo, por maior, que o conceberes,
 Para a nossa cobiça mal saciada,
 É vil, é vão, é pouco, é fumo, é nada.

XXIII

Finge que possa o Homem gozar junto
 Destes bens cá da terra um vasto rio;
 Quanto Deus criar pode, tudo e munto;
 Quem dele não gozar, fica vazio:
 Se o Mundo a uma alma basta, eu não pergunto;
 Que ela goze infinitos, sempre eu fio;
 Que qual hidropesia verdadeira,
 Quantos mais possuir, tantos mais queira.

XXIV

Toda essa glória, que me tens pintado,
 Sem mais que um bem do Mundo circunscrito,
 Não é, Gupeva meu, mais que um bocado,
 Para quem só se farta do infinito:
 E quando tudo o mais se haja logrado,
 Se é um bem transitório, se é finito,
 Em breve hás de sentir, e sem remédio
 Do futuro ânsia, e do passado tédio.

XLV

Deus, caro amigo meu, é Deus somente
 Quem pode saciar nossa vontade:
 Chegar à parte aonde o ver contente,
 E vê-lo ali por toda a eternidade:
 Todo o bem nele está sumo, e eminente,
 Honra, glória, grandeza, majestade:
 Esta é, se discorres em bom siso,
 A idéia, que hás de ter de um Paraíso.

XLVI

Porém narra-me em tanto o que se pensa
 Entre vós dos princípios deste Mundo:
 Quando? como? por quem na idéia imensa
 Se tomou a medida ao Céu profundo?
 Qual foi o Homem primeiro, e de qual crença?
 Ou se notícia tens do Adão segundo?
 De qual origem sois, ou de qual gente?
 Ou quem veio a povoar tal Continente?

XLVII

Memória nunca ouvi (Gupeva disse)
 Onde o Homem nascesse; mas compreendo,
 Que houve princípio enfim que o produzisse,
 Que sem fim, e princípio eu nada entendo.
 Como o criou não sei: e bem que o visse,
 Não pudera entendê-lo; conhecendo
 Que entre o nada, e o ser há tal distância,
 Que a ti te creio igual nesta ignorância.

XLVIII

O primeiro Homem na geral lembrança,
 A Tradição dos velhos mais antigos,
 Antes do grão-Dilúvio não alcança:
 Sabemos só que uns homens inimigos,
 Do forte braço na falaz confiança,
 Encheram todo o Mundo de perigos,
 E deram causa, que o Dilúvio extenso
 Num pego sepultasse a terra imenso.

XLIX

Do renovado Mundo o Patriarca
 Desde o alto monte, onde escapou, descendo,
 Depois que a grã-canoa, e imensa barca,
 Em que ao alto subiu, foi fundo tendo;
 Na prole imensa dominou Monarca,
 E as várias Tribos dividido havendo
 Por Continentes, e Ilhas do mar fundo,
 De toda a Gente é Pai, que habita o Mundo.

L

Predisse o Justo Velho o grão-castigo,
 E os Homens exortando à penitência,
 Nem à vista do próximo perigo
 Chamá-los pôde à justa obediência:
 Cansado então Tupá da paz amigo
 Do cruel latrocínio, e da violência,
 Quis por vingar-se o Padre Onipotente
 Com águas apagar a chama ardente.

LI

Faz que se abram do Céu, que águas encerra,
 As catadupas, como imensos rios,
 E que a face inundando-se da terra,
 Se afoquem bons, e maus, justos, e ímpios:
 Os Elementos em desfeita guerra
 Confundem-se em medonhos desafios;
 Cai um mar desde o Céu, e na mesma hora
 Manda a terra do centro outro mar fora.

LII

Já rota a margem, que nas brancas praias
 Às ondas posto tinha o grão-Soberano,
 Passam as águas das extremas raias,
 Onde se ajunta com o monte o plano:
 O peixe nadador nas altas faias
 No ninho está do alígero tucano:
 E em seios as baleias ver puderas,
 Covis dos Tigres, e antros de Panteras.

LIII

Iam em tanto os Homens miserandos
 De um monte a outro por fugir das águas,
 E sem destino algum bandos, e bandos
 Correndo gritam com piedosas mágoas:
 E os Céus deprecam, que os escutem brandos;
 Mas a ira de Tupá com justas fráguas
 Fulminando centelhas, e coriscos,
 Faz maiores os danos, do que os riscos.

LIV

Via-se em longa tábua malsegura
 Nadar sobr'água a Mãe desventurada;
 E tendo ao colo apensa a criatura,
 Ora é n'água abatida, ora elevada
 Quem desde o alto das casas se pendura;
 Quem fabrica de lenhos a jangada;
 Qual da fome mortal horror concebe,
 E crê que é menos mal, se a morte bebe.

LV

Tamandaré porém de Tupá amigo,
 Enquanto a grã-procela horrível soa,
 Salva o naufrago Mundo pelo abrigo,
 Que aos filhos procurou na grã-canoa:
 E a barca por memória do castigo
 Elevada deixou sobre a coroa
 Das altas serras, que na fama claras,
 Tem nome semelhante ao das Araras.

LVI

Daqui por várias terras espalhados
 Os Homens foram, que seus netos cremos,
 Uns que a fronte de nós deixou queimados,
 O claro Sol, que nasce em seus extremos:
 Outros, que habitam climas apartados,
 Dessa cor branca, que em teu rosto vemos;
 Divididos do mar, por onde as proas
 Endireitam a nós vossas canoas.

LVII

Se sois de nós, se nós das vossas Gentes,
 São cousas, que nós todos ignoramos;
 Pois do paterno chão sempre contentes,
 D'outras terras, e tempos não cuidamos:
 Mas vós, que os mares passeais ingentes,
 Podereis inferir, se os que aqui estamos,
 Depois que de um Pai só todos nascemos,
 Com alguns entre vós nos parecemos.

LVIII

Que se em vós houve, ou há quem assim trate;
 Quem se governe assim, quem edifique,
 Ou quem com armas, como nos combate,
 Quem todo à caça, como nós se aplique:
 Se há quem devore os Homens, quando os mate;
 A quem o feroz vulto imberbe fique,
 Desde Tamandaré, que é Pai das Gentes,
 Podemos crer que são nossos Parentes.

LIX

Conserva-se num Povo o antigo rito,
 Se o não altera o rito do estrangeiro;
 E sempre algum vestígio fica escrito
 Por Tradição do século primeiro.
 Vós sabereis, se a História tenha dito,
 Que houve tempo, em que o Mundo quase inteiro,
 Sem sabermos uns d'outros se habitasse;
 E como nós erramos, tudo errasse.

LX

Se os mares nunca dantes navegados
 Discorrestes por climas diferentes;
 Sabereis d'outros Homens separados,
 Descobertos talvez das vossas Gentes:
 Que por estreitos, pode ser, gelados,
 Transitaram nos nossos Continentes:
 Vós direis, se Homens há na roxa Aurora
 Nus, e pintados, como nós agora?

LXI

E porque saibas mais nosso costume,
 Onde julgues melhor da antiga origem,
 Dir-te-ei como, seguindo o impresso lume,
 As prudentes Nações cá se dirigem:
 Nem do vício de muitas se perfume
 Contra aquelas, que sábias se corrigem;
 Que também entre vós creio se escuta,
 Quem tendo boas Leis, tem má conduta.

LXII

De Tupá, que o trovão com fogo manda,
 Trememos, como vês, espavoridos;
 Mas quando vemos que a procela abranda,
 Ficam os Homens de Tupá esquecidos:
 E bem suspeito que ness'outra banda
 Suceda assim, se o horror vem dos sentidos;
 E que entre vós também Gente se veja,
 Que não temem Tupá, se não troveja.

LXIII

Quem o blasfeme, afronte, ou quem o chame
 A ser-lhe testemunha, quando mente,
 Nunca se ouve entre nós com fúria infame,
 E só de o imaginar se assombra a Gente.
 É raro quem o adore, ou quem o ame;
 Mas mais raro será quem insolente
 Tenha do Sumo Ser tão cega incúria,
 Que trate o nome seu com tanta injúria.

LXIV

De extremo culto a Deus há pouco indício;
 Senão é no que estimas bruto engano
 De fazermos cruento sacrifício,
 Não do sangue brutal, porém do humano.
 Vejo à luz da razão, que é feio vício,
 Que ao instinto repugna por tirano;
 Mas matar quem nos mais o crime atija,
 Não é vítima digna da Justiça?

LXV

A Justiça do Céu reconhecemos
 Contra quem delinqüente a profanasse;
 Pondo suplícios contra os maus extremos,
 E em justo sacrifício a pena dá-se.
 O malfeitor, o réu, quando o prendemos,
 Com Sacro rito a cerimônia faz-se:
 Que quem no sangue ímpio a Deus vindica,
 Este o aplaca somente, e sacrifica.

LXVI

A forma do governo por abuso
 Anárquico entre nós sem Lei se oferece;
 Mas nos que fazem da razão bom uso,
 Justa Legislação reinar parece:
 Nem nos tomes por Povo tão confuso,
 Que um público poder não conhecesse;
 Há Senado entre nós sábio, e prudente,
 A quem o Nobre cede, e a humilde Gente.

LXVII

Vagamos sempre, e nunca um firme assento
 Nos deixam ter da caça os exercícios:
 Buscamos nela os próprios alimentos,
 E habitamos onde a há, ou dela indícios:
 E estes são de ordinário os fundamentos
 De ocupar-nos em bélicos ofícios:
 Verás as Gentes em contínuo choque
 Sobre a quem o terreno, ou praia toque.

LXVIII

Em várias castas, e Nações diversas
 Dividido o Sertão vagar costuma;
 E bem que vagabundas, e dispersas,
 Concederam-se as Tabas de cada uma:
 Em guerra, e paz, e em sedições perversas
 Ao Pátrio nome não se nega alguma;
 E se o Senado o quer, por justos modos
 Põem-se todos em paz, e armam-se todos.

LXIX

São nos Senados membros, e cabeças
 Os Velhos Sábios, Capitães valentes;
 Os que têm socorrido em grandes pressas
 Com conselhos à Pátria mais prudentes:
 Destes as ordens dimanando expressas,
 Um só senão verá nas nossas Gentes,
 Que rompa, não cedendo à Potestade,
 Este laço da humana sociedade.

LXX

Destes uns da Suprema Divindade
 Ministros são, que nos festivos dias,
 Fazendo-se qualquer solenidade,
 O Povo exortam com lembranças pias:
 Honram cantando a eterna Majestade,
 Com sons, que para nós são melodias:
 Cousas, que se Anhangá corrompeu tanto,
 Vê-se que nascem de Princípio Santo.

LXXI

Estes Chefes do culto venerando
 Mantêm-nos a oblação do Povo crente:
 São Mestres santos, e por nós orando,
 O lume da razão mostra evidente,
 Que em tão sublime ofício ministrando,
 Têm direito a que o Público os sustente:
 Pois neles é mais justo que a Lei valha
 De comer cada um donde trabalha.

LXXII

Punimos o homicídio: quem mutila,
 Quem bate, ou fere, não evita a pena:
 A sentença ele a dá. Deve subi-la
 Qual foi a culpa, com justiça plena:
 Quem matou, morrer deve: assim se estila
 Por Lei Sagrada, que a Equidade ordena:
 Quem cortou pé, ou mão, braço, ou cabeça,
 No pé, no braço, e mão tanto padeça.

LXXIII

A fé do Matrimônio bem declara,
 Que o vago amor a Lei ofenderia,
 Se se pudera usar sem que um casara,
 Quem é que neste Mundo casaria?
 Deve morrer quem quer que adulterara;
 Sem isso quem seu Pai conheceria?
 E o que extermina a Pátria Potestade,
 Quem não vê que repugna a Humanidade.

LXXIV

Quem Pai, ou Mãe conhece com incesto,
 Ou quem corrompe a Irmã, padece a morte:
 Nos ofícios dos Pais é manifesto,
 Que confusão nascera desta sorte:
 Ser a filha mulher, não fora honesto,
 Dominando em seu Pai, como Consorte:
 Se o Irmão no Matrimônio à Irmã seguira,
 Sempre o Gênero Humano mal se unira.

LXXV

Deve a humana geral sociedade,
 Para gozar da paz com doce laço,
 Vincular dos mortais a variedade
 De um consórcio feliz no caro abraço:
 Deu-nos o Céu por órgão da amizade,
 Deu-nos como outra mão, como outro braço
 A Consorte, em que o amor com fé se excite;
 Não por pasto brutal de um apetite.

LXXVI

E houvera sem prisão, que é tão suave,
 Dominando entre os Homens desde o Averno
 A discórdia cruel, e a inveja grave,
 A conter-se o himeneu no amor fraterno:
 Nasce do amor a paz; o amor é a chave,
 É o doce grilhão, vínculo eterno,
 Que se o vil interesse algum desune,
 Os peitos abre, e os corações nos une.

LXXVII

Movidos deste fim por são costume
 Julgaram nossos Pais na antiga idade,
 Que se ofende no incesto o impresso lume,
 Como contrário à paz da sociedade:
 E se do Céu preside o Santo Nume,
 Ao sossego da triste Humanidade;
 Quem duvida que estime pouco honesto
 Conhecer-se os Irmãos com feio incesto?

LXXVIII

Entre nós quem elege a Esposa amada,
 Pede ao Pai, ou Parente; e sem pedi-la,
 Não se julgara a fêmea desposada,
 Por deixar a família assim tranqüila:
 Que se órfã fosse acaso abandonada,
 Só pertence ao vizinho o permiti-la;
 E convindo ou seu Pai, ou seu Parente,
 É sem mais Matrimônio de presente.

LXXIX

Furto entre nós não há: de que há de havê-lo?
 O que há, come-se logo; e sem que o enfade,
 Um tira d'outro o que acha, por comê-lo;
 E anda ao pé da pobreza a caridade:
 A calúnia, a traição, o amargo zelo
 Tem por pena a comum inimizade:
 Nem há, se o entendo bem, maior castigo,
 Que o Mundo todo ter por inimigo.

LXXX

Outra Lei depois desta é fama antiga,
 Que observada já foi das nossas Gentes;
 Mas ignoramos hoje a que ela obriga,
 Porque os nossos Maiores pouco crentes,
 Achando-a de seus vícios inimiga,
 Recusaram guardá-la, mal contentes:
 Mas na memória o tempo não acaba,
 Que a pregara Sumé Santo Emboaba.

LXXXI

Homem foi de semblante reverendo,
 Branco de cor, e como tu, barbado,
 Que desde donde o Sol nos vem nascendo,
 De um Filho de Tupá vinha mandado:
 A pé sem se afundar (caso estupendo!)
 Por esse vasto mar tinha chegado;
 E na santa doutrina, que ensinava,
 Ao caminho dos Céus todos chamava.

LXXXII

Com grande mágoa ignora-se o que disse;
 Mas não se ignora, que da santa boca
 Um conselho utilíssimo se ouvisse
 De plantar, e moer a mandioca:
 Que havia de tornar, também predisse,
 Desde o Céu, a que amigo nos convoca,
 E na Terra, ou no Céu, que ele estivera,
 Eu o iria encontrar, se ele não viera.

LXXXIII

Contam que quando aos nossos cá pregava,
 Poder mostrara tal nos Elementos,
 Que às ondas punha lei, se o Mar se irava,
 E de um aceno só domava os ventos:
 Os matos se lhe abriam, quando entrava,
 E os Tigres ferros a seus pés atentos;
 Pareciam ouvir, como a outra Gente,
 Festejando-o co'a cauda brandamente.

LXXXIV

As águas donde quer, em rio, ou lago,
 Se as chegava a tocar com pé ligeiro,
 Não pareciam do Elemento vago,
 Mas pedra dura, ou sólido terreiro:
 Só com chamar seu nome, cessa o estrago,
 Se o furacão com hórrido chuveiro,
 Quando na nuvem negra se levanta,
 Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

LXXXV

Porém negando às pregações o ouvido,
 Vinha o Caboclo do Sertão mais bruto
 Contra o justo Sumé de Deus querido
 A matá-lo. e comê-lo resoluto:
 Pudera ele fazer, sendo ofendido,
 Que eles colhessem da cegueira o fruto;
 Mas pede só prostrado a Deus que o c'roe,
 E que a ignorância aos míseros perdoe.

LXXXVI

Os feros pois na fúria contumazes
 Tomam as frechas, e bramindo atiram;
 (Mas quanto pelos teus, Tupá, não fazes!)
 Contra quem atirou pelo ar se viram:
 E nem assim se mostram mais capazes
 Dos anúncios de paz, que em tanto ouviram,
 Deixa-os Sumé, e um rio aborda cheio,
 E só com pôr-lhe um pé, partiu-o ao meio.

LXXXVII

Contam (e a vista faz que a Gente o creia)
 Que onde as correntes d'água arrebatadas,
 Se vão bordando com a branca areia,
 Ficaram de seus pés quatro pegadas:
 Vêem-se claras, patentes, sem que a veia
 As tenha d'água no seu ser mudadas:
 E enxerga-se mui bem sobre os penedos
 Toda a forma do pé com planta, e dedos.

LXXXVIII

Assim Gupeva concluiu, dizendo,
 Nem mais tempo ao discurso haver podia
 Por aviso, que os campos vêm batendo
 Turba inimiga em vasta companhia:
 Às armas, grita, às armas, e o eco horrendo,
 Retumbando nas árvores sombrias
 Fez que as mães, escutando os murmurinhos,
 Apertassem no peito os seus filhinhos.

LXXXIX

Não te espantes, diz Diogo; não alteres
 A paz dentro as cabanas belicosas;
 Enquanto novas certas não souberes,
 Basta pôr guardas nos confins forçosas:
 De noite não te empenhes, se temeres
 Que te invadam com tropas numerosas,
 Põe-te na defensiva; e bem que freme,
 Quem te busca de noite, é quem te teme.

XC

Quanto mais que o trovão nas mãos preparo
 Contra teus inimigos neste afogo
 Nem duvides que logo que o disparo,
 Tudo em chamas não vá, tudo arda em fogo:
 Disse, e ao favor saiu de um luar claro,
 Disparando o mosquete em márcio jogo;
 E enquanto atira, todo o bosque atroa
 Pelo horror da buzina, com que soa.

XCI

Qual dos monos talvez tropa nojosa
 Saiu do interior mato em negro bando;
 E se a frecha um derriba, vai medrosa
 Em fuga pelas árvores saltando:
 Tal ouvindo a buzina pavorosa,
 E o arcabuz com trovão relampagueando,
 Correm, caem, despenham-se na estima
 De que o Céu todo lhe caía em cima.

CANTO IV**I**

Era o invasor noturno um Chefe errante,
 Terror do Sertão vasto, e da marinha,
 Príncipe dos Caetés, Nação possante,
 Que do grão-Jararaca o nome tinha:
 Este de Paraguaçu perdido amante,
 Com ciúmes da donzela, ardendo vinha:
 Ímpeto que à razão, batendo as asas,
 Apaga o claro lume, e acende as brasas.

II

Dormindo estava Paraguaçu formosa,
 Onde um claro ribeiro à sombra corre;
 Lânguida está, como ela, a branca rosa,
 E nas plantas com calma o vigor morre:
 Mas buscando a frescura deleitosa
 De um grão-maracujá, que ali discorre,
 Recostava-se a bela sobre um posto,
 Que encobrando-lhe o mais, descobre o rosto.

III

Respira tão tranqüila, tão serena,
 E em langor tão suave adormecida,
 Como quem livre de temor, ou pena,
 Repousa, dando pausa à doce vida:
 Ali passar a ardente sesta ordena,
 O bravo Jararaca a quem convida,
 A frescura do sítio, e sombra amada,
 E dentro d'água a imagem da latada.

IV

No diáfano reflexo da onda pura
 Avistou dentro d'água buliçosa,
 Tremulando a belíssima figura,
 Pasma, nem crê que imagem tão formosa
 Seja cópia de humana Criatura;
 E remirando a face prodigiosa,
 Olha de um lado, e d'outro, e busca atento,
 Quem seja Original deste portento.

V

Enquanto tudo explora com cuidado,
 Vai dar co's olhos na gentil donzela;
 Fica sem uso d'alma arrebatado,
 Que toda quanto tem se ocupa em vê-la:
 Ambos fora de si, desacordado
 Ele mais, de observar cousa tão bela,
 Ela absorta no sono, em que pegara,
 Ele encantado a contemplar-lhe a cara.

VI

Quisera bem falar, mas não acerta,
 Por mais que dentro em si fazia estudo:
 Ela de um seu suspiro olhou, desperta;
 Ele daquele olhar ficou mais mudo:
 Levanta-se a donzela mal coberta;
 Tomando a rama por modesto escudo;
 Pôs-lhe os olhos então, porém tão fera,
 Como nunca a beleza ser pudera.

VII

Voa, não corre pelo denso mato
 A buscar na cabana o seu retiro;
 E indo ele a suspirar, vê que num ato,
 Em meio ela fugiu do seu suspiro:
 Nem torna o triste a si por longo trato,
 Até que dando à mágoa algum respiro,
 Por saber donde habite, ou quem seja ela,
 Seguiu, voando, os passos da donzela.

VIII

De Taparica um príncipe possante,
 Que domina, e dá nome à fértil Ilha,
 Veio em breve a saber o cego amante
 Ter nascido a formosa maravilha:
 Pediu-lha Jararaca, vendo diante,
 Ao lado de seus Pais, a bela filha:
 Convêm todos; mas ela não consente,
 Porque a mais aguardava o Céu potente.

IX

Ardendo, parte o bravo Jararaca
 D'ânsia, de dor, de raiva, de despeito;
 E quanto encontra, embravecido ataca
 Com sombras na razão, fúrias no peito:
 E vendo a chama, o Pai, que não se aplaca,
 Por dar-lhe Esposo de maior conceito,
 Por Consorte Gupeva lhe destina,
 Com quem no sangue, e estado mais confina.

X

Logo que por cem bocas vaga a fama
 Do Esposo eleito a condição divulga,
 Irado o Caeté, raivando brama;

Arma todo o Sertão, guerra promulga,
 Tudo acendendo em belicosa chama,
 Investir por surpresa astuto julga,
 Com que a causa da guerra se conclua,
 Ficando Paraguaçu ou morta, ou sua.

XI

Mas sendo de improviso em terror posto,
 E ouvindo do arcabuz a fama, e efeito,
 Não permite que o susto assome ao rosto,
 Mas reprime o temor dentro em seu peito:
 Convoca um campo das Nações composto,
 Com quem tinha aliança em guerra feito;
 E excitando na plebe a voraz sanha,
 Cobre de Legiões toda a campanha.

XII

Em seis brigadas da vanguarda armados,
 Trinta mil Caetés vinham raivosos,
 Com mil talhos horrendos deformados,
 No nariz, face, e boca monstruosos:
 Cuidava a Bruta Gente que espantados
 Todos de vê-los, fugiram medrosos;
 Feios como Demônios nos acenos,
 Que certo se o não são, são pouco menos.

XIII

Da Gente fera, e do brutal comando
 Capitão Jararaca eleito veio;
 Porque na catadura, e gesto infando
 Entre outros mil horrendos é o mais feio:
 Que uma horrível figura pelejando,
 É nos seus bravos militar aceiro;
 E traz entre eles gala de valente,
 Quem só co'a cara faz fugir a Gente.

XIV

Dez mil a negra cor trazem no aspecto,
 Tinta de escura noite a fronte impura;
 Negreja-lhe na testa um cinto preto,
 Negras as armas são, negra a figura.
 São os feros Margates, em que Alecto
 O Averno pinta sobre a sombra escura;
 Por timbre nacional cada pessoa

Rapa no meio do cabelo a coroa.

XV

Cupaíba, que empunha a feral maça,
 Guia o bruto Esquadrão da crua Gente;
 Cupaíba, que os míseros que abraça,
 Devora vivos na batalha ardente:
 À roda do pescoço um fio enlaça,
 Onde, de quantos come, enfia um dente;
 Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
 Que é já mais que cordão longo vestido.

XVI

Urubu, monstro horrendo, e cabeludo,
 Vinte mil Ovecates fero doma;
 Por toda a parte lhe encobria tudo
 Com terrível figura a hirsuta coma:
 Monstro disforme, horrendo, alto, e membrudo,
 Que a imagem do Leão rugindo toma,
 Tão feio, tão horrível por extremo,
 Que é formoso a par dele um Polifemo.

XVII

Fogem todo o comércio da mais Gente;
 Ou se se vissem a tratar forçados,
 Que lhe possam chegar nenhum consente,
 Senão trinta, ou mais passos apartados:
 Se alguns se chegam mais, por imprudentes,
 Como Leões, ou Tigres esfaimados,
 Mordendo investem os que incautos foram,
 E a carne crua, crua lhe devoram.

XVIII

Sambambaia outra turma conduzia,
 Que as aves no frechar tão certa vexa,
 Que nem voando pela etérea via
 Lhe erravam tiro da volante frecha:
 Era de pluma o manto, que o cobria;
 De pluma um cinto, que ao redor se fecha;
 E até grudando as plumas pela cara,
 Nova espécie de monstro excogitara.

XIX

Seguem-no dez mil Maques, Gente dura,
 Que em cultivar mandioca exercitada,
 Não menos útil é na agricultura,
 Que valente em batalhas com a espada:
 Tomaram estes, como própria cura,
 De víveres prover a Gente armada;
 Quais torravam o Aipi; quem mandiocas;
 Outros na cinza as cândidas pipocas.

XX

O bom Sergipe aos mais confederado
 Consigo conduzia os Petiguares;
 Que havendo pouco dantes triunfado,
 Têm do dente inimigo amplos colares:
 Seguem seu nome em guerras decantado
 De Gentes valerosas dez milhares,
 Que do férreo madeiro usando o estoque,
 Disparavam com balas o bodoque.

XXI

Nem tu faltaste ali, grão-Pecicava,
 Guiando o Carijó das áureas terras;
 Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
 Nas margens do teu rio desenterras:
 Torrão, que do seu ouro se nomeava,
 Por criar do mais fino ao pé das serras;
 Mas que feito enfim baixo, e mal prezado,
 O nome teve de ouro inficionado.

XXII

Muitos destes é fama que traziam
 Desde alto cerro, que habitavam dantes,
 Com pedras, que nos beiços embutiam
 Formosos, e belíssimos diamantes:
 Outros áureos topázios lhe ingeriam;
 Alguns safiras, e rubis flamantes;
 Pedras, que eles desprezam, nós amamos:
 Nem direi quais de nós nos enganamos.

XXIII

O feroz Sabará move animoso
 Dos de Agirapiranga seis mil arcos;
 Homens de peito em armas valeroso,
 Que de sangue em batalhas nada parcous,
 Deixaram seu terreno deleitoso,
 Por matos densos, pantanosos charcos,
 E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,
 Passaram desde o mar às minas do ouro.

XXIV

Seguia-se nas forças tão robusto,
 Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,
 Um, que com fogo sobre o torpe busto
 Dous Tigres esculpira combatendo:
 Este é o bravo Tatu, que enche de susto
 Tudo, c' o grão-Tacape acometendo:
 E que mil cutiladas dando espessas,
 Derriba troncos, braços, e cabeças.

XXV

Debaixo do seu mando em dez fileiras
 Doze mil Itatis formados iam;
 Surdos, porque habitando as cachoeiras,
 Com o grão-rumor d' água ensurdeciam:
 Pendem os seus marraques por bandeiras
 De longas hastes, que pelo ar batiam,
 Suprindo nos incônditos rumores
 O ruído dos bélicos tambores.

XXVI

Em guerreiras colunas, feroz Gente,
 Que no horror da figura assombra tudo,
 Trazem por armas uma maça ingente,
 Tendo de duro lenho um forte escudo:
 Frechas, e arco no braço armipotente;
 Nas mãos um dardo de pau-santo agudo;
 Sobre os ombros a rede, à cinta as cuias,
 Tal era a imagem dos cruéis Tapuias.

XXVII

Quarenta mil de cor todos vermelha,
 Conduz ao campo o forte Sapucaia:
 Dez mil que têm furada a longa orelha,
 São Amazonas de fêmea laia:
 É o amor conjugal que lhe aconselha
 A descer dos Sertões à vasta praia,
 Por achar-se nos lances mais temidos,
 Ao lado sem temor dos seus maridos.

XXVIII

Brava matrona de coragem cheia,
 A quem o márcio jogo não perturba,
 Na forma bela, mas por arte feia,
 Vai comandando na fêmea turba:
 Deram-lhe o nome os seus da grã-baleia;
 Nome, que ouvido os bárbaros disturba;
 De namorados uns, que a tem por bela
 Mas outros com mais causa por temê-la.

XXIX

Ouve-se rouco som, que o ouvido atroa,
 Retumbando com eco a voz horrenda
 De um grosseiro instrumento, que a arma soa,
 Com que se inflama entre eles a contenda:
 E quando o horrível som mais desentoa,
 Faz que no peito mais furor se acenda;
 De retrocidos paus são as cornetas;
 De ossos humanos, frautas, e trombetas.

XXX

Com batalhões a espaços separados
 Triplicado cordão se vê composto;
 E em silêncio admirável ordenados,
 Ao redor vão do outeiro em meio posto;
 Costuma um Orador falar-lhe a brados,
 E ardendo-lhe mil fúrias sobre o rosto,
 O ar co' a espada furibundo corta,
 E a combater valente a turba exorta.

XXXI

Jararaca no mando então primeiro,
 Ao Sacro, e Civil rito presidia,
 E no mais alto do sublime outeiro

Entre um Senado ancião se distinguia:
 Aos outros na estatura sobranceiro
 Às costas de um Tapuia, que o trazia,
 De um lado a outro majestoso corre,
 E com geral silêncio assim discorre.

XXXII

Paiaias generosos, hoje é o dia,
 Que aos vindouros devemos mais honrado;
 Em que mostreis que a vossa valentia
 Não receia o trovão, subjuga o fado:
 Sabeis que de Gupeva a cobardia
 Por Filho do Trovão tem aclamado,
 Um Emboaba, que do mar viera,
 Por um pouco de fogo que acendera.

XXXIII

Prostrado o vil aos pés desse Estrangeiro,
 Rende as armas com fuga vergonhosa,
 E corre voz que o adora lisonjeiro;
 E até lhe cede com o cetro a Esposa:
 E que pode nascer do erro grosseiro,
 Senão que em companhia numerosa
 As nossas Gentes o Estrangeiro aterre,
 E que a uns nos devore, outros desterre?

XXXIV

Se o Sacro ardor, que ferve no meu peito,
 Não me deixa enganar, vereis que um dia
 (Vivendo esse impostor) por seu respeito
 Se encherá de Emboabas a Bahia:
 Pagaram os Tupis o insano feito,
 E vereis entre a bélica porfia
 Tomar-lhe esses estranhos já vizinhos,
 Escravas as mulheres c'os filhinhos.

XXXV

Vereis as nossas Gentes desterradas
 Entre os Tigres viver no Sertão fundo,
 Cativa a plebe, as Tabas arrombadas;
 Levando para além do mar profundo
 Nossos filhos, e filhas desgraçadas;
 Ou quando as deixem cá no nosso Mundo,
 Poderemos sofrer Paiaias bravos,

Ver filhos, mães, e pais feitos escravos?

XXXVI

Mas teme o seu trovão: e tanto oprime
 O medo àquele vil, que não pondera
 Que por esse trovão, que não reprime,
 Há de ver cheia de trovões a esfera?
 Que grande mal será, se o raio imprime?
 Se o Mundo por um raio se perdera,
 Susto pudera ter, cobrar espanto:
 Porém morre de medo, que é outro tanto.

XXXVII

Eu só, eu próprio no geral desmaio
 Ao relâmpago irei sem mais socorro;
 E quando ele dispare o falso raio,
 Ou descubro a impostura, ou forte morro:
 Será de nigromancia um torpe ensaio,
 Com que o astuto pretende, ao que discorro,
 Fazer que a nossa tropa desfaleça,
 Antes que a causa do terror conheça.

XXXVIII

Que se for (que o não creio) o estrondo infando
 Do sublime Tupá triste ameaça,
 Fará como costuma, trovejando,
 Que matando um, ou outro a mais não passa:
 Se eu vir que o raio horrível vai vibrando,
 A um Homem como eu, nada embarça:
 Se for mortal quem causa tanto abalo,
 Por meio ao próprio raio irei matá-lo.

XXXIX

Su, valentes; Su, bravos companheiros,
 Tomai coragem: que será no extremo?
 Embora seja um raio verdadeiro:
 Se não é Deus que o lança, eu nada temo.
 Seja quem quer que for o autor primeiro,
 Como não seja o Criador Supremo,
 Não há forças criadas que nos domem;
 Que sobre tudo o mais domina o Homem.

XL

Disse o grão-Chefe assim, e entre os furores,

Com a mão, que já tinha levantada,
 Bate na espádua aos Príncipes maiores,
 E dá-lhes Orfu dizendo, uma palmada:
 Uns nos outros as deram não menores,
 Que assim se incita a multidão armada:
 Vinguemo-nos, (gritando) companheiros,
 Bem que foram seus raios verdadeiros.

XLII

Jararaca depois (que é Sacro rito)
 Lança furioso as mãos a quanto abrange;
 E abrindo a enorme boca em fero grito,
 E espuma, e freme, e ruger, e os dentes range;
 Como do mal Hercúleo o enfermo aflito
 A convulsão a retroceder constrange:
 Depois falando aos Príncipes, bafeja,
 E o espírito de força lhe deseja.

XLIII

Cerimônia esta foi do pátrio uso,
 Vestígio nacional da antiga idade;
 Que acaso corrompeu mágico abuso,
 Tendo talvez princípio na piedade:
 Retumba do marraque o som confuso;
 E pondo em alto o seu, com gravidade,
 À insígnia, no chão tudo se inclina,
 Como a final de cousa mais Divina.

XLIV

Corresponde o belígero instrumento
 Da feral frauta ao bárbaro marraque;
 E promulgando a marcha àquele acento,
 Tudo em ordem se pôs ao fero ataque:
 Marcham contra Gupeva, com intento
 De meter nas cabanas tudo a saque;
 E porque tudo assombrem com terrores,
 Rompem o ar com bélicos clamores.

XLIV

Em tanto no arraial do bom Gupeva,
 Sendo a invasão noturna rechaçada,
 Convocam-se reclutas, fazem leva
 De Tropa nacional, e da aliada.
 Enquanto Diogo, a quem a ação releva,
 Toma na gruta a pólvora guardada,
 E em vários fogos, que arrojou volantes,
 Imita o raio em bombas fulminantes.

XLV

Era a Bahia então, donde imperava
 O bom Gupeva, povoada em roda,
 Pelos Tupinambás, de quem contava
 Trinta mil arcos, brava Gente toda:
 Taparica seis mil valente armava;
 E por cumprir-se a prometida boda,
 Mil Amazonas mais à guerra manda:
 Paraguaçu gentil todas comanda.

XLVI

Paraguaçu, que de Diogo Esposa
 (Porque mais Jararaca se confunda)
 Ia a seu lado a combater briosa,
 Nem teme a multidão, que o campo inunda:
 Usa com ela a Tropa belicosa
 Da vulgar seta, do bodoque, e funda;
 Leva a Amazona um rígido colete,
 E co'a espada de ferro o capacete.

XLVII

Com estas forças só (que mais recusa)
 Sai Diogo à campanha guarnecido,
 Nem sofre a forma do marchar confusa;
 Mas tudo tem com ordem repartido:
 Outro corpo maior de que não usa
 Deixa em guarda das Tabas prevenido;
 Tupinaquis, Viatanos, Poquiguaras,
 Tumimvis, Tamviás, Canucajaras.

XLVIII

Não mais de duas léguas adiantando,
 O arraial se alojava de Diogo;
 Quando o ardente Planeta vai queimando
 A tórrida região com vivo fogo;
 E enquanto expira no ar Zéfiro brando,
 Buscando numa sombra o desafogo,
 Medita a grande ação, mede o perigo,
 Nem despreza por bárbaro o inimigo.

XLIX

Vê bem que espanto causa a invenção nova;
 Mas que o tempo consome a novidade;
 Tem fim um peito d' aço feito à prova;
 Mas vendo do inimigo a imensidade,
 Por mais que balas o mosquete chova,
 Reconhece em vencer dificuldade;
 Tendo notado já na bruta Gente,
 Que era tão contumaz, como valente.

L

Pensava assim com reflexão madura,
 Quando à roda do outeiro divisava
 Densa nuvem de pó, que em sombra escura
 A multidão confusa levantava:
 Não cessa um ponto mais: tudo assegura,
 E sem temer a turba que observava,
 Marcha a ganhar o alto; e posto à frente,
 Deu à Tropa em cordão por centro o monte.

LI

Já se avistava o bárbaro tumulto
 Das inimigas Tropas em redondo;
 E antes que empreendam o primeiro insulto,
 Levanta-se o infernal medonho estrondo:
 Os marraques, uapis, e o brado inculto
 Todos um só rumor, juntos compondo,
 Fazem tamanha bulha na esplanada,
 Como faz na tormenta uma trovoada.

LII

Tu, rápido Pajé, foste o primeiro,
 De quem o negro sangue o campo inunda;
 Que com seres no salto o mais ligeiro,
 Mais ligeira te colhe a cruel funda:
 Paraguaçu lh'atira desde o outeiro;
 Chovem as pedras, de que o monte abunda;
 E do lado, e de cima do cabeça,
 Tudo abatem com tiros de arremesso.

LIII

Não ficou no combate em tanto ociosa
 A frecha do inimigo, que o ar encobre;
 Começa Jararaca a ação furiosa,
 Dando estímulo ousado ao valor nobre:
 E a turba de Diogo receosa
 Foge do grão-Tacape, onde o descobre:
 Que tanto estrago faz, que qualquer fera
 Maior entre cordeiros não fizera.

LIV

Mas quando tudo com terror fugia,
 O bravo Jacaré se lhe põe diante:
 Jacaré, que se os Tigres combatia,
 Tigre não há, que lhe estivesse avante.
 Treme de Jararaca a companhia,
 Vendo a forma do bárbaro arrogante,
 Que com pele coberto de pantera,
 Ruge com mais furor, que a própria fera.

LV

Avista-se um co'outro: a massa ardente
 Deixam cair com bárbaro alarido;
 Corresponde o clamor da bruta Gente,
 E treme a terra em roda do mugido:
 Aparou Jacaré no escudo ingente
 Um duro golpe, que o deixou partido;
 E enquanto Jararaca se desvia,
 Quebra a massa no chão, com que o batia.

LVI

Nem mais espera o Caeté furioso,
 E qual Onça no ar, quando destaca,
 Arroja-se ao contrário impetuoso,
 E um sobr'outro co'as mãos peleja ataca:
 Não pode discernir-se o mais forçoso;
 E sem mover-se em torno a Gente fraca,
 Olham lutando os dous no fero abraço,
 Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

LVII

Porém enquanto a luta persistia,
 No sangue em terra lúbrico escorrega
 O infeliz Jacaré; mas na porfia
 Nem assim do adversário se despega:
 Sobre o chão um com outro às voltas ia;
 E qual o dente, qual o punho emprega,
 Até que Jararaca um golpe atira,
 Com que rota a cabeça o triste expira.

LVIII

Nem mais espera de Gupeva a Gente;
 Porque voltando em rápida fugida,
 Deixam nas mãos do bárbaro potente
 Toda a batalha numa ação vencida:
 Não tarda mais Diogo já presente;
 E tendo ao lado a Esposa protegida,
 Do outeiro desce, donde tudo observa,
 E invade armado a bárbara caterva.

LIX

Quem poderá dizer da turba imbele
 Quantos a forte mão talha em pedaços?
 Paraguaçu valente ao lado dele,
 Muitos mandava aos lúgubres espaços:
 Semeando por donde o golpe impele
 Troncos, bustos, cabeças, pernas, braços;
 Nem um momento a fraca Gente aguarda,
 Vendo-a brandir a lúcida alabarda.

LX

O membrudo Pai com três potentes
 Robustos filhos degolou co'a espada;
 E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
 Tendo a mão para o golpe levantada,
 Com dous reveses, que lhe atira ardentes,
 Deixou pendentos no ar co'a mão cortada;
 Babu de um talho que assaltá-la veio,
 Co'a cabeça ficou partida ao meio.

LXI

Muitos sem nome despojou da vida,
 E a quanto encontra o ferro não perdoa:
 Qual se os cachorros perde embravecida,
 No caçador se arroja a fera Leoa;
 E entre mil dardos, de que a tem cingida,
 Dando-lhe asas a dor, saltando voa,
 E ruge, e morde, e no que encontra embarra;
 E onde não pode o dente, imprime a garra.

LXII

Tal a forte donzela move a espada,
 Ou talvez lança mão do dardo agudo,
 E de mil, e mil golpes fulminada,
 Rebate todos no colete, e escuso:
 As Amazonas, de que vem rodeada,
 Vendo sobre a Heroína correr tudo;
 Onde quer que os contrários se apresentam,
 Acometem, degolam, e afugentam.

LXIII

Por outro lado o valeroso Diogo
 A multidão dos bárbaros subjuga,
 E uns precipita no tartáreo fogo,
 Outros obriga com terror à fuga:
 Mas uns detêm co'a espada, outros com rogo
 Urubu, que do sangue a fronte enxuga;
 E opondo-se entre os mais a Diogo ardente,
 Restitui a batalha, e anima a Gente.

LXIV

Urubu que na brenha exercitado
 Um Tigre, que na caça à mãe roubara,
 Tendo-o junto de si domesticado,
 A combater consigo acostumara:
 Lança-o a Diogo: o monstro arrebatado
 Entre as presas cruéis, que arreganhara,
 Ia apesar dos férreos embaraços,
 Com garra, e dente a pô-lo em mil pedaços.

LXV

Mas o Herói bem que de outros investido,
 Enquanto a fera no ar saltando tarda,
 Tendo-se ao fero assalto prevenido,
 Dispara-lhe na frente uma espingarda:
 E qual raio da nuvem despedido,
 Quando a fera que o ímpeto retarda,
 Trêmula ao golpe a vacilar começa,
 Salta-lhe em cima, e corta-lhe a cabeça.

LXVI

Ao estrépito, ao fogo, ao golpe horrendo,
 À fumaça do tiro ocasionada;
 Ao ver o busto sobre o chão tremendo,
 E a terrível cabeça sobre a espada;
 A imensa multidão que o estava vendo,
 Cai por terra sem ânimo assombrada;
 E alguns, que em pé tremendo se suspendem,
 Ao grão-Caramuru todos se rendem.

LXVII

Jararaca entre tanto que seguira
 Os que fugiram no primeiro insulto,
 Por encontrar Gupeva tudo gira,
 Que nas cabanas se emboscara oculto:
 Ia-o buscando o bárbaro, que ouvira
 Daquela parte o bélico tumulto,
 Com tenção de expugnar a Taba ingente,
 Matar Gupeva, e cativar-lhe a Gente.

LXVIII

Na toca algum das árvores imensas,
 Algum em meio às ramas se escondia;
 Muitos se emboscam pelas selvas densas,
 Outro em covas profundas que sabia:
 Porque andando em contínuas desavenças,
 Qualquer ao noto asilo recorria;
 Onde entrando o inimigo, sem prevê-lo,
 Saem de toda a parte a acometê-lo.

LXIX

Enquanto a selva passeava escura
 De imortais arvoredos rodeada,
 Foi Jararaca que a cuidou segura,
 Ferido sobre o pé de uma frechada:
 Ficou-lhe a planta sobre a terra dura,
 Em tal maneira com o chão cravada,
 Que por mais que arrancá-la dali prove,
 Despedaça-se o pé, mas não se move.

LXX

Corre a turba a salvá-lo, e em continente
 Voam mil setas desde a espessa rama,
 E cad'árvore ali do bosque ingente
 Um chuveiro de tiros lhe derrama:
 Cada tronco é um castelo: ao lado, e frente
 A oculta multidão bramindo clama;
 E o resto, que em cavernas se escondia,
 Ao rumor da vitória concorria.

LXXI

Já mal resiste o Caeté cercado;
 E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
 Um corpo de reserva trouxe armado,
 Que à inclinada batalha invicto corre.
 Jararaca, que o pé tinha encravado,
 Vendo que outro remédio o não socorre,
 Por ter a vida, e liberdade franca,
 Deixa parte do pé, e a seta arranca.

LXXII

Nos braços vai dos seus mal defendido;
 Mas com a massa, que meneia horrenda,
 Reprime forte o bárbaro atrevido,
 Porque não haja quem se acoste, e o prenda:
 E tendo a forte o caso decidido,
 Cede raivoso da cruel contenda;
 E ao Sertão retirado não descansa,
 Maquinando em furor nova vingança.

LXXIII

Paraguaçu porém de glória avara
 Seguia na vitória o gênio ativo;
 E incauta de Diogo se apartara,
 Cortando a retirada ao fugitivo:
 Anima a multidão, que se emboscara,
 Pessicava potente, por motivo,
 Se prevalece a força do contrário,
 De acudir ao socorro necessário.

LXXIV

Este vendo a donzela valerosa
 Turbar com fúria a Gente amedrentada,
 Desde o alto lança de árvore frondosa
 Grosso ramo, que cai de uma pancada.
 Debaixo dele a Heroína valerosa,
 Co' grande peso pelo chão prostrada,
 Ficou falta de alento, e semiviva,
 Nãos mãos do cruel bárbaro cativa.

LXXV

Corre a turba feroz contra a donzela,
 Que depois que das armas deixa o peso,
 Descobre a todos a presença bela,
 E fica quem a prende ainda mais preso.
 Da rude multidão, que corre a vê-la,
 Há quem de a ver tão linda fica aceso,
 Outro que de a ter visto em guerra armada,
 Ainda a teme com vê-la desmaiada.

LXXVI

Logo que respirou, novo ar tomando,
 Sente no coração mais desafogo,
 E alento pouco a pouco vai cobrando,
 Até que entrando em si, chama o seu Diogo:
 Mas na turba que a cerca reparando,
 Conhece-se cativa, e desde logo
 Noutro fero desmaio fica absorta,
 E cuida quem a vê que ficou morta.

LXXVII

Salvagem há que cuida de comê-la,
 Nem muito se está morta se assegura;
 E com fúria voraz contra a donzela,
 A gula acende com a chama impura:
 Nem prezar-se costuma a forma bela
 No fero coração da Gente dura;
 E em morrendo qualquer mulher, ou homem,
 Choram muito, e depois assam-no, e comem.

LXXVIII

Paté com este intento a degolar,
 Se a bela Mangarita que isto via
 Desde o mato escondida o não frechara,
 Deixando-lhe suspensa a mão que erguia:
 Um troço de Amazonas volta a cara,
 E a peleja de novo se acendia;
 Sendo Paraguaçu, que jaz no meio,
 O preço da vitória neste enleio.

LXXIX

Cotia, que marchara sempre ao lado
 Da desmaiada Heroína em paz, ou guerra,
 Por vingar, ou remir o corpo amado,
 Co'fulmíneo Tacape o campo aterra:
 Piá, Cipó, Açú deixou prostrado,
 E faz que a grã-Baleia morda a terra,
 Baleia, que acomete vingativa,
 Por guardar a donzela semiviva.

LXXX

Nem tu, Guarapiranga, à mãe o formosa
 Pudeste evadir na horrível luta,
 Que enquanto a Inúbia soas horrorosa,
 Com que às armas se acende a Gente bruta.
 Cotia com a espada valerosa,
 A música feral que se te escuta,
 Nos Antros retumbar te faz do Averno;
 Melodia, que é digna só do inferno.

LXXXI

Tudo cede a Amazona, e já salvava
 Paraguaçu mortal da Gente fera,
 Quando o grão-Pessicava, que observava
 O estrago, que a Amazona ali fizera:
 Acomete o esquadrão com fúria brava,
 E tudo afugentando o tempo espera,
 Em que a impulso do braço alcance forte
 Degolar a Cotia de um só corte.

LXXXII

Espera ela sem medo, apenas vira
 Do bárbaro feroz o golpe incerto;
 E veloz a uma toca se retira,
 Que tinha em duro tronco o tempo aberto:
 Porém repete ali com maior ira
 Pessicava outro golpe, e por acerto
 Na valerosa Paca imprime o tiro,
 Que tomou com Cotia este retiro.

LXXXIII

Enquanto entrava o bárbaro, e na luta
 Um, e outro se abraça; o forte Diogo
 Que o caso da sua bela infausto escuta,
 Toma a espingarda, e parte em fúria logo:
 Qual pólvora encerrada dentro à gruta,
 Quando na oculta mina se deu fogo,
 Arroja penha, e monte, e o que tem diante;
 Tal se envia em furor o aflito amante.

LXXXIV

Tinha afogado Pessicava em tanto
 A Amazona infeliz, e a mão lançava
 Já de Paraguaçu, que no quebranto
 Apenas levemente respirava:
 E eis que inventando Diogo um novo espanto,
 Traz um tambor, que horrísono soava;
 E logo que o arcabuz com bala atira,
 Cai Pessicava, e morde o chão com ira.

LXXXV

Mais não espera a tímida manada,
 Ouvindo o estrondo, e os hórridos efeitos:
 Quem parte logo em fúria declarada;
 E quem lhe rende humilde os seus respeitos:
 Paraguaçu porém desassombrada,
 Sendo os contrários com terror desfeitos,
 Acordou num suspiro, e solta viu-se;
 E conhecendo Diogo, olhou-o, e riu-se.

CANTO V

I

Débil em tanto a luz sobre o Horizonte,
 Os seus trêmulos raios apagava,
 E desde o Ocidental imenso monte,
 A noite pelas terras se espalhava:
 Morfeu deixando os antros de Aqueronte,
 No seio dos mortais se derramava;
 Mas da bárbara Gente que fugia,
 Só s'entregava ao sono a que morria.

II

Fatigado Diogo ao lado estava
 Da bela Esposa numa grã-floresta;
 Nem ao preciso sono lugar dava
 Na atenção de a guardar da Gente infesta:
 Um do outro os sucessos escutava,
 Nutrindo em novo fogo a chama honesta;
 Que depois que um triunfa do inimigo,
 Faz-se doce a memória do perigo.

III

Ao resplendor da Lua que saía,
 Misturava-se o horror com a piedade,
 Porque em lagos de sangue só se via
 Sanguinolenta horrível mortandade:
 O vale igual ao monte parecia,
 E do estrago na vasta imensidade,
 O outeiro estava, donde foi o assalto,
 Com montes de cadáveres mais alto.

IV

Não pode vê-lo a bela Americana,
 Sem que a tocasse um triste sentimento;
 E ou fosse condição da Gente Humana,
 Ou do seu sexo um próprio movimento:
 Chorou piedosa a forte desumana,
 Dos que apartados do terreno assento
 Jaziam, como ouvira de Diogo,
 Nas lavaredas de um eterno fogo.

V

E como (compassiva disse) é crível
 Que um Deus, como me pintas, bom, e amável,
 Sabendo o que há de ser, e o que é possível,
 Nos crie para fim tão miserável?
 Antevendo um sucesso tão terrível,
 Não parece crueldade inexcusável
 Dar-lhe o ser, dar-lhe a vida, dar-lhe a mente
 Para vê-los arder eternamente?

VI

Quantos criar pudera que o servissem,
 Deixando de criar quem o agravasse;
 Onde todos a vê-lo ao Céu subissem,
 E as obras que produz todas salvasse?
 Nossos pais se dos filhos tal previssem,
 Quanto fora cruel quem os gerasse?
 E creremos da excelsa grã-Bondade
 Que ceda a nossos Pais na humanidade?

VII

Segredos são (diz Diogo) da inescrutável
 Majestade de Deus: que saberemos
 Do seu modo de obrar sempre inefável,
 Se o que somos, e obramos não sabemos?
 Faltando-nos razão clara, e provável
 Nos conselhos de Deus, que ocultos vemos,
 É bem que toda a dúvida se acabe,
 Porque ele pode mais, do que o Homem sabe.

VIII

Mas se há lugar à humana conjectura
 Dos possíveis na longa imensidade,
 Não se podia achar uma criatura,
 Que goze d'impecável liberdade:
 Uma firme inocência é graça pura;
 É mercê liberal da Divindade;
 E quem em tanto a perguntar se atreve,
 Por que lha não quis dar, quem lha não deve?

IX

Desde a Origem da imensa Eternidade,
 Que tudo sem princípio ordena, e rege,
 Devemos presumir da Divindade,
 Que onde o Ótimo encontra, em tudo o elege:
 E sendo em nós tão grande a iniquidade,
 Não temos cousa, que a qualquer se inveje;
 Onde se os mais possíveis vendo fores,
 Nós somos os eleitos por melhores.

X

Embora seja assim; (disse a donzela)
 Mas que culpa tem estes, que o ignoravam?
 Não cuida acaso Deus, ou pouco zela
 As almas, que entre nós se condenavam?
 E senão, porque causa aos mais revela
 As doutrinas, que aos nossos se ocultavam?
 Distava mais do Céu a nossa Gente,
 Por que medeia o mar d'Este a Poente?

XI

Tornai a culpa a vós; e a vós somente
 (o Herói responde assim) Se com estudo
 Procurais sobre a Terra o bem presente,
 Por que não procurais o Autor de tudo?
 Para o mais tendes lume, instinto, e mente;
 Somente contra Deus buscais o escudo
 Em a vossa ignorância à brutal culpa!
 Essa ignorância é crime, e não desculpa.

XII

Porém já da fadiga desvelada
 Cerrava Paraguaçu seus olhos claros,
 Tendo-a Diogo na fé mais confirmada,
 Com responder prudente aos seus reparos:
 Enquanto a bruta Gente aprisionada,
 Mostrando-se da vida nada avaros,
 Dançam, e bebem com tripúdio forte,
 E esperam, como boda, a cruel morte.

XIII

Gupeva triunfante na grã-Taba
 O infausto prisioneiro à morte guia,
 E antevendo que a vida se lhe acaba,
 A mulher cada um lhe oferecia:
 Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba,
 Brindando-lhe o licor, que a taça enchia,
 Até que quando menos se recorda,
 Dous Salvagens o prendem numa corda.

XIV

Soltas as mãos lhe ficam, que meneia,
 Nem o tem mais que em meio da cintura
 A sogá de algodão, como cadeia,
 Que de uma parte, e de outra os assegura:
 Qual Leoa feroz na Maura areia,
 Quando o laço no ventre a tem segura,
 Toda da frente a cauda se retorçe,
 E rugé, e vibra a garra, e o corpo torçe.

XV

Muitos então da furibunda Gente
 Dizem-lhe injúrias mil, com mil insultos,
 Que ele se esforça a rebater valente,
 Sem que receie os bárbaros tumultos:
 Algum ali chegando ao paciente
 (Que tem por cousa vil morrer inultos)
 Dá-lhe um cesto de pedras recalcado,
 Com que atirando aos mais, morra vingado.

XVI

Embiara, e Mexira, dous possantes
 Mancebos Caetés de um parto vindos,
 Que Ainubá dera à luz tão semelhantes,
 Como tenros na idade, e em gesto lindos:
 Muitas donzelas, que os amaram dantes,
 Os belos dias seus choravam findos;
 Mitigando o desgosto de perdê-los
 Com a intenção, que tinham de comê-los.

XVII

Estes na corda têm os da Bahia,
 Dispostos a morrer no torpe abuso,
 De celebrar com sangue o fausto dia
 Das vítimas triunfais ao Pátrio uso:
 Embiara, que com arte a pedra envia,
 Muitas no Povo disparou confuso,
 E apesar dos escudos, que põe diante,
 Alguns feriu da turba circunstante.

XVIII

Uma grã-pedra ao ar nas mãos levanta;
 E erguendo os braços sobre a fronte a atira:
 Lança por terra alguns, outros quebranta,
 E esmaga com o peso o grão-Tapira:
 Outras três arrojou com fúria tanta,
 Que se d'atorno a Gente não fugira,
 Com os tiros que o bravo lhe dispara,
 Em vingança cruel no chão ficara.

XIX

Mexira noutro lado era detido
 Com o duro cordão; porém sem medo,
 Ao bárbaro Piri, que o tem cingido,
 Esmigalha a cabeça c'um penedo:
 Foge o Povo com pedras rebatido;
 Mas Mexira na corda atado, e quedo,
 Com três pedaços de uma ingente roca,
 Uns derriba no chão, e outros provoca.

XX

Sai então Tojucane em campo ardente,
 E ao som dos seus marraques aplaudido,
 Um cinto tem de plumas sobre a frente,
 Manto ao ombro de pluma entretecido:
 Tinto de negro todo, a cor somente
 Traz natural no vulto enfurecido;
 E por meter no horror maior respeito,
 Com o beijo inferior varria o peito.

XXI

A cara, peito, braços (vista horrenda!)
 Traz com golpes cruéis acutilados:
 Golpes, com que o valor se recomenda,
 Feitos da própria mão com talhos dados:
 Onde se a chaga apodreceu tremenda,
 Em meio do asco, e horror desfigurados,
 Vendo a Gente brutal que um não se dói,
 Este então (que ignorância!) é o seu Herói.

XXII

Desta arte Tojucane armado vinha,
 Posto ao vê-lo em silêncio, em pasmo tudo;
 Atira-lhe Embiara (que ainda o tinha)
 Um penedo, que rompe o forte escudo:
 O Tacape ele então desembainha,
 Que de plumas ornou com belo estudo,
 E encostando-se ousado à longa corda,
 Aos dous fortes irmãos falando aborda.

XXIII

Não sois vós (disse o bárbaro) traidores,
 Os que a matar-nos com furor viestes,
 E sem respeito aos míseros clamores,
 Os nossos tenros filhos já comestes?
 Somos (disseram) nós: os teus furores
 Sem o laço, em que agora nos prendestes,
 Soubéramos domar: e assim cativo,
 A ver-me solto, te comera vivo.

XXIV

Vivo, nem morto a mim me não tocaras,
 Porque se braço a braço te mediras,
 Ou imóvel de espanto em pé ficaras,
 Ou de um só golpe (diz) no chão caíras:
 Verias bem, se agora nos soltaras,
 Como logo (responde) me fugiras:
 Não queira de valente ser louvado,
 Quem pretende triunfar de um desarmado.

XXV

Esse vão pensamento melhor fora
 Que o tiveras, como eu, no campo, bravo;
 Mas tu (diz Tojucane) na mesma hora
 Te viste combatido, e foste escravo:
 Como te atreves a gloriar-te agora
 Com vil jactância, com soberbo gabo?
 A quem de resistir falta a constância,
 Não fica mais lugar para a jactância.

XXVI

Dizendo assim na frente a espada ingente,
 Deixa o fero cair com golpe horrendo;
 Cai por terra Embiara, ainda vivente;
 Mexira morto já, porém tremendo:
 Mordeu aquele o chão com fúria ardente,
 E em cima o matador co' pé batendo:
 Morre, soberbo, diz, e serás vasto
 Para nosso troféu vingança, e pasto.

XXVII

Qual se diz que a Tifeu subjuga um monte,
 Tal a planta cruel Embiara oprime;
 E como a cobra faz, se junto à fonte
 Toda em nós quebrantada se comprime:
 Retorcendo em mil voltas cauda, e fronte,
 Que ergue, vibrando a língua, no ar sublime,
 Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
 E o espírito exalado às sombras manda.

XXVIII

Chega às cruentas vítimas chorosa
 Femínea tropa, que com dor lamenta;
 E urlando todas com a voz maviosa,
 Tudo vai repetindo a plebe atenta:
 Depois daquela lástima enganosa,
 Qualquer junto aos cadáveres se assenta,
 E vão talhando pés, cabeças, braços,
 E as vítimas fazendo em mil pedaços.

XXIX

Chamam moquém as carnes, que se cobrem,
 E a fogo lento sepultadas assam;
 Tudo em cima com terra, e rama encobrem,
 Onde o fogo depois com lenha façam:
 Em tanto as voltam, cobrem, e descobrem,
 Até que do calor se lhe repassam:
 Detestável empresa, que escondiam
 Da indignação de Diogo, a quem temiam.

XXX

Foi avisado o Herói do ato execrando,
 Horrível pasto da Nação perversa,
 E a maneira oportuna meditando
 Da bárbara função deixar dispersa:
 Mil fogos de artifício ia espalhando,
 De horrível forma, e de invenção diversa:
 Treme a vil turba, e sem que a mais se arroje,
 Deixa o pasto cruel, e ao mato foge.

XXXI

Confusa a insana Gente do sucesso,
 Do grão-Caramuru temia a vista,
 Foge Gupeva de terror opresso,
 Nem sabe, em nem que maneira ao mal resista:
 Mas o novo pavor na Gente impresso
 Mitiga Paraguaçu, que o dano avista,
 Se, como teme, o Povo de espantado,
 O terreno deixasse abandonado.

XXXII

Jararaca entretanto conduzido
 Dos bravos Caetés à Taba nota,
 Diligente curava o pé ferido,
 E em reparar cuidava a grã-derrota:
 E havendo no conselho a liga unido,
 As forças representa, os meios nota,
 E Nigromante crê por perda tanta
 O grão-Caramuru, que o fogo encanta.

XXXIII

Já na grã-Taba os bárbaros se ajuntam,
 Onde contra Diogo arte se estude,
 E por Magos famosos, que perguntam,
 Recorriam de encantos à virtude:
 Os Nigromantes vêm que os corpos untam,
 E nos sussurros do seu canto rude
 Esperam que também ao forte Diogo,
 Matando privem do temido fogo.

XXXIV

Um deles, que por sábio se acredita,
 Não há (disse) quem possa a ardente frágua
 Apagar no trovão, que o raio excita,
 Lastimosa ocasião da nossa mágoa:
 Que se o antídoto ao fogo se medita,
 Mais natural não há que lançar-lhe água:
 Dentro n'água se apaga o fogo ardente;
 E este é o meio, que ocorre de presente.

XXXV

Contra as vossas canoas não se atreve
 O Filho do Trovão, se desce ao porto;
 Vós o vereis sem força em tempo breve
 Sair, qual já saiu das águas morto:
 Ninguém há, que não saiba como esteve,
 Quando o encontramos náufrago no porto:
 Nem usou do trovão, que espanta em terra,
 Nem fez com fogo n'água a horrível guerra.

XXXVI

São n'água, terra, e mar mui diferentes
 Os Anhangás, que reinam divididos:
 Uns, que só no ar, e fogo são potentes,
 Causam ventos, trovões, raios temidos;
 O terremoto, e pestes sobre as Gentes
 Movem outros na terra conhecidos:
 Este porém, que ao estrangeiro acode,
 N'água não poderá, se em fogo pode.

XXXVII

Parece à rude Gente este discurso,
 Segundo os seus princípios concludente;
 E ouvido com aplauso no concurso,
 Votam na execução concordemente.
 Toma a guerra portanto um novo curso,
 E ao mar se envia a belicosa Gente;
 Nem Capitão há mais, nem há pessoa,
 Que não se embarque em rápida canoa.

XXXVIII

Chamam canoa os nossos nesses mares
 Batel de um vasto lenho construído,
 Que escavado no meio, por dez pares
 De remos, ou de mais voa impelido:
 Com tropas, e petrechos militares,
 Vai de impulso tão rápido movido,
 Que ou fuja da batalha, ou a acometa,
 Parece mais ligeiro que uma seta.

XXXIX

Concorrendo as Nações do Sertão junto,
 Trezentas, ou mais arma Jararaca;
 E tendo escolha, porque o Povo é munto,
 Deixa em terra das Gentes a mais fraca.
 E sendo da Bahia tão conjunto
 O ilhéu de Taparica, este se ataca,
 Na esperança que Diogo acudiria,
 Vendo o sogro em perigo, que o regia.

XL

Repousava sem susto Taparica;
 E confiado em Diogo, e na vitória,
 Gozava de uma paz tranqüila, e rica,
 Depois que a guerra terminou com glória;
 E quando a rouca Inúbia arma publica,
 Tão longe tinha as armas da memória,
 Que ignorando em sossego os seus perigos,
 Nas mãos se foi meter dos inimigos.

XLI

Prendem o inerme Chefe de improviso,
 Acometendo a Taba descuidada:
 A chama, e fumo dão infausto aviso
 Ao bom Diogo da bárbara assaltada:
 Nem impulso maior lhe era preciso,
 Vendo a Ilha dos Bárbaros tomada:
 Ocupa em pressa as armas, e as canoas,
 Sem mais que Paraguaçu com cem pessoas.

XLII

Vinte bombas de pólvora tem cheias,
 De que uma parte já das naus salvara;
 Quatro férreos canhões, que entre as areias
 Por nadadores bons do mar tirara:
 Metralhas, palanquetas, e cadeias,
 Pistolas, e fuzis, que preparara;
 Canoas três de pólvora, e refina,
 Que lançar nas contrárias determina.

XLIII

Forma-se em meia Lua a vasta armada,
 Cuidando de encerrar Diogo em meio,
 E com nuvem de frechas condensada
 A áurea luz do Sol a impedir veio:
 Firme estava do Herói a turba irada;
 E coalhando-se o mar de lenhos cheio,
 Retumba o eco na Bahia toda
 Pela Gente brutal, que urlava em roda.

XLIV

Até que a tiro os vê do bronze horrendo;
 E sem mais esperar, dispara fogo,
 Que tudo com metralha ia varrendo,
 E a pique dez canoas meteu logo:
 Saltam muitos de horror no mar, tremendo:
 Alguns deixando o remo, as mãos de Diogo
 Com bombas ardem, que feroz lhe lança,
 Outros a espada de vizinho alcança.

XLV

Confusas entre si vão flutuando
 As canoas, que a Gente não regia;
 E uma vai sobr' outras embarrando
 Na desordem, que todas confundia:
 As três incendiárias arrojando,
 Um Dilúvio de fogo n'água ardia,
 Com tal fumaça nas ardentes fráguas,
 Que cobrindo-se o ar, fervem as águas.

XLVI

Qual, se na Selva densa o fogo ateia,
 Em colunas de fumo voa a chama,
 E a lavareda, que pelo ar ondeia,
 Traspassando se vai de rama em rama:
 Tal na Bahia de canoas cheia
 Um Dilúvio de fogo se derrama;
 E o bárbaro de horror, de espanto, e mágoa
 Foge à morte do fogo, e escolhe a d'água.

XLVII

Jararaca entretanto em terra estava,
 Onde prendera o incauto Taparica,
 E raivoso das praias observava
 Toda a frota naval, que em cinzas fica:
 Foge dispersa a tropa, que levava;
 E logo que a vitória se publica,
 Toda a Ilha, que as armas arrebatava,
 O tímido Caeté subjuga, ou mata.

XLVIII

Nem já dos inimigos se descobre
 Uma canoa só no lago ingente;
 E o mar de mil cadáveres se cobre,
 Sem que saiba aonde fuja a infeliz Gente.
 Que Gupeva entretanto a praia encobre,
 Embarçando a fuga ao Continente;
 Grande parte desde a água o braço estende,
 E a liberdade com a vida rende.

XLIX

Não assim Jararaca, que na praia
 Põe por escudo o infausto Taparica;
 E ameaça matá-lo, quando saia
 Em terra Diogo, que suspenso fica.
 Vê o transe a filha, e sobre as mãos desmaia
 Do caro Esposo, e pelo Pai suplica:
 E vê-se Diogo em lance embarçado,
 Sem saber como salve o desgraçado.

L

Atirar-lhe quisera; mas duvida,
 Na intenção de matá-lo vacilante;
 Vendo do Sogro ameaçada a vida,
 E quase sem alento a Esposa amante:
 Três vezes pôs a mira dirigida;
 Três vezes se deteve a mão constante;
 E em terra, e mar a um tempo a ação retarda,
 Jararaca ao bastão; ele à espingarda.

LI

Que mais espero (diz) feri-lo é incerto;
 Mas é claro na mão desse inimigo,
 Que em qualquer caso enfim o dano é certo,
 E cresce na tardança o seu perigo:
 Disse, e toma por alvo descoberto,
 A frente do contrário, e neste artigo
 Dispara o tiro, e a bala lhe atravessa
 De uma parte à outra parte da cabeça.

LII

Cai Jararaca em terra ao mesmo instante,
 Qual penhasco, que do alto se derroca,
 Quando o raio, que o arroja fulminante,
 Desde cima o arrancou da excelsa roca:
 Num rio a terra se banhou fumante
 Do negro sangue, donde pondo a boca,
 Morde raivoso a areia, em que caíra,
 E o torpe alento com a vida expira.

LIII

Já neste tempo se encontrava amigo
 Taparica, e Diogo em terno abraço,
 Vendo por terra o pérfido inimigo,
 Que tremendo ocupava um vasto espaço:
 Paraguaçu, que aflita do perigo
 Sem sentido ficou no horrível passo,
 Torna a si do desmaio, e vê piedoso
 O Pai, que a tem nos braços, com o Esposo.

LIV

Alegre vem do oposto Continente
 Em canoas Gupeva a Taparica,
 Congratular-se com o Herói valente,
 Que morto Jararaca, em calma fica:
 Pasma de ver o estrago a insana Gente,
 Que os arcos abatendo a paz suplica;
 E respeitando a superior Potência,
 Compensavam a paz com a obediência.

LV

Chegaram do Sertão dez mensageiros
 Em nome das Nações, que em guerra andavam,
 Confirmando com pactos verdadeiros
 A inteira sujeição, que ao Luso davam:
 Vem entr' eles os Príncipes primeiros,
 E com os ritos, que na Pátria usavam,
 Príncipe aclamam com festivo modo
 O Filho do Trovão, do Sertão todo.

LVI

Nem duvidou Diogo imaginando,
 Quanto domar importa a Gente bruta,
 Aceitar das Nações o excelso mando,
 E consigo prudente os fins reputa:
 Ouve-se em nome seu público bando,
 Que a bárbara caterva humilde escuta;
 Em que todo o homicídio se proíbe,
 E com pena de morte a culpa inibe.

LVII

Julga porém ao ver inveterada
 A bárbara paixão na Gente cega,
 Que a grave pena ao crime decretada,
 Convém dissimular, se ao caso chega:
 A tudo a Gente bárbara humilhada,
 Só na gula cruel a emenda nega,
 Por bárbara vingança carniceira,
 Que tanto pode a educação primeira.

LVIII

Não tardou logo a ocasião de vê-lo,
 Porque apenas deixara a companhia;
 O próprio Taparica sem temê-lo
 Ao convite cruel se prevenia:
 Bambu, que fora ao ponto de prendê-lo,
 Quem lhe lançara as mãos com ousadia,
 Preso em canoa o Régulo conserva,
 Por pasto infando à bárbara caterva.

LIX

Estava o desditoso encadeado,
 E exposto a mil infectos que o mordiam,
 Nem se lhe via o corpo ensangüentado,
 Que todo os marimbondos lhe cobriam:
 Corria o negro sangue derramado
 Das cruéis picaduras, que lhe abriam;
 E ele imóvel em tanto em tosco assento,
 Parecia insensível no tormento.

LX

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
 No modo de penar mais desumano;
 Maior a tolerância lhe parece,
 Do que possa caber num peito humano:
 E como Autor do crime reconhece,
 Do cruel Sogro o coração tirano,
 Oferece a Bambu, que a morte ameaça,
 Socorro amigo na cruel desgraça.

LXI

Perdes comigo o tempo (disse o Fero)
 Ao que vês, e ainda a mais vivo disposto:
 A liberdade, que me dás, não quero;
 E da dor, que tolero, faço gosto:
 Assim vingar-me do inimigo espero,
 Disse; e sem se mudar do antigo posto,
 As picadas cruéis tão firme atura,
 Como se penha fora, ou rocha dura.

LXII

Se o motivo, diz Diogo, porque temes,
 É porque escravo padecer receias;
 E tens por menos mal este, em que gemes,
 Do que uma vida em míseras cadeias:
 Depõe o susto, que sem causa tremes:
 Penhor te posso dar, por onde creias,
 Depondo a obstinação do torpe medo,
 Que a vida, e liberdade te concedo.

LXIII

Aqui da frente o bárbaro desvia
 Dos infectos co'a mão a espessa banda;
 E a Diogo, que assim se condoía,
 Um sorriso em resposta alegre manda.
 De que te admiras tu? Que serviria
 Dar ao vil corpo condição mais branda?
 Corpo meu não é já, se anda comigo,
 Ele é corpo em verdade do inimigo.

LXIV

O espírito, a razão, o pensamento
 Sou eu, e nada mais: a carne imunda
 Forma-se cada dia do alimento,
 E faz a nutrição, que se confunda:
 Vês tu a carne aqui, que mal sustento?
 Não a reputes minha: só se funda
 Na que tenho comido aos adversários;
 Onde minha não é, mas dos contrários.

LXV

Da carne me pastei continuamente
 De seus filhos, e Pai: dela é composto
 Este corpo, que animo de presente,
 Por isso dos tormentos faço gosto.
 E quando maior pena a carne sente,
 Então mais me consolo, no suposto
 De me ver do inimigo bem vingado,
 Neste corpo, que é seu, tão maltratado.

LXVI

Impossível parece ao Sábio Herói
 O que vê, e o que escuta, e que assim possa,
 Quando a carne mortal tanto se dói,
 Vencer-se a dor da fantasia nossa:
 Magoado interiormente se condói
 De ver, que no infeliz nada faz moça;
 Mostrando na brutal rara constância,
 Com tal valor tão bárbara ignorância.

LXVII

Tinham disposto em tanto no terreiro
 As Nações do Sertão pompa festiva,
 Criando Diogo Principal primeiro
 Com aplauso geral da comitiva.
 Vê-se ornado de plumas o guerreiro,
 E como em triunfo a multidão cativa,
 E sobre os mais num Trono levantado
 Cingem de pluma o vencedor coroadado.

LXVIII

A roda, como em círculo, prostrados
 Sessenta Principais das Nações feras
 Em nome de seus Povos humilhados,
 Submissões rendem com temor sinceras:
 Tujucupapo, estando os mais calados,
 Grão-Filho do Trovão (disse) que imperas
 Em terra, e mar com glória combatendo,
 Tu domaste com o raio horrendo.

LXIX

Não te cedera não dos nossos peitos
 A varonil constância em guerra humana;
 Nem da morte tememos os efeitos,
 Se a contenda não fora sobre-humana:
 Rendemos-te fiéis nossos respeitos,
 Depois que o teu valor nos desengana,
 Que em teus combates todo o Céu te assiste;
 E a quem socorre o Céu, quem lhe resiste?

LXX

As Nações do Sertão já convencidas,
 Põe a teus pés os arcos, e as espadas:
 Suspende o raio teu; protege as vidas
 Desde hoje ao teu Império sujeitadas:
 E se tens, como creio, submetidas
 As procelas, as chuvas, e as trovoadas,
 Não espantes com fogo a humilde Gente;
 Mas faze-nos gozar da paz clemente.

LXXI

A teu comando estão sem replicar-te
 Os povos deste vasto Continente;
 E farás com teu nome em qualquer parte,
 Que te obedeça a valerosa Gente.
 Faze com o favor que haja de amar-te,
 Como a tens com terror feito obediente;
 Que se troveja o Céu na esfera escura,
 A Luz manda também formosa, e pura.

LXXII

Não foi acaso (disse o Herói prudente,
 Respondendo ao discurso) foi destino
 Querer o grão-Tupá que a vossa Gente
 A mão conheça do Poder Divino:
 Do Céu, que sobre vós brilha luzente,
 Se receberdes o sagrado ensino;
 Livres com glória do tirano Averno
 Sobre ele reinareis num fólio eterno.

LXXIII

Porém por serdes na ignorância rude,
 Incapazes de ouvir o mais em tanto,
 Buscai com a razão maior virtude,
 Implorando o favor do Trono Santo:
 E quando a vossa fé pedi-lo estude,
 Vereis da antiga serpe no quebranto
 Florescer nesta Pátria d'improviso
 Uma imagem do ameno Paraíso.

LXXIV

Disse o Herói generoso; a turba imensa
 Em final de prazer com grata dança,
 Vão em fileiras com a mão extensa,
 Fazendo com os pés vária mudança:
 Uma perna bailando tem suspensa,
 E turma sobre turma em modo avança,
 Que idéia dão dos bélicos ataques,
 Retumbando entretanto os seus marraques.

LXXV

Os Nigromantes, que o Brasil respeita,
 Um marraque descobrem venerado;
 Insígnia da Nação, que ao povo aceita,
 Consideram por Símbolo Sagrado:
 O Sacerdócio, como turma eleita
 No ministério ao culto dedicado,
 Pôs o bárbaro termo à função toda,
 Bafejando nos Príncipes à roda.

CANTO VI

I

Descansava no seio então Diogo,
 Extinta a guerra, de uma paz dourada,
 E o pavor do sulfúreo horrível fogo
 Trazia a Gente bárbara assombrada:
 As remotas Nações concorrem logo,
 Desde a interna região mais apartada;
 E tendo-o do trovão por viva imagem,
 Vinha todo o Sertão dar-lhe homenagem.

II

Muitos deles, dos povos subjugados,
 Que o efeito viram da terrível chama;
 Outros vinham somente convocados
 Das heróicas ações, que conta a Fama:
 Trazem plumas, e bálsamos prezados,
 E outra rude opulência, que o povo ama,
 E com os dons da Americana Ceres,
 Oferecem-lhe as filhas por mulheres.

III

Era antigo dos bárbaros costume,
 Quando algum Capitão foi bravo em guerra,
 Ou se julgavam que o regia um Nume,
 Emparentá-lo aos Principais da terra:
 Qualquer que de nobreza então perfume,
 Do grão-Caramuru, que tudo aterra,
 Procura, como nobre preminência,
 Ter na sua prosápia a descendência.

IV

Tuibaé, dos Tapuias Chefe antigo,
 Tiapira lhe oferece celebrada;
 E com a mão da filha deixa amigo
 Uma ilustre aliança confirmada:
 Xerenimbó trazia-lhe consigo
 A formosa Moema já negada
 A muitos Principais, por dar-lhe Esposo
 Digno do tronco de seus Pais famoso.

V

Muitas outras donzelas Brazilianas
 A mão do claro Diogo pertendiam,
 Ou por prendas, que notam soberanas,
 Ou por grandes ações, que dele ouviam:
 A todos ele deu mostras humanas
 Sem a fé lhe obrigar, que pertendiam;
 Mas por não ofender as brutas Gentes,
 Trata os Pais, e os Irmãos como parentes.

VI

Paraguaçu porém com fé de Esposo
 Parecia estimar distintamente,
 Mostrando-lhe no afeto carinhoso
 A sincera afeição que n'alma sente:
 Amava nela o peito valeroso,
 E o gênio dócil, com que à fé consente;
 Amor que ocasionou, como é costume,
 Em algumas inveja, e noutras ciúme.

VII

Todas à bela Dama aborrecendo,
 Conspiram feras em tirar-lhe a vida;
 Mas ela que o projeto alcança horrendo,
 Deixar pertende a Pátria aborrecida:
 E na viagem de Europa discorrendo,
 Deseja renascer à melhor vida;
 Impulso santo, que com justa idéia
 Move Diogo a deixar aquela areia.

VIII

Agitado do vário pensamento,
 Na margem se entranhou do vasto rio,
 Que invocando o Seráfico portento,
 Chama de S. Francisco o Luso pio:
 E estando o Sol no seu maior aumento,
 Quando sitio no ardor busca sombrio,
 Numa lapa, que esconde alto mistério,
 Foi achar para a calma o refrigério.

IX

Por mil passos a penha milagrosa
 Estende em roda o giro dilatado;
 Obra da Natureza prodigiosa,
 Quando o Globo terráqueo foi criado:
 Concavidade há ali vasta, espaçosa,
 Onde tinha o Criador delineado,
 Com capela maior, nave, e cruzeiro,
 Um Templo, como os nossos, verdadeiro.

X

Largo trinta e três passos se estendia
 O grão-cruzeiro: a longitude da mole
 Por mais de outros oitenta discorria;
 Lugar, que não pisara humana prole:
 O prospecto exterior de pedraria,
 O interior pavimento é terra mole:
 De jaspe se levanta a grã-portada,
 Entre torres marmóreas fabricada.

XI

Dentro vêem-se magníficas Capelas,
 Sustentadas de esplêndidas colunas;
 Pelo teto entre nuvens giram estrelas,
 E sobre o rio a um lado tem tribunas,
 Que servindo-lhe a um tempo de janelas,
 Dão luz a todo o Templo; e quando lhe unas
 Quantos prodígios o lugar encerra,
 Maravilha maior não cobre a Terra.

XII

Capela ali se vê de entalho nobre,
 Obrado com desenho estranho, e vário,
 Onde esfigiado em mármore, se cobre
 Um natural belíssimo Calvário:
 Vê-se a base da Cruz, mas nada sobre;
 De jaspe ainda melhor que Egizio, ou Pário:
 E ao lado um posto em proporção distinta,
 Onde a Mãe, e Discípulo se pinta.

XIII

Chegado Diogo a ver prodígio tanto,
 Pelo estranho espetáculo suspenso,
 Penetra-se no peito de horror Santo,
 Por não sei que Sagrado oculto senso:
 Depois rompendo num devoto pranto,
 Prostrado em terra, adora o Deus imenso,
 Que quando ser ao mar, e à terra dava,
 O alicerce à grã-fábrica lançava.

XIV

Eis aqui preparado (disse) o Templo,
 Falta a fé, falta o culto necessário;
 E quanto era de Deus, feito contemplo
 Tudo o que é de salvar meio ordinário:
 Desta intenção parece ser exemplo
 Este insígne prodígio extraordinário;
 Onde parece que no Templo oculto,
 Tem disposto o lugar, e espera o culto.

XV

Quis mostrar nesta Imagem por ventura
 Que esta Gente brutal não desampara;
 E que a qualquer humana criatura
 O remédio da Cruz justo prepara;
 Que a estes do seu sangue dera a cura,
 Se aos instintos, que tem, não repugnara;
 Que Advogada nos deu de empresa tanta,
 Preparando o lugar à Virgem Santa.

XVI

Oh queira, grão-Senhor, vossa bondade
 Suprir neles, e em mim tanta miséria;
 Pois de todos salvar tendes vontade,
 Que por este final mostrais tão séria:
 Que se olhais para a nossa iniquidade,
 Achareis de punir tanta matéria,
 Que a antiga culpa pelos seus abrolhos
 A ninguém deixa justo aos vossos olhos.

XVII

Dali surcando o rio caudaloso,
 Vai o noto Recôncavo buscando,
 Por ver se inchada vela o pego undoso
 A rumo Oriental vai navegando:
 Nem temeria o pélagos espaçoso
 Ir na leve canoa atravessando;
 Se o perigo, que imenso considera,
 Pelo dano da Esposa não temera.

XVIII

Ergue-se sobre o mar alto penedo,
 Que uma angra à raiz tem, das naus amparo,
 Onde das ramas no entrechado enredo,
 Causa o verde prospecto um gosto raro:
 Ali morro coberto de arvoredos,
 A quem passeia o mar, serve de faro;
 Dão-lhe nome da Costa os experientes,
 Do glorioso Apóstolo das Gentes.

XIX

Aqui vê Diogo um casco, que encalhara,
 Onde n'água se oculta hórrida penha,
 Porque ignorando a costa se arrojara,
 Sem que esperança de socorro tenha:
 Vê, como a chusma em terra se salvara,
 Que a brutal Gente a cativar se empenha;
 E presumindo o que era, na canoa
 A defender os seus remando voa.

XX

E temendo que cedam enganados
 Ao bárbaro cruel os naufragantes;
 Ou que fiquem sem armas cativados
 Nas mãos desses penhascos ambulantes;
 Faz-lhes sinais, e deixa-os avisados,
 Fazendo ver as armas rutilantes,
 Da areia infida, e do cruel perigo,
 E o seu socorro lhe oferece amigo.

XXI

E quando a tiro de canhão se via,
 Fez que se ouvisse a formidável tromba,
 E ao eco do tambor, que lhe batia,
 Dispara ao tempo mesmo a horrível bomba:
 Treme de espanto o bárbaro, que ouvia;
 E este pasma, outro foge, aquele tomba;
 E o grão-Caramuru já divisando,
 Correm todos humildes ao seu mando.

XXII

Unidos do bom Diogo à comitiva
 Socorrem com presteza a vela rota;
 Onde a Gente das águas semiviva,
 Vão leves conduzindo a praia nota:
 Salvou-se-lhe a equipagem toda viva;
 E para os preparar a grã-derrota,
 Faz que a bárbara Gente, dando ajuda
 À aflita multidão piedosa, acuda.

XXIII

Paraguaçu porém com pio aviso
 Cuida em prover de roupas, e sustento;
 E quanto lhe é possível de improviso,
 Restabelece-lhe as forças co'alimento,
 Depois que se saciaram do preciso,
 Diogo que o caso seu recorda atento,
 Logo que a turba vê contente, e junta,
 Donde vem? aonde vão? quem são? pergunta.

XXIV

Um entre outros, que o Chefe parecia,
 E sobre os mais da chusma dominava,
 Depois de agradecer-lhe a cortesia
 Na Castelhana língua, em que falava
 Somos (disse) da nobre Andaluzia,
 Onde o chão Hispalense o Betis lava,
 Sócios se ouviste o nome de Arelhano,
 E desde o Reino viemos Peruano.

XXV

Se a Fama a vós chegou do valeroso
 Domador das Províncias Peruanas;
 E se Pizarro no Orbe tão famoso
 Não se ignora das Gentes Lusitanas:
 Fomos dele mandados pelo undoso
 Grão-rio, que em correntes desce insanas,
 Desde a grã-cordilheira, que iminente
 Aqui separa o Ocaso do Oriente.

XXVI

Novas Ilhas buscando, e novos mares
 Depois de longos dias navegamos;
 Já com procelas, já com brandos ares,
 Ao conhecido Oceano chegamos:
 Os perigos, os casos singulares,
 Que por mais de mil léguas toleramos,
 Não contara, depois que no mar erro
 A ter o peito de aço, e a voz de ferro.

XXVII

De sessenta, e mais línguas diferentes,
 Vimos, descendo o rio, em curso imenso,
 Incógnitas Nações, bárbaras Gentes,
 E um povo inumerável, vasto, e denso:
 Montanhas vimos, campos mil patentes,
 E um terreno nas margens tão extenso,
 Que poderá ele só neste hemisfério
 Formar com tanto Povo um vasto Império.

XXVIII

Mil vezes com canoas belicosas
 Combatemos no rio, e mil em terra;
 Perseguidos de tropas numerosas,
 Que ocupavam talvez o vale, e a serra:
 Nem cessava nas margens perigosas
 De mil bravas Nações a dura guerra,
 Até que entrando nas ardentes Zonas,
 Chegamos à Região das Amazonas.

XXIX

Discorre com furor pela ribeira,
 Vasto esquadrão de tropa feminina,
 Que em postura, e contendo de guerreira,
 Assaltar nossa frota determina
 Sobre o sexo viril, turba grosseira,
 O feminino sexo ali domina,
 Onde o rio, porque a fama o conte,
 Recordamos o antigo Termodonte.

XXX

E já o Hispano Leão domado houvera
 Das Amazonas o terreno infausto,
 Se no clima infeliz nos não morrera
 De mil fadigas Arelhano exausto.
 A Gente pois que o Capitão perdera,
 Não podendo esperar sucesso fausto,
 Sobre este bergantim, que ali se adorna,
 Ao Solar Pátrio, navegando torna.

XXXI

Não duvideis, responde, o Herói clemente
 De achar em mim socorro poderoso;
 Que achais quem como vós do mar fremente
 Aprendeu na desgraça a ser piedoso:
 Tendes amiga mão, madeira, e Gente,
 Com que o casco, que vedes ruinoso,
 Reformando-se torne do Céu nosso
 À desejada Espanha, e Betis vosso.

XXXII

Disse; e ordenando a turba Americana,
 Assiste o fabro na naval fadiga;
 E quanto lhe permite a força humana,
 Faz que em breve o baixel seu rumo siga:
 Nem se demora mais a Gente Hispana,
 Que a convida a monção, e o vento obriga:
 Soltam a branca vela ao fresco vento,
 E vão raspando o líquido elemento.

XXXIII

Felices vós, diz Diogo, afortunados,
 A quem da cara Pátria é concedido,
 Tornar hoje aos abraços desejados,
 Depois de tanto tempo a ter perdido!
 Enquanto eu nestes climas apartados
 Me vejo de seguir-vos impedido;
 Que fiar temo de tão débil lenho
 Outra vida, quem mais que a própria tenho.

XXXIV

Dizendo assim, com calma vê lutando
 Formosa nau de Gálica bandeira,
 Que a terra ao parecer vinha buscando,
 E a proa mete sobre a própria esteira:
 Vem seguindo a canoa, e sinais dando,
 Até que aborda a embarcação veleira;
 E de paz dando a mostra conhecida,
 As praias de Bahia a nau convida.

XXXV

A Gupeva entretanto, e Taparica
 Dava o último abraço, e à forte Esposa
 A intenção de levá-la significa,
 A ver de Europa a Região famosa:
 Suspensa entre alvoroço, e pena fica
 Paraguaçu contente, mas saudosa;
 E quando o pranto na sentida fuga
 Começava a saudade, amor lho enxuga.

XXXVI

É fama então que a multidão formosa
 Das Damas, que Diogo pertendiam,
 Vendo avançar-se a nau na via undosa,
 E que a esperança de o alcançar perdiam:
 Entre as ondas com ânsia furiosa
 Nadando o Esposo pelo mar seguiam,
 E nem tanta água que flutua vaga
 O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII

Copiosa multidão da nau Francesa
 Corre a ver o espetáculo assombrada;
 E ignorando a ocasião da estranha empresa,
 Pasma da turba feminil, que nada:
 Uma, que às mais precede em gentileza,
 Não vinha menos bela, do que irada:
 Era Moema, que de inveja geme,
 E já vizinha à nau se apega ao leme.

XXXVIII

Bárbaro (a bela diz) Tigre, e não homem...
 Porém o Tigre por cruel que breme,
 Acha forças amor, que enfim o domem;
 Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
 Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
 Como não consumis aquele infame?
 Mas pagar tanto amor com tédio, e asco...
 Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

XXXIX

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
 Quando eu a fé rendia ao teu engano;
 Nem me ofenderas a escutar-me altivo,
 Que é favor, dado a tempo, um desengano:
 Porém deixando o coração cativo
 Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
 Fugiste-me, traidor, e desta sorte
 Paga meu fino amor tão crua morte?

XL

Tão dura ingratidão menos sentira,
 E esse fado cruel doce me fora,
 Se a meu despeito triunfar não vira
 Essa indigna, essa infame, essa traidora:
 Por serva, por escrava te seguira,
 Se não temera de chamar Senhora
 A vil Paraguaçu, que sem que o creia,
 Sobre ser-me inferior, é néscia, e feia.

XLI

Enfim, tens coração de ver-me aflita,
 Flutuar moribunda entre estas ondas;
 Nem o passado amor teu peito incita
 A um ai somente, com que aos meus respondas:
 Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,
 (Disse, vendo-o fugir) ah não te escondas;
 Dispara sobre mim teu cruel raio...
 E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
 Pálida a cor, o aspecto moribundo,
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,
 Entre as falsas escumas desce ao fundo:
 Mas na onda do mar, que irado freme,
 Tornando a aparecer desde o profundo;
 Ah Diogo cruel! disse com mágoa,
 E sem mais vista ser, sorveu-se n'água.

XLIII

Choraram da Bahia as Ninfas belas,
 Que nadando a Moema acompanhavam;
 E vendo que sem dor navegam delas,
 À branca praia com furor tornavam:
 Nem pode o claro Herói sem pena vê-las,
 Com tantas provas, que de amor lhe davam;
 Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
 Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

XLIV

Voava em tanto a nau na azul corrente,
 Impelida de um Zéfiro sereno,
 E do brilhante mar o espaço ingente
 Um campo parecia igual, e ameno:
 Encrespava-se a onda docemente,
 Qual aura leve, quando move o feno;
 E como o prado ameno rir costuma,
 Imitava as boninas com a escuma.

XLV

Du Plessis, que os Franceses governava,
 Em uma noite clara à popa estando,
 Os casos de Diogo, que escutava,
 Admira no naufrágio memorando:
 Depois do Herói prudente perguntava
 Quem achara o Brasil, e como, e quando
 Ganhara no recôndito hemisfério
 Tanto tesouro o Lusitano Império?

XLVI

Dous Monarcas (responde o Lusitano)
 Já sabes que no Ocaso, e no Oriente
 Novos Mundos buscaram pelo Oceano,
 Depois de haver domado a Líbia ardente:
 E que, onde não chegou Grego, ou Romano,
 Passeia o forte Hispano, e a Lusa Gente;
 Que instruídos na Náutica com arte,
 Descobriram do Mundo outra grã-parte.

XLVII

Do Tejo ao China o Português impera,
 De um pólo ao outro o Castelhana voa,
 E os dous extremos da redonda esfera,
 Dependem de Sevilha, e de Lisboa:
 Mas depois que Colon sinais trouxera,
 (Colon, de quem no Mundo a fama voa)
 Deste novo admirável Continente
 Discorda com Castela o Luso ardente.

XLVIII

Já se dispunha a guerra sanguinosa;
 Porém o comum Pai aos dous intima
 Arbítrio na contenda duvidosa,
 Que a parte competente aos Reis estima.
 Desde Roma Alexandre imperiosa,
 Deixando ambos em paz à empresa anima,
 E uma linha lançando ao Céu profundo,
 Por Fernando, e João reparte o Mundo.

XLIX

Na vasta divisão, que ao Luso veio,
 O precioso Brasil contido fica:
 País de Gentes, e prodígios cheio,
 Da América feliz porção mais rica:
 Aqui do vasto Oceano no meio
 Por horrível tormenta a proa aplica
 O ilustre Cabral com fausto acaso
 Sobre graus dezesseis do nosso Ocaso.

L

Da nova Região, que atento observa,
 Admira o clima doce, o campo ameno,
 E entre arvoredos imensos, a fértil erva
 Na viçosa extensão do áureo terreno:
 Coberta a praia está de grã-caterva
 De incógnita Nação, que com o aceno,
 Porque a língua ignorava, à paz convida,
 Erguendo-lhe o troféu do Autor da vida.

LI

Era o tempo, em que alegre ressuscita
 A verde planta, que murchou no Inverno;
 E quando a solar meta o tempo excita,
 Em que o Rei triunfou da morte eterno:
 Tão sagrada memória a frota incita
 A celebrar ao Vencedor do Inferno
 O sacrifício, donde a fé venera,
 A Paixão, que em tal tempo sucedera.

LII

Em frondosa ramada o Lusitano
 Um Altar fabricou no prado extenso,
 Onde assista ao Mistério soberano
 Da Lusitana esquadra o Povo imenso:

Ao Rei triunfante do infernal tirano,
 Odorífero fuma o sacro incenso,
 E a vítima do Céu, que a paz indica
 À Gente, e nova terra santifica.

LIII

Notar o Americano ali contende
 Do sacrossanto Altar o ato sublime;
 E tanto a simples Gente o aceno entende,
 Que parece que a ação por santa estime:
 Algum que olhava ao celebrante, emprende
 O gesto arremedar, que orando exprime,
 E as mãos une, e levanta, e talvez solta;
 E quando o vê voltar, também se volta.

LIV

Como as nossas ações talvez espia
 O peloso animal, que o mato hospeda,
 E quanto vê fazer, como à porfia,
 Tudo posto a observar, logo arremeda:
 Tal o Gentio simples parecia,
 Que nem um pé, nem passo dali arreda,
 E ao santo sacrifício atento, e mudo,
 O que aos mais viu fazer, fazia-o tudo.

LV

Aqui depois que às turbas eloqüente
 Dita o Sacro Orador pio conceito,
 E a fé dispensa no ânimo valente
 Do nobre Povo a propagá-la eleito:
 Participa da ceia a Cristã Gente,
 E o dom recebem com fiel respeito;
 E é fama que Cabral, que os convocara,
 Montando sobre um alto, assim falara.

LVI

Gloriosa Nação, que a terra vasta
 Vais a livrar do Paganismo imundo,
 A quem esse Orbe antigo já não basta,
 Nem a imensa extensão do mar profundo:
 Neste oculto País, que o mar afasta,
 Tem teu zelo por campo um novo Mundo;
 E quando tanta fé seus termos sonde,
 Outro Mundo acharás, se outro se esconde.

LVII

Oh profundo conselho! Abismo imenso
 Do poder, e saber do Onipotente!
 Que estivesse escondida no Orbe extenso
 Tanta parte do Mundo à sábia Gente!
 Cinquenta e cinco séculos sem senso
 Nas Nações deste vasto Continente,
 E em tanta indagação dos sábios feita,
 Não cair-nos na mente nem suspeita!

LVIII

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
 Em que a alta Providência aqui nos guia;
 Quando à ignorância Cristo o perdão ora;
 Quando morre na Cruz, no próprio dia:
 Na bandeira do mar triunfadora
 Tremulamos as Chagas com fé pia,
 E nelas quis a grei, que em sombras langue,
 Vir neste dia a oferecer seu sangue.

LIX

Goza de tanto bem, terra bendita,
 E da Cruz do Senhor teu nome seja;
 E quanto a luz mais tarde te visita,
 Tanto mais abundante em ti se veja:
 Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
 Maduro fruto da Paixão na Igreja,
 Da fé renovo pelo fruto nobre,
 Que o dia nos mostrou, que te descobre.

LX

Dizendo assim ajoelha, e Cruz em tanto
 Sublime num oiteiro se coloca;
 O Exército formado ao sinal santo
 Se prostra humilde, pondo em terra a boca:
 Pasma o Gentio, e admira com espanto
 A melodia, com que o Céu se invoca,
 Hino entoando à Cruz pios Cantores,
 E respondendo as trompas, e os tambores.

LXI

Terra porém depois chamou a Gente
 Do Brasil, não da Cruz; porque atraída
 Doutro lenho nas tintas excelente,
 Se lembra menos do que o foi da vida:

Assim ama o mortal o bem presente;
 Assim o nome esquece, que o convida
 Aos interesses da futura glória,
 Aos bens atento só da transitória.

LXII

Observa o bom Cabral todo o prospeto
 Da imensa costa, e pelo clima puro:
 Pelo abordo tranqüilo, e mar quieto,
 Chama o seio, em que entrou Porto Seguro:
 E olhando com saudade o doce objeto
 Do seu destino, se lamenta escuro,
 Que pela empresa a que mandado fora,
 Não permite na Armada outra demora.

LXIII

Manda depois ao Luso Dominante
 Um aviso do clima descoberto;
 Nem tarda Manoel então Reinante
 A enviar um Cosmógrafo, que experto
 Da escola fora, que o famoso Infante
 Para a Náutica ciência tinha aberto,
 E Américo dispõe, que ao Brasil parta,
 De quem deu nome ao Continente a Carta.

LXIV

E por ter quem aos nossos interprete
 Do ignorado idioma a escura sorte,
 Alguns em terra condenados mete,
 Devidos por delito à crua morte:
 A vida como prêmio lhe promete,
 Quando com peito se atrevessem forte
 A esperar no Sertão nova viagem,
 Aprendendo os rodeios da linguagem.

LXV

Com acenos depois à Gente bruta
 Os seus que lhe deixava, recomenda,
 E no claro perigo, em que os reputa,
 Arma lhe deixa, que na guerra ofenda:
 Dá-lhe a espécie, que ali bem se comuta,
 Em que possam tratar por compra, e venda;
 Espelhos, cascavéis, anzóis, cutelos,
 Campainhas, fuzis, serras, martelos.

LXVI

Nem se demora mais a forte Armada;
 E convidando o vento, estende a vela,
 Corre a bárbara Gente amontoada
 Ao embarque nas naus da tropa bela:
 E, ao que pode entender-se, magoada
 Por saudade, que tem de mais não vê-la,
 Com acenos, e voz enternecida
 Faziam a seu modo a despedida.

LXVII

Mais saudosos os tristes desterrados,
 Correndo imenso risco a língua aprendem,
 Recebendo alimentos comutados
 Pelas espécies, que ao Gentio vendem:
 Talvez os têm co'a cítara encantados;
 Talvez com cascavéis todos suspendem;
 Mas o objeto que a vista mais lhe assombra
 É ver dentro do espelho a própria sombra.

LXVIII

Extático qualquer notando admira,
 Dentro ao terso cristal a horrível cara:
 Pergunta-lhe quem é, como se ouvira;
 E crendo estar no inverso o que enxergara,
 De uma parte a outra parte o espelho vira;
 E não topando o vulto na luz clara,
 Tal há que o vidro quebra, por ver dentro
 Se a imagem acha, que observou no centro.

LXIX

Mas enquanto estes erram vagabundos,
 Américo Vespúcio, e o forte Coelho,
 A longa costa, e os seios mais profundos
 Demarcavam no Náutico conselho:
 Descobridor também dos novos Mundos
 Foi Jaques na Marinha experto, e velho,
 De quem já demarcado em carta ouvimos
 Esse ameno Recôncavo, que vimos.

LXX

Eu depois destes na ocasião presente,
 Quanto o vasto Sertão nos encobria,
 Descobri, pondo em fuga a bruta Gente,
 O Recôncavo interno da Bahia:
 Notei na vasta terra a turba ingente,
 Que mais Europa toda não teria,
 Se da grã-cordilheira ao mar baixando,
 Desde a Prata ao Pará se for contando.

LXXI

Dá princípio na América opulenta
 As Províncias do Império Lusitano,
 O grão-Pará, que um mar nos representa,
 Emulo em meio à terra do Oceano:
 Foi descoberto já (como se intenta)
 Por ordem de Pizarro, de Arelhano;
 País, que a linha Equinocial tem dentro,
 Onde a Tórrida Zona estende o centro.

LXXII

Em nove léguas só de comprimento,
 Vinte seis de circuito se espraia
 No vasto Maranhão d'água opulento,
 Uma Ilha bela, que se estende à praia:
 Regam-lhe quinze rios o áureo assento,
 E um breve estreito, que lhe forma a raia,
 Pode passar por Istmo, que a encadeia
 À terra firme por mui breve areia.

LXXIII

O Ceará depois, Província vasta,
 Sem portos, e comércio jaz inculta;
 Gentio imenso, que em seus campos pasta,
 Mais fero que outros o Estrangeiro insulta:
 Com violento curso ao mar se arrasta
 De um lago do Sertão, de que resulta,
 Rio, onde pescam nas profundas minas
 As brasílicas pérolas mais finas.

LXXIV

Da fértil Paraíba não ocorre
 Que informe a Gente vossa, sendo empresa
 Do comércio Francês, que ali concorre
 A lenhos carregar, que a Europa preza:
 Não mui longe da costa, que ali corre
 Uma Ilha vedes de menor grandeza,
 Que amena, fértil, rica, e povoada
 É d'Itamaracá de nós chamada.

LXXV

A oito graus do Equinócio se dilata
 Pernambuco, Província deliciosa,
 A pingue caça, a pesca, a fruta grata,
 A madeira entre as outras mais preciosa:
 O prospecto, que os olhos arrebatava
 Na verdura das árvores frondosa,
 Faz que o erro se escuse a meu aviso,
 De crer que fora um dia o Paraíso.

LXXVI

Sergipe então d'El-Rei: logo o terreno
 De que viste a beleza, e perspectiva;
 Nem cuidado que outro visses mais ameno,
 Nem donde com mais gosto a Gente viva:
 Clima saudável, Céu sempre sereno,
 Mitigada na névoa a calma ativa;
 Palmas, mangues, mil plantas na espessura,
 Não há depois do Céu mais formosura.

LXXVII

A quinze graus do Sul na foz extensa
 De um vasto rio, por ilhéus cortado,
 Outra Província de cultura imensa,
 Tem dos próprios ilhéus nome tomado:
 Depois Porto Seguro, a quem compensa
 O espaço da Província limitado,
 Outra de âmbito vasto, que se assoma,
 E do Espírito Santo o nome toma.

LXXVIII

Niterói dos Tamoios habitada,
 Por largas terras seu domínio estende,
 Famosa região pela enseada,
 Que uma grã-barra dentro em si compreende:
 Esta praia dos vossos freqüentada,
 Que pomo de discórdia entre nós pende,
 Custará, se presago não me engano,
 Muito sangue ao Francês, e ao Lusitano.

LXXIX

S. Vicente, e S. Paulo os nomes deram
 Às extremas Províncias, que ocupamos;
 Bem que ao Rio da Prata se estenderam
 As que com próprio marco assinalamos:
 E por memória de que nossas eram,
 De Marco o nome no lugar deixamos,
 Povoação, que aos vindouros significa,
 Onde o termo Espanhol, e o Luso fica.

CANTO VII**I**

Era o tempo, em que o Sol na vasta Esfera
 O claro dia com a noite iguala,
 E o velho Outono, que o calor modera,
 De seus pâmpanos tece a verde gala:
 E quando todo o monte Baccho altera,
 E os capazes tonéis na adega abala,
 Tocava a Franca nau do claro Sena
 Na deliciosa foz a praia amena.

II

Na grã-Lutécia, Capital do Estado,

A ligeira falua dava fundo,
 E esse Orbe na Cidade abreviado,
 Enchia Diogo de um prazer jucundo;
 Templos, torres, palácios, casas, prado,
 O famoso Ateneu mestre do Mundo,
 A Corte mais augusta, que se avista,
 Enche-lhe o coração, e assombra a vista.

III

Paraguaçu porém, que jamais vira
 Espetáculo igual, suspensa pára;
 Nem fala, nem se volta, nem respira,
 Imóvel a pestana, e fixa a cara:
 E cheia a fantasia do que admira,
 Causa-lhe tanto pasmo a visão rara,
 Que estúpida parece ter perdido
 O discurso, a memória, a voz, e o ouvido.

IV

Qual pende o tenro Infante ao colo da ama,
 Se um novo, e belo objeto tem presente,
 Que nem a doce mãe, que ao peito o chama,
 Nem os mimos do pai pasmado sente:
 Tod'alma no que vê fixo derrama,
 E só parece pelo olhar vivente:
 Não foi da Americana o ar diverso,
 Vendo em Paris a suma do Universo.

V

Por fama que se ouviu da novidade
 A admirar o espetáculo se ajunta,
 Curiosa do sucesso a grã-Cidade,
 E um se admira, outro o conta, algum pergunta:
 Cresce o vago rumor sobre a verdade;
 E a plebe, que a Diogo acode junta,
 Dele, e da Esposa divulgada tinha,
 Que era o Rei do Brasil, e ela a Rainha.

VI

E já avistavam do Palácio Augusto
 Em bela perspectiva o Régio espaço,
 E o átrio vendo de troféus onusto,
 Entram do Franco Rei no excelso Paço:
 Cinge as portas exército robusto,
 Brilhante guarda, de que o invicto braço
 Ao lado sempre da Real Pessoa,
 Sustenta as Lises, e defende a Coroa.

VII

Era ali Cristianíssimo Reinante
 Entre os Franceses o segundo Henrique,
 Meta então do Germano fulminante,
 Que opôs de Carlos às vitórias d'ique:
 Ortodoxo Monarca, da Fé amante,
 Que faz que em toda a França imóvel fique
 O antigo culto, e Religião paterna,
 Que invadiu de Calvino a Fúria Averna.

VIII

Senta-se ao Régio lado a grã-Princesa,
 Formosa Lis, que do Arno Florentino
 Trouxe a França um tesouro de beleza,
 E outro maior no engenho peregrino:
 Formoso par, que a sábia Natureza
 Não sem instinto conjugou Divino;
 Porque roubando Henrique a dura morte,
 Sustente França Catarina a Forte.

IX

Ao Trono Cristianíssimo prostrado
 A Régia Mão dos dous Monarcas beija
 O bom Diogo, tendo a Esposa ao lado,
 E faz que atenta toda a Corte esteja:
 E havendo por três vezes humilhado
 A frente aos Reis, que respeitar deseja,
 É fama, que com gesto reverente
 Falara deste modo ao Rei potente.

X

Tendes a vossos pés, Sire, invocando
 No Trono da grandeza a Majestade,
 Estes dous peregrinos, que surcando
 Do proceloso mar a imensidade,
 No Império, que regeis com sábio mando,
 Buscam asilo na Real piedade;
 E a vós, e ao vosso Reino se dirigem,
 Donde tem Portugal o nome, e a origem.

XI

O Brasil, Sire, infunde-me a confiança,
 Que ali renasça o Português Império,
 Que estendendo-se ao Cabo da Esperança,
 Tem descoberto ao Mundo outro hemisfério:
 Tempo virá, se o vaticínio o alcança,
 Que o cadente esplendor do nome Hespério
 O século, em que está, recobre de ouro,
 E lhe cinja o Brasil mais nobre louro.

XII

E Tu, que ao Luso Reino um germe Augusto
 No grão-Burgundo a propagar mandaste,
 Contempla, ó França Heróica, o Império justo,
 Como ramo do teu, que ali plantaste:
 E se o inculto Brasil, se o Cafre adusto
 Por teus famosos Netos subjugaste,
 Admite ao Trono do Solar primeiro
 Este teu não indigno aventureiro.

XIII

E esta, que ao lado meu teu Cetro beija,
 Princesa do Brasil, que um tempo fora,
 No seio da Cristã piedosa Igreja,
 Como Mãe pia regenera agora.
 É bem que a Mãe primeira o Brasil veja,
 Donde a Gente nasceu, que lhe é Senhora;
 E quando a Lusitânia lhe é Rainha,
 Tome o Brasil a França por Madrinha.

XIV

Disse o Herói generoso, e o Rei potente,
 Recordando os anais de antiga História;
 Com vista majestosa, mas clemente,
 Deu final de agradar-lhe esta memória:
 Com sussurro entretanto a áulica Gente
 Celebra, como própria, a Lusa glória;
 E impondo-lhe silêncio alto respeito,
 Respondem com os olhos, e co' peito.

XV

Mongomeri, que serve na assembléia
 De intérprete do Rei, falou benigno;
 Conforme na resposta à justa idéia,
 De que o bom Diogo se mostrou tão digno:
 Nem vendo a Lísia de conquistas cheia
 Lhe inspira o impulso da ambição maligno,
 A invejar-lhe já mais troféus tamanhos,
 Que em prole sua não reputa estranhos.

XVI

Ide, disse a Rainha, o par ditoso,
 Que o banho santo, donde a culpa amara,
 Se apague nesse peito generoso,
 Comigo a França apadrinhar prepara.
 E quando o Sol seu curso luminoso
 Três vezes repetir na Esfera clara,
 Será das nódoas do Tartáreo abismo
 Lavada a bela Dama no Batismo.

XVII

Era o dia, em que é fama, que o homem feito
 De terra, foi na Estátua preciosa,
 Em que Deus lhe infundira no seu peito
 Do Soberano ser cópia formosa.
 Dia do nosso rito ao culto eleito
 De Simão, e Tadeu, quando formosa
 Entrou Paraguaçu com feliz sorte
 No banho Santo, rodeando-a a Corte.

XVIII

À roda o Real Clero, e grão-Jerarca
 Forma em meio à Capela a Augusta linha;
 Entre os Pares seguia o bom Monarca,
 E ao lado da Neófita a Rainha.
 Vê-se cópia de lumes nada parca,
 E a turba imensa, que das guardas vinha;
 E dando o nome a Augusta à nobre Dama,
 Põe-lhe o seu próprio, e Catarina a chama.

XIX

Banhada a formosíssima Donzela
 No Santo Crisma, que os Cristãos confirma,
 Os Desposórios na Real Capela
 Com o valente Diogo amante firma:
 Catarina Álvares se nomeia a bela,
 De quem a glória no troféu se afirma,
 Com que a Bahia, que lhe foi Senhora,
 Noutro tempo, a confessa, e fundadora.

XX

Prepara-se um banquete com grandeza,
 Em que a cópia compita co'a elegância;
 E aos dous Consortes se dispõe a mesa
 No magnífico Paço em Régia estância:
 Nem se dedigna a Soberana Alteza,
 Depois de os regalar com abundância,
 De dar Rainha e Rei, de ouvir curiosos,
 Uma audiência privada aos dous Esposos.

XXI

Depois (disse o Monarca) que informado
 De meus Ministros tenho a História ouvido,
 Como foste das ondas agitado,
 Como da Gente bárbara temido:
 Sabendo que os Sertões tens visitado,
 E o centro do Brasil reconhecido,
 Quero das terras, dos viventes plantas,
 Que a História contes de Províncias tantas.

XXII

Mandas-me, Rei Augusto, que te exponha,
 (Diz cheio de respeito o Herói prudente)
 E aos olhos teus em um compêndio ponha
 A História natural da oculta Gente:
 Se esperas de mim, Sire, que componha
 Exata narração da cópia ingente,
 Empresa tanta é, quando obedeça,
 Que faz que o tempo falte, e a voz faleça.

XXIII

Mil e cinqüenta e seis léguas de costa,
 De vales, e arvoredos revestida,
 Tem a terra Brasílica composta
 De montes de grandeza desmedida:
 Os Guararapes, Borborema posta
 Sobre as nuvens na cima recrescida,
 A serra de Aimorés, que ao pólo é raia,
 As de Iboticatu, e Itatiaia.

XXIV

Nos vastos rios, e altas alagoas
 Mares dentro das terras representa;
 Coberto o grão-Pará de mil canoas
 Tem na espantosa foz léguas oitenta.
 Por dezessete se deságua boas
 O vasto Maranhão; léguas quarenta
 O Jaguaribe dista; outro se engrossa
 De S. Francisco, com que o mar se adoça.

XXV

O Sergipe, o Real de licor puro,
 Que com vinte o Sertão regando correm,
 Santa Cruz, que no Porto entra seguro,
 Depois de trinta, que no mar concorrem:
 Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
 Que abrindo a vasta foz no Oceano morrem,
 O Rio Doce, a Cananéia, a Prata,
 E outros cinqüenta mais, com que arremata.

XXVI

O mais rico, e importante vegetal
 É a doce cana, donde o açúcar brota,
 Em pouco às nossas canas comparável;
 Mas nas do milho proporção se nota:
 Com manobra expedita, e praticável,
 Espremido em moenda o suco bota,
 Que acaso a antiguidade imaginava,
 Quando o néctar, e ambrosia celebrava.

XXVII

Outra planta de muitos desejada,
 Por fragrância que o olfato ativa sente,
 Erva santa dos nossos foi chamada,
 Mas tabaco depois da Hispana Gente.
 Pelo Franco Nicot manipulada
 Expele a bile, e o cérebro cadente
 Socorre em modo tal, que em quem o tome,
 Parece o impulso de o tomar que é fome.

XXVIII

É sustento comum, raiz prezada,
 Onde se extrai, com arte útil farinha,
 Que saudável ao corpo, ao gosto agrada,
 E por delícia dos Brasis se tinha.
 Depois que em bolandeiras foi ralada,
 No Tapiti se espreme, e se convinha,
 Fazem a puba então, e a tapioca,
 Que é todo o mimo, e flor da mandioca.

XXIX

Chama o Agricultor raiz gostosa
 Aipi por nome; e em gosto se parece
 Com a mole castanha saborosa,
 De que tira o País vário interesse.
 Ótimo arroz em cópia prodigiosa,
 Sem cultura nos campos aparece,
 No Pará, Cuiabá, por modo feito,
 Que iguala na bondade o mais perfeito.

XXX

Ervilhas, feijão, favas, milho, e trigo,
 Tudo a terra produz, se se transplanta;
 Fruta também, o pomo, a pêra, o figo
 Com bífera colheita, e em cópia tanta:
 Que mais que no País que o dera antigo,
 No Brasil frutifica qualquer planta;
 Assim nos deu a Pérsia, e Líbia ardente,
 Os que a nós transplantamos de outra Gente.

XXXI

Nas comestíveis ervas é louvada
 O Quiabo, o Jiló, os Maxixeres,
 A Maniçoba peitoral prezada,
 A Taioba agradável nos comerer:
 O palmito de folha delicada,
 E outras mil ervas, que se usar quiseres,
 Acharás na opulenta natureza
 Sempre com mimo preparada a mesa.

XXXII

Sensível chama-se erva pudibunda,
 Que quando a mão chegando alguém lhe ponha,
 Parece que do tato se confunda,
 E que fuja o que o toca por vergonha.
 Nem torna a si da confusão profunda,
 Quando ausente o agressor se lhe não ponha,
 Documento à alma casta, que lhe indica,
 Que quem cauta não foi, nunca é pudica.

XXXIII

D'ervas medicinais cópia tão rara
 Tem no mato o Brasil, e na campina,
 Que quem toda a virtude lhe explorara,
 Por demais recorrera à Medicina.
 Nasce a Gelapa ali, a sene amara,
 O Filopódio, a malva, o pão da China,
 A Caroba, a Capeba, e mil que agora
 Conhece a bruta Gente, e a nossa ignora.

XXXIV

Tem mimosos legumes, que não cedem
 Aos que usamos na Europa mais prezados,
 Gengibre, Gergelim, que os mais excedem
 Mendubim, Mangalô, que usam guisados:
 Alguns medicinais, com que despedem
 Do peito estilicídios radicados;
 Tem o Cará, o inhame, e em cópia grata
 Mangarás, mangaritos, e batata.

XXXV

Das flores naturais pelo ar brilhante
 É com causa entre as mais rainha a Rosa,
 Branca saindo a Aurora rutilante,
 E ao meio-dia tinta em cor lustrosa:
 Porém crescendo a chama rutilante,
 É purpúrea de tarde a cor formosa;
 Maravilha que a Clicie competira,
 Vendo que muda a cor, quando o Sol gira.

XXXVI

Outra engraçada flor, que em ramos pende
 (Chamam de S. João) por bela passa
 Mais que quantas o prado ali comprede,
 Seja na bela cor, seja na graça:
 Entre a copada rama, que se estende
 Em vistosa aparência a flor se enlaça,
 Dando a ver por diante, e nas espaldas,
 Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

XXXVII

Nem tu me esquecerás, flor admirada,
 Em quem não sei, se a graça, se a natura
 Fez da Paixão do Redentor Sagrada
 Uma formosa, e natural pintura:
 Pende com pomos mil sobre a latada,
 Áureos na cor, redondos na figura,
 O âmago fresco, doce, e rubicundo,
 Que o sangue indica, que salvara o Mundo.

XXXVIII

Com densa cópia a folha se derrama,
 Que muito à vulgar Era é parecida,
 Entrefechando pela verde rama
 Mil quadros da Paixão do Autor da vida:
 Milagre natural, que a mente chama
 Com impulsos da graça, que a convida,
 A pintar sobre a flor aos nossos olhos
 A Cruz de Cristo, as Chagas, e os abrolhos.

XXXIX

É na forma redonda, qual diadema
 De pontas, como espinhos, rodeada,
 A coluna no meio, e um claro emblema
 Das Chagas santas, e da Cruz sagrada:
 Vêem-se os três cravos, e na parte extrema
 Com arte a cruel lança figurada,
 A cor é branca, mas de um roxo exangue,
 Salpicada recorda o pio sangue.

XL

Prodígio raro, estranha maravilha,
 Com que tanto mistério se retrata!
 Onde em meio das trevas a fé brilha,
 Que tanto desconhece a Gente ingrata:
 Assim do lado seu nascendo filha
 A humana espécie, Deus piedoso trata,
 E faz que quando a Graça em si despreza,
 Lhe pregue co' esta flor a natureza.

XLI

Outras flores suaves, e admiráveis
 Bordam com vária cor campinas belas,
 E em vária multidão por agradáveis,
 A vista encantam, transportada em vê-las:
 Jasmins vermelhos há, que inumeráveis
 Cobrem paredes, tetos, e janelas;
 E sendo por miúdos mal distintos,
 Entretecem purpúreos labirintos.

XLII

As açucenas são talvez fragrantes,
 Como as nossas na folha organizadas;
 Algumas no candor lustram brilhantes,
 Outras na cor reluzem nacaradas.
 Os bredos namorados rutilantes,
 As flores de Courana celebradas;
 E outras sem conto pelo prado imenso,
 Que deixam que as vê, como suspenso.

XLIII

Das frutas do País a mais louvada
 É o Régio Ananás, fruta tão boa,
 Que a mesma Natureza namorada
 Quis como a Rei cingi-la da coroa:
 Tão grato cheiro dá, que uma talhada
 Surpreende o olfato de qualquer pessoa;
 Que a não ter do Ananás distinto aviso,
 Fragrância a cuidará do Paraíso.

XLIV

As fragrantes Pitombas delicadas
 São, como gemas d'ovos na figura;
 As Pitangas com cores golpeadas
 Dão refrigério na febril secura:
 As formosas Guaiabas nacaradas,
 As Bananas famosas na doçura,
 Fruta, que em cachos pende, e cuida a Gente
 Que fora o figo da cruel Serpente.

XLV

Distingue-se entre as mais na forma, e gosto,
 Pendente de alto ramo o coco duro,
 Que em grande casca no exterior composto,
 Enche o vaso interior de um licor puro:
 Licor, que à competência sendo posto,
 Do antigo néctar fora o nome escuro;
 Dentro tem carne branca, como a amêndoa,
 Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

XLVI

Não são menos que as outras saborosas
 As várias frutas do Brasil campestres,
 Com gala de ouro, e púrpura vistosas,
 Brilha a Mangaba, e os Mocujes silvestres:
 Os Mamões, Muricis, e outras famosas,
 De que os rudes Caboclos foram Mestres,
 Que ensinaram os nomes, que se estilam,
 Janipapo, e Cajuinhos destilam.

XLVII

Nas preciosas árvores se conta
 O cacau, droga em Espanha tão commua,
 Pouco n'altura mais que arbusto monta,
 E rende novo fruto em cada Lua:
 A Bainilha nos cipós desponta,
 Que tem no chocolate a parte sua,
 Nasce em bainhas, como paus de lacre,
 De um suco oleoso, grato o cheiro, e acre.

XLVIII

Ótimo anil de planta pequenina
 Entre as brenhas incultas se recolhe;
 Tece-se a roupa do algodão mais fina,
 Que em cópia abundantíssima se colhe:
 Que se a abundância à indústria se combina,
 Cessando a inércia, que mil lucros tolhe,
 Houvera no Algodão, que ali se topa,
 Roupa, com que vestir-se toda a Europa.

XLIX

O urucu, fruto d'árvore pequena,
 Como lima, em pirâmide elevada,
 De que um extracto a diligência ordena,
 Que a escarlata produz mais nacarada:
 De imortal tronco a Tarajaba amena
 Rende a áurea cor dos Belgas desejada,
 O pau-brasil, de que o engenhoso Norte
 Costuma extrair cor de toda a sorte.

L

Há de bálsamos árvores copadas,
 Que por léguas, e léguas se dilatam;
 Folhas cinzentas, como a murta, obradas,
 E em grato aroma os troncos se desatam:
 Se neles pelas Luas são sangradas:
 E uso vário fazendo os que contratam,
 Lavram remédios mil, e obras lustrosas,
 Contas de cheiro, e caixas preciosas.

LI

A Copaíba em curas aplaudida,
 Que a Médica Ciência estima tanto,
 A Biciúba no óleo conhecida,
 A Almécega, que se usa no quebranto.
 A preciosa madeira apetedida,
 Que o nome nos merece de pau-santo,
 O Salsafrás cheiroso, de que as Praças
 Se vêem cobertas com formosas taças.

LII

Quais ricas vegetáveis ametistas
 As águas do Violeta em vária casta,
 O áureo Pequiá com claras vistas,
 Que n'outros lenhos por matiz se engasta:
 O vinhático pau, que quando avistas,
 Massa de ouro parece extensa, e vasta;
 O duro pau, que ao ferro competira,
 O Angelim, Tataipeva, o Supopira.

LIII

Troncos vários em cor, e qualidade,
 Que inteiriças nos fazem as canoas,
 Dando a grossura tal capacidade,
 Que andam remos quarenta, e cem pessoas:
 E há por todo o Brasil em quantidade
 Madeiras para fábricas tão boas,
 Que trazendo-as ao mar por vastos rios,
 Pode encher toda a Europa de navios.

LIV

Nutre a vasta Região raros viventes
 Em número sem conto, e em natureza
 Dos nossos animais tão diferentes,
 Que enchem a vista da maior surpresa:
 Os que têm mais comuns as nossas Gentes,
 Ignora esta porção da redondeza;
 O boi, cavalo, a ovelha, a cabra, e o cão;
 Mas levados ali sem conto são.

LV

Todo o animal é fero ali; levado
 Onde tinha o seu pasto competente;
 Nem era lugar próprio ao nosso gado,
 Que fora o bruto manso, e fera a Gente:
 Como entre nós é o Tigre arrebatado,
 Cruel a Onça, o Javali fremente,
 Feras as Antas são Americanas,
 E próprias do Brasil as Suraranas.

LVI

Vêem-se Cobras terríveis monstruosas,
 Que afugentam co'a vista a Gente fraca;
 As Jibóias, que cingem volumosas
 Na cauda um touro, quando o dente o ataca:
 Voa entre outras com forças horrorosas,
 Batendo a aguda cauda a Jararaca,
 Com veneno, a quem fere tão presente,
 Que logo em convulsão morrer se sente.

LVII

Entre outros bichos, de que o bosque abunda,
 Vê-se o espelho da Gente, que é remissa,
 No animal torpe de figura imunda,
 A que o nome pusemos da Preguiça:
 Mostra no aspecto a lentidão profunda;
 E quando mais se bate, e mais se atixa,
 Conserva o tardo impulso por tal modo,
 Que em poucos passos mete um dia todo.

LVIII

Vê-se o Camaleão, que não se observa,
 Que tenha, como os mais, por alimento
 Ou folha, ou fruto, ou nota carne, ou erva,
 Onde a plebe afirmou, que pasta em vento:
 Mas sendo certo, que o ambiente ferva
 De infinitos insetos, por sustento
 Creio bem que se nutra na Campanha
 De quantos deles, respirando, apanha.

LIX

Gira o Sareué, como pirata,
 Da criação doméstica inimigo;
 À Canção da Guariba sempre ingrata
 Responde o Guassinin, que o segue amigo:
 Da vária caça, que o Caboclo mata,
 A Narração por longa não prossigo,
 Veados, Capivaras, e Coatis,
 Pacas, Teús, Periás, Tatus, Cotias.

LX

O mono, que a espessura habita astuto,
 De um ramo noutra buliçoso salta;
 E para não se crer que nasceu bruto,
 Parece que o falar somente falta:
 O riso imita, e contrafaz o luto;
 E a tanto sobre os mais o instinto exalta,
 Que onde a espécie brutal chegar lhe veda,
 Tem arte natural, com que o arremeda.

LXI

Entre as voláteis caças mais mimosa,
 A Zabelé, que os Francolins imita,
 É de carne suave, e deliciosa,
 Que ao Tapuia voraz a gula incita:
 Logo a Enha-popé, carne preciosa,
 De que a titela mais o gosto irrita,
 Pombas verás também nesses países,
 Que em sabor forma, e gosto são perdizes.

LXII

Juritis, Pararis, tenras, e gordas,
 A Iraponga no gosto regalada,
 As Marrecas, que ao rio enchem as bordas,
 As Jacutingas, e a Aracã prezada:
 E se do lago na ribeira abordas
 De Galeirões, e patos habitada,
 Verás, correndo as águas na canoa,
 A turba aquátil, que nadando voa.

LXIII

Negou às naves do ar a Natureza,
 Na maior parte a Música harmonia;
 Mas compensa-se a vista na beleza,
 Do que pode faltar na melodia:
 A pena do Tocano mais se preza,
 Que feita de ouro fino se diria,
 Os Guarases pelo ostro tão luzido,
 Que parecem de púrpura vestidos.

LXIV

Vão pelo ar loquazes papagaios,
 Como nuvens voando em cópia ingente,
 Iguais na formosura aos verdes Maios,
 Proferindo palavras, como a Gente:
 Os Periquitos com iguais ensaios,
 O Canindé, qual Íris reluzente;
 Mas falam menos da pronúncia avaras,
 Gritando as formosíssimas Araras.

LXV

Como Melros são negros os bicudos,
 Mais destros, e agradáveis no seu canto,
 Na terra os Sabiás sempre são mudos;
 Mas junto d'água têm a voz, que é encanto:
 Os Coleirinhos no entoar agudos,
 As Patatibas, que o saudoso pranto
 Imitam, requebrando com sons vários,
 Os Colibris, e harmônicos Canários.

LXVI

Das espécies marítimas de preço
 Temos pérolas netas preciosas,
 Nem melhores aljôfares conheço,
 Que os das ostras Brasílicas famosas:
 Âmbar Gris do melhor, mais denso, e espesso,
 Nas costas do Ceará se vê espaçosas,
 Madrepérolas, conchas delicadas,
 Umam parecem de ouro, outras prateadas.

LXVII

Piscoso o mar de peixes mais mimosos,
 Entre nós conhecidos rico abunda,
 Linguados, Sáveis, Meros preciosos,
 A Agulha, de que o mar todo se inunda:
 Robalos, Salmonetes deliciosos,
 O Cherne, o Voador, que n'água afunda,
 Pescadas, Galo, Arraias, e Tainhas,
 Carapaus, Enxarrocós, e Sardinhas.

LXVIII

Outros peixes, que próprios são do clima,
 Berupirás, Vermelhos, e o Garoupa,
 Pâmpanos, Corimás, que o vulgo estima,
 Os Dourados, que preza a nossa Europa:
 Carepebas, Parus, nem desestima
 A grande cópia, que nos mares topa,
 A multidão vulgar do Chareo vasto,
 Que às pobres Gentes subministra o pasto.

LXIX

De Junho a Outubro para o mar se alarga,
 Qual gigante marítimo a Baleia,
 Que palmos vinte seis conta de larga,
 Setenta de comprido, horrenda, e feia:
 Oprime as águas com a horrível carga,
 E de oleosa gordura em roda cheia,
 Convida o pescador, que ao mar se deite,
 Por fazer, derretendo-a, útil azeite.

LXX

Tem por espinhas ossos desmarcados,
 O ferro as duras peles representam,
 Onde pendem mil búzios apegados,
 Que de quanto lhe chupam se sustentam:
 Não parecem da frente separados
 Os vastos corpos, que na areia assentam,
 Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
 Que ondas vomita, como aquáttil bomba.

LXXI

Na boca horrível, como vasta gruta,
 Doze palmos comprida a língua pende,
 Sem dentes; mas da boca imensa, e bruta
 Barbatanas quarenta ao longo estende:
 Com elas para o estômago transmuta,
 Quanto por alimento n'água prende,
 O peixe, ou talvez carne, e do elemento
 A fez imunda, que lhe dá sustento.

LXXII

Duas asas nos ombros tem por braços,
 Que aos lados vinte palmos se difundem,
 Com asa, e cauda os líquidos espaços
 Batendo remam, quando o mar confundem:
 E excitando no pélagos fracassos,
 Chorros d'água nas naus de longe infundem;
 E andando o monstro sobre o mar boiante,
 Crê que é Ilha o inexperto navegante.

LXXIII

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
 Que, vendo prevenida a Gente armada,
 Matar se deixa n'água combatendo,
 Por dar fuga, morrendo, à prole amada:
 Onde no filho o arpão caçam metendo,
 Com que atraindo a Mãe dentro à Enseada,
 Desde a longa canoa se alanceia,
 Ao lado de seus filhos a baleia.

LXXIV

Sobre a costa o marisco apetecido
 No arrecife se colhe, e nas ribeiras
 As Lagostas, e o Polvo retorcido,
 Os Lagostins, Santolas, Sapateiras:
 Ostras famosas, Camarão crescido,
 Caranguejos também de mil maneiras,
 Por entre os Mangues, donde o tino perde
 A humana vista em labirinto verde.

CANTO VIII

I

Três vezes tinha o Sol no giro oblíquo
 A carreira dos Trópicos voltado,
 E três de Europa pelo Clima aprico,
 Tinha as plantas o Abril ressuscitado:
 Depois que do Brasil se tinha rico,
 À França o nobre Diogo transportado,
 Buscando nas viagens meio, e lume,
 Com que reforme o bárbaro costume.

II

Mas da mísera Gente na lembrança,
 Que lhe excita da Esposa a cara imagem,
 Meditava deixar a amiga França,
 Repetindo a Brasília viagem:
 Na generosa empresa não descansa
 De instruir a rudeza do Salvagem,
 E cuida com razão que é humanidade,
 Amansar-lhe a cruel barbaridade.

III

Enquanto nau, e embarque negoceia,
 Do amigo Du Plessis solicitado,
 Foi-lhe do Rei Francês proposta a idéia,
 De erguer as Lises no País buscado:
 Terás (lhe disse, e é fácil que se creia,
 Que lho dizia do seu Rei mandado),
 Terás da França auxílio, e tropa imensa,
 E maior que o serviço a recompensa.

IV

Que se o empenho te ocupa generoso
 De amansar do Gentio a mente ímpia,
 Trazendo a França um povo numeroso,
 Melhor se amansará na companhia:
 Que engano fora a Europa pernicioso,
 Quando Colônias derramando envia,
 Extinguir sem remédio a infeliz Gente,
 E despovoar-se com a tropa ausente.

V

Desta arte Roma o Império seu fazia,
 Que as Colônias pelo Orbe derramando,
 Do País conquistado outras unia,
 Com que ia a falta própria reparando:
 Num século, que o bárbaro vivia,
 Na grã-Roma Romano ia ficando,
 E neste arbítrio de pensar profundo,
 Foi Mundo Roma, e foi Romano o mundo.

VI

Este meio portanto eu te sugiro,
 Que se a tua prudência hoje executa,
 Verás em pouco tempo, como aspiro,
 Francesa pelo trato a Gente bruta:
 Vive sempre brutal no seu retiro,
 Quem ninguém comunica, e nada escuta,
 Nem o Salvagem tiraras da toca,
 Se outro País não trata, e o seu não troca.

VII

E em tanto que o terreno nosso habita,
 Transmigrada a infeliz Gentilidade,
 A Gente, que perdemos infinita,
 Suprirá com comum utilidade:
 Assim a Agricultura mais se excita,
 Cresce a plebe no campo, e na Cidade,
 E a turba inerte, que corrompe a terra,
 Ou se deixa emendada, ou se desterra.

VIII

Disse o Francês prudente, e o nobre Diogo,
 Leal à amada Pátria respondendo,
 Sábio projeto dás (replicou logo)
 Sobre a população; nada o contendo:
 Mas não posso convir no exposto rogo,
 Sendo fiel ao Rei, Português sendo,
 Quando o Luso Monarca julgo certo
 Senhor de quanto deixa descoberto.

IX

Vivendo ex lege um povo na Anarquia,
 Tem direito o vizinho a sujeitá-lo,
 Que a Natureza mesma inspiraria,
 Ao que fosse mais próximo a amansá-lo:
 Deixo que o Céu parece que o queria,
 Dando a Cabral o instinto de buscá-lo,
 E o ser em caso tal comum conceito,
 Que quem primeiro o ocupa, tem direito.

X

E sem que ofenda a França a minha escusa,
 É bem que esta conquista a Lísia faça;
 Mas enquanto a Bahia o não recusa,
 Ser-vos-á no comércio a melhor Praça:
 Cópia de drogas achareis profusa,
 E o lenho precioso ali de graça;
 E durado eu na Pátria obediência,
 Serei Francês na obrigação, e agência.

XI

Admirou Du Plessis no peito nobre
 O generoso ardor, e o pátrio zelo,
 Que a ilustre condição no obrar descobre,
 Novo motivo para mais querê-lo:
 Sem mais receio que o contrário ele obre,
 Na nova expedição quer sócio tê-lo;
 Mas antes de embarcar-se o herói prudente,
 Avisa o Luso Rei da empresa ingente.

XII

Já pelo salso Oceano navega
 A França nau, e o Cabo se divisa,
 Donde à Europa no Ocaso ao termo chega,
 Tido do antigo nauta por baliza:
 A terra ali se vê, que o Minho rega,
 Correndo a costa da feliz Galisa;
 E o rumo então seguindo do Ocidente,
 Ao meio-dia se navega ardente.

XIII

Não longe do Equador o mar cortava,
 Quando Paraguaçu, já Catarina,
 Como era seu costume, atenta orava,
 Implorando o favor da Mão Divina:
 E eis que a vista da turba, que a observava,
 Enquanto adora a Majestade Trina,
 Em sono fica suspendida, e absorta,
 E algum cuida que dorme, outro que é morta.

XIV

Brilha no aspecto um ar do afeto interno;
 Mas em funda abstração com doce calma,
 Bem se lhe vê pelo semblante externo,
 Que ocupa em grande objeto a feliz alma.
 Vê-se nela arraiar do lume eterno,
 Que no Céu goza, quem já logra a palma,
 Admirável vislumbre, que suspende,
 E infunde um pio afeto em quem o atende.

XV

Assim por longas horas abstraída
 Deixava o caro Esposo na anxiedade,
 Se era sono, em que estava suspendida,
 Se era efeito de cruel enfermidade:
 Ora suspeita que perigue a vida,
 Ora na Celestial tranqüilidade
 Crê que do claro Empíreo habitadora,
 Imortal sobre o Céu reinando mora.

XVI

Até que a si tornada docemente,
 Corre a turba co'a vista em grato giro;
 E como quem esta aura ingrata sente,
 Rompe os longos silêncios num suspiro:
 Oh doce, (disse) oh Pátria permanente!
 Que escuro este ar parece, que respiro!
 Feliz quem contemplando o Céu formoso;
 Vive no seio do celeste Esposo!

XVII

Pasmado Diogo, e a multidão, que a ouvia,
 Calam todos no assombro de admirados,
 Nem já duvidam que visão seria,
 Em que ouvira os mistérios revelados:
 Quando ocultos segredos Deus confia,
 Não devem ser (diz Diogo) propalados:
 Mas se em parte, como este, é manifesto,
 Temerário não sou, se inquiri o resto.

XVIII

Narra-nos, feliz alma, a visão bela,
 Quem sabe se por ti nos manda aviso
 A Providência, que ao governo vela,
 Do mortal nos seus fins sempre indeciso:
 Não nos cales em tanto o que revela
 Por nosso lume, o excelso Paraíso,
 E a nossos rogos com memória pronta,
 Dizendo quanto viste, tudo conta.

XIX

Calaram todos com ouvido atento,
 Pendendo da expressão de Catarina;
 E tomando na popa em roda assento,
 Dão-lho sobre um canhão, que ao bordo inclina:
 Mandais-me (a Dama disse) que o portento
 Haja de expor-vos da impressão divina:
 Quem poderá contar cousa tão alta,
 Quando o lume cessou, a ciência falta?

XX

Nem inculco em meu sonho um Sacro instinto,
 Que tudo fingir pode a fantasia;
 Porque a imagem talvez que n'alma pinto,
 Por força natural se fingiria:
 Pode ser, se presaga a idéia sinto,
 Que sem extraordinária profecia,
 Anteveja o sucesso, o tempo, e o prazo,
 E depois não suceda, ou seja acaso.

XXI

Vi, não sei s'era impulso imaginário,
 Um globo de diamante claro, e imenso;
 E nos seus fundos figurar-se vário
 Um País opulento, rico, e extenso:
 E aplicando o cuidado necessário,
 Em nada do meu próprio o diferencio;
 Era o áureo Brasil tão vasto, e fundo,
 Que parecia no diamante um Mundo.

XXII

Fixo os olhos atenta no estupendo
 Milagroso espetáculo, que via,
 E em três léguas de boca vi correndo
 Por doze de diâmetro a Bahia.
 Seis rios pelo golfo discorrendo,
 Engenhos, povoações, que descobria,
 Eram como ornamentos da Cidade,
 De que se ergue no plano a Majestade.

XXIII

Parecia em seis bairros dividida,
 Com duas Praças de extensão formosa;
 Fortaleza ali vi na barra erguida,
 Outra a parte de terra majestosa:
 A enseada por oito defendida,
 E outra em Taparica poderosa
 Duas casas de pólvora, e na entrada
 Vi-me a mim de uma delas retratada.

XXIV

Dentro a um Templo magnífico se via
 De seus Prelados turma numerosa,
 De que um às mãos dos bárbaros morria,
 Outro a espada cingia valerosa:
 Muitos de alta virtude os matos via,
 Com caridade discorrer zelosa,
 Sem poupar tempo, estudo, ou vida, ou gasto,
 Por propagar a Fé no Sertão vasto.

XXV

No grão-palácio em tintas retratados
 Os que o governo do Brasil tiveram,
 Os Sosas na Bahia decantados,
 Os nobres Costas, que depois vieram:
 Mas entre outros na guerra celebrados,
 Por troféus, que vencendo mereceram,
 Mendo de Sá de gloriosa fama,
 Que Pai da Pátria no Brasil se aclama.

XXVI

Deste era prole o intrépido Fernando,
 Que ali vi fulminando a forte espada;
 E contra a feroz Gente pelejando,
 Deixou a morte com valor vingada:
 Mas da Bahia os olhos levantando,
 Vi discorrer no mar potente Armada,
 Que as Ilhas ocupando, e a vasta terra,
 Movia no Brasil funesta guerra.

XXVII

Parecia-me a frota belicosa
 Francesa Gente, que o Brasil tentava,
 Pedro Lopes de Sousa em furiosa
 Naval batalha o mar lhe contestava:
 Noutra ação com Esquadra numerosa
 Luís de Melo e Silva pelejava;
 Cristóvão Jaques, que este mar corria,
 Dous navios lhe afunda na Bahia.

XXVIII

Era de França sim a adversa Gente;
 Mas por culto inimigo ao Rei contraria,
 E ao rito Calvinístico aderente,
 Enviava ao Brasil tropa adversária:
 E protegida da facção potente
 Com as forças, e Armada necessária,
 Queriam para a infanda cerimônia
 Fabricar a Calvino uma Colônia.

XXIX

Cavalheiro de Malta, e Franco nobre
 Era Villegaignon de forte peito,
 Soldado antigo, que o valor descobre,
 E entre os Huguenotes do maior respeito:
 De mil promessas o Partido cobre,
 Havendo-o a empresa do Brasil eleito;
 E abonada de um Chefe de esperança,
 Dá-lhe a mão a Heresia em toda a França.

XXX

Este vi navegando o Cabo Frio,
 Seguido de outras naus na forte empresa;
 E que tratando afável co' Gêntio,
 Explorava do sitio a natureza;
 Mostrava aos naturais ânimo pio;
 E argüindo-lho a Gente Portuguesa,
 Induz a Nação bruta a que lhe assista
 Na empresa do comércio, e da conquista.

XXXI

Voltou a França o Cabo diligente,
 Tendo de ricas drogas carregado;
 E convocando às naus armada Gente,
 Torna de turba ingente acompanhado:
 Nem tarda do Sertão cópia potente
 De um povo, que nas armas aliado,
 Por amigo estimava mais sincero,
 Menos inculto sim, porém mais fero.

XXXII

Ali Villegaignon, que ao troço aloja,
 Às Gentes do Sertão se confedera;
 E toda a costa a dominar se arroja,
 De donde os nossos expulsar já espera:
 Do seu comércio o Português despoja,
 Na fértil Paraíba, em que útil era;
 Nem há na costa do Brasil enseada,
 Que o Huguenote não tenha bloqueada.

XXXIII

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
 Três naus, que em guerra cuidadoso armara,
 Com oito de comércio tem consigo,
 Além das que em socorro convocara:
 E por ter força igual às do inimigo,
 Sobre longas canoas, que ajuntara,
 Guia contra os Tamoios prepotentes
 Do bravo Carijó turmas valentes.

XXXIV

Niterói se chama a vasta enseada,
 Que estreita boca, como barra encerra,
 Fechando em vasto porto à grande Armada
 Um lago, que em redondo cinge a terra:
 Vê-se Ilha penhascosa sobre a entrada,
 Com fortaleza, que disposta em guerra,
 Por bica dos canhões rumor fazendo,
 Fechava a barra ao valeroso Mendo.

XXXV

Era a Ilha de rochas guarnecida,
 Que em torno tem por natural muralha,
 Donde a força das balas rebatida,
 Faz inútil dos Lusos a batalha:
 Três dias foi dos nossos combatida,
 Sem que o fogo incessante aos nossos valha,
 Até que fatigado o invicto Mendo,
 Invade à escala vista o forte horrendo.

XXXVI

Entre frechas, e balas destemido
 Na penha o Português trepando salta;
 E deixando o Francês esmorecido,
 Degola, mata, fere, invade, e assalta:
 Nem do antigo valor cede esquecido
 O Francês animoso, até que falta
 De sangue a brava Gente na contenda,
 Faz a perda, e cansaço que a Ilha renda.

XXXVII

Nem mais demora teve o invicto Mendo
 Ao ver a Gente adversa dissipada,
 E a excelsa fortaleza desfazendo,
 A costa visitou na forte Armada:
 E tudo ao nome seu sujeito havendo,
 À Bahia tornou, que iluminada
 Entre o som do clarim, e alegre trompa,
 Em triunfo a Mendo recebeu com pompa.

XXXVIII

Mas a facção do Huguenote enfurecida
 Villegaignon potente ao Brasil manda,
 Que a Ilha recobrando já perdida,
 Guerra intenta fazer por toda a banda:
 Vê-se a nossa Marinha combatida,
 E a forte Esquadra, que o Francês comanda,
 Dominante no Oceano por modo,
 Que impedia o comércio ao Brasil todo.

XXXIX

Mais não tolera a Lusa Monarquia,
 Que ao Rei Cristianíssimo aderente,
 Contra a rebelde herética porfia,
 Armada põe na América potente:
 Chefe Estácio de Sá prudente envia,
 De válidos galões com forte Gente,
 Que o Herege expulsando da enseada,
 Deixe nova Cidade ali fundada.

XL

Obsequioso abraçava o claro Mendo
 O valeroso Chefe seu conjunto,
 As forças da Bahia unido tendo
 As que trouxera sobre o mesmo assunto:
 Contra os esforços do Tamoio horrendo
 Acomete o rebelde em liga junto,
 Incorporando à Armada Lusitana
 Vasto esquadrão da turba Americana.

XLI

Chama-se Pão de açúcar o penedo,
 Em pirâmide às nuvens levantado,
 Onde de um salto tinha já sem medo
 A turba militar desembarcado:
 Nadava pelo mar vasto arvoredado
 Do Gentio em canoas habitado;
 E do ardente Francês luzida tropa,
 Que hábil n' arte de guerra fez a Europa.

XLII

Destes o Luso campo acometido
 De dardos, flechas, balas se embaraça,
 Em sombra o seio todo escurecido,
 As naus ocultam nuvens de fumaça:
 E ao eco dos canhões entre o ruído,
 Tudo está cego, e surdo em campo, e Praça;
 E no horrível relâmpago das peças
 Caem por terra os bustos sem cabeças.

XLIII

Voam as naus de chamas ocupadas,
 Enchendo a enseada do infernal estrondo,
 As canoas dos nossos abordadas,
 E os galeões, que em linha se vão pondo:
 Os golpes, que retinem das espadas,
 O golfo, que arde em chamas em redondo,
 Eram na terra, e mar em sangue tinto
 Um abismo, um inferno, um labirinto.

XLIV

Depois que largo tempo em Márcio jogo
 Dura a batalha com comum perigo,
 Cessando o impulso do contrário fogo,
 Todo o estrago aparece do inimigo:
 Tinha cedido da contenda logo
 Receoso o Tamoio do castigo;
 E os Franceses, que as naus mal sustentavam,
 Entre as penhas o asilo procuravam.

XLV

Não cessa o bravo Sá contra o Gentio,
 E a forte tropa pelo mato avança;
 Porque abatendo o orgulho, e insano brio,
 Se apartasse o Sertão da infame aliança:
 Nem receia o Tamoio o desafio,
 Tendo no seu valor tanta confiança,
 Que fugindo da aldeia ao mato, e gruta,
 A liberdade ao Português disputa.

XLVI

Era áspero o combate, e lenta a guerra,
 E sem efeito o assédio ao Francês posto;
 E o bárbaro, embrenhado dentro a terra,
 Tinha emboscada ao Português disposto:
 Mendo, que n'alma o grão-cuidado encerra,
 Tendo de Estácio socorrer proposto,
 Faz levas, busca naus, e a Gente incita,
 E em auxílio dos seus partir medita.

XLVII

Já dobra o frio Cabo a Esquadra ingente,
 E à vista do penhasco lança a amarra,
 Pasma o rebelde, vendo a Armada à frente
 Ocupar numerosa a estreita barra:
 Une-se a frota ali da Lusa Gente,
 E os mútuos casos vanglorioso narra
 Irmão a irmão, e o filho ao Pai, festivo
 Por ter chegado são, e achá-lo vivo.

XLVIII

Chega aos braços de Estácio o forte Mendo;
 E por festiva salva estrepitosa,
 Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,
 Contra a Ilha, que avistam penhascosa:
 E largamente consultado havendo
 Os dous Chefes da empresa gloriosa,
 Contra o penedo tentam no mais alto,
 A peito descoberto, um fero assalto.

XLIX

Vêem-se entre as penhas formidáveis bocas
 De canhões, e mosquetes trovejando;
 E nas quebradas espantosas rocas
 Do bárbaro Tamoio o imenso bando:
 Muitos ali das ásperas barrocas
 Vão os nossos fuzis precipitando,
 Outros da rota penha em meio às gretas,
 Cobriam contra nós todo o ar de setas.

L

Não cessava o rebelde belicoso
 Com vivo fogo o assalto rebatendo,
 Enquanto sobe o Luso valeroso,
 Trepando em fúria no penedo horrendo:
 Quem no meio do impulso impetuoso,
 Cai na ruína o próximo envolvendo,
 Quem ferido da frecha, ou veloz bala,
 Do mais alto da penha ao mar resvala.

LI

Todo o penhasco em fogo se fundia,
 Enquanto o mar em roda em chamas ferve,
 Entre o fracasso, e fumo que saía,
 De nada o ouvido vale, e a vista serve:
 A terra toda em roda estremecia;
 E sem que a água do incêndio se preserve,
 Parecia ferver do fogo insano,
 Escondendo a cabeça o Padre Oceano.

LII

Qual do Vesúvio a boca pavorosa,
 Quando rios de fogo ao mar derrama,
 Arroja ao ar com fúria impetuosa
 Parte do vasto monte envolta em chama:
 A cinza sobre o Céu caliginosa,
 Muge o chão, treme a terra, o pego brama,
 E o mortal espantado, e tremebundo,
 Crê que o Céu caia, e que se funda o Mundo.

LIII

Tal de Villegaignon, na penha dura,
 Do horrífico trovão freme a tormenta,
 E a chama entre a fumaça horrenda, e escura
 Do infernal lago as furnas representa:
 Porém do próprio fumo na espessura
 A pontaria, que o rebelde intenta,
 Evita o Português, que ataca incerto
 A escala vista, e a peito descoberto.

LIV

E já no grão-penedo tremulavam
 As Lusas quinas pelo forte Estácio,
 E as lises do penhasco se arrancavam,
 Onde a Villegaignon se ergue um palácio:
 Pela roca os Tamoios se arrojavam,
 E o valor Luso dando inveja ao Lácio,
 A guarnição Francesa investe à espada,
 E obriga em duro choque à retirada.

LV

O valente Francês, que a bélica arte
 Já com valor na Europa professara,
 O peito à fuga opõe por toda a parte,
 E faz que volte o fugitivo a cara:
 E vendo Estácio só junto ao Estandarte,
 Que por Chefe dos Lusos se declara,
 Cuida de um golpe terminar a empresa
 No General da Gente Portuguesa.

LVI

Não desfalece o Capitão valente;
 E de um, e de outro lado acometido,
 Rebate as balas sobre o escudo ingente,
 E arroja-se ao rebelde enfurecido:
 Lebrun despoja do mosquete ardente,
 Com que muitos de um golpe tem ferido,
 Outros do íngreme posto ao mar despenha,
 E alguns expulsa da soberba penha.

LVII

E já fugia a tímida caterva,
 Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
 Donde a viseira descoberta observa,
 Lhe aponta desde longe ardente bala.
 Caindo o herói na espada, que conserva,
 Adora humilde a Cruz, e perde a fala:
 Banha-se em sangue o chão, e em tanta glória
 Regada a terra produziu vitória.

LVIII

Porque enquanto em segui-lo divertido,
 Abandona o Francês a fortaleza,
 Tinha parte do Exército subido,
 A dar fim com vitória à forte empresa:
 Admira Mendo o braço esclarecido;
 E bem que do sobrinho o valor preza,
 No juvenil ardor notou magoado
 O tomar Chefe as partes de soldado.

LIX

A Pátria (o nobre Sá diz lagrimando)
 Vítima irás da fé, da liberdade,
 Vigor no sangue heróico à terra dando,
 Donde se erga imortal nova Cidade:
 O caso acerbo aos pósteros contando
 Tenham seus Cidadãos da heroicidade
 Clara lição no Fundador primeiro,
 Glória eterna do Rio de Janeiro.

LX

Tal nome deu à enseada no recorde
 Do mês, que ilustre foi por caso tanto,
 E à Cidade deixou com justo acordo
 A clara invocação de um Mártir Santo:
 E havendo as tropas recolhido a bordo,
 Descansadas do bélico quebranto,
 Faz imortais no tempo transitório
 Os Correas, e Sás no novo empório.

LXI

Em tanto do Tamoio a Gente bruta,
 Mais feroz sempre na Marcial contenda,
 Contra a nova Cidade em fera luta,
 Movia guerra pelo mar tremenda:
 Mas Mendo para a bárbara disputa
 Faz que um Chefe Tapuia o mar defenda,
 Araribóia aos seus nomeia a fama,
 Martim Afonso por Cristão se chama.

LXII

Príncipe foi nas Tabas respeitado,
 Que ao nome Português na guerra adicto,
 Tinha com Mendo os seus capitaneado,
 Sempre contra o Tamoio em campo invicto:
 Quatro guerreiras naus tinha avançado
 O rebelde, depois do grão-conflito,
 E em oito lanchas Ararig buscando,
 Do Cabo Frio a ponta iam dobrando.

LXIII

Saltam da noite no silêncio escuro
 As belicosas mangas guarnecidas,
 De imensas chusmas do Tamoio duro,
 Que obrar deviam na campanha unidas:
 E enquanto tem o campo por seguro,
 Jaziam pelas praias estendidas,
 Para investir co'a luz, que já arraiava,
 A aldeia de Ararig, que os esperava.

LXIV

Mas o bravo Tapuia belicoso
 Antevendo o descuido do inimigo,
 Busca o manto da noite insidioso,
 Para investi-los no noturno abrigo:
 Convoca os seus guerreiros animoso;
 E sem dizer-lhes mais do seu perigo,
 Depois que um breve espaço os olhou mudo,
 Disse cheio de ardor, batendo o escudo.

LXV

Su, valerosa, intrépida caterva;
 Que esperamos no nosso alojamento?
 Acaso até que o campo em chusma ferva,
 E nos busque o Francês no próprio assento?
 Sei por espia, que o seu campo observa,
 Que dorme sobre as praias desatento,
 Onde se o surpreendermos de improviso,
 Sentiram todo o dano antes do aviso.

LXVI

Basta que em marcha procedais quieta,
 E que invadindo a turba descuidada,
 Não cuideis de empregar a bala, ou seta,
 Mas que tudo leveis à pura espada:
 E quando o vasto campo se acometa,
 Deixando-lhe às canoas livre entrada,
 Antes que o ferro vibre os seus reveses,
 Desarmai, se puderdes, os Franceses.

LXVII

Chamam corpo da guarda, onde o soldado
 Costuma pôr as armas nas vigias;
 Ali correi com ímpeto apressado,
 Seguindo o passo sempre das espias:
 Que nada o Francês pode desarmado,
 E sem as chamas que derrama ímpias,
 Ficará desde o ímpeto primeiro
 Nas mãos da nossa tropa prisioneiro.

LXVIII

Disse o astuto Ararig, e a lento passo
 Cada um pela brenha vai disperso,
 Devendo a dado tempo, e a certo espaço
 Qualquer unir-se em batalhão diverso:
 E achando em sono descuidado, e lasso,
 Sem sentinelas ter, o campo adverso,
 Um a um, pé ante pé, em marcha tarda,
 Assaltam juntos a sopita guarda.

LXIX

Juntas as armas de improviso apanham,
 Matando as guardas meio adormecidas;
 E depois que a armaria toda ganham,
 Quantos as vêm buscar perdem as vidas:
 O sono com as mortes acompanham;
 E outros vendo sem armas as partidas,
 Porque a causa não sabem do tumulto,
 Buscam as lanchas, por fugir do insulto.

LXX

Araribóia, como um raio ardente,
 Uns dormindo degola pela areia,
 Outros sem armas, que rendidos sente,
 Prisioneiros com cordas encadeia:
 A fiel tropa pela praia ingente
 Toda deixa a campanha de horror cheia,
 Cobrindo de cadáveres o plano,
 Alagado co'a espada em sangue humano.

LXXI

E já nos Céus risonha aparecia
 A Estrela-d'alva as trevas apartando,
 E com trêmula luz o incerto dia,
 No extremo do Horizonte ia arraiando:
 Quando o estrago da noite aparecia,
 E preso, ou morto o Franco demonstrando,
 Nem as lanchas se salvam, que a vazante
 Em seco as pôs na mão do triunfante.

LXXII

Não cessava Martim contra a espantada
 Multidão de Tamoios, que se embrenha;
 E deixando-lhe a aldeia derribada,
 Não se lhe esconde algum no mato, ou brenha:
 Muitos no Averno lança com a espada,
 Fugindo outros ao mar n'água despenha,
 Nem fulminando a massa a algum perdoa,
 Oculto na cabana, ou na canoa.

LXXIII

Fez este Marte do Brasil constante
 À Nação dos Tamoios tanta guerra,
 Que ele só com a espada fulminante
 Lhe extingue o nome, e despoeva a terra:
 Mais não ousa o rebelde mariante,
 Enquanto Araribóia no campo erra,
 Desembarcar na costa, sem que o bravo
 O deixe combatendo, ou morto, ou escravo.

LXXIV

Vi que do excelso Trono vinha em tanto
 Uma Augusta donzela adormecida,
 De quem brilhava sobre o aspecto santo
 A piedade, a abundância, a ciência, a vida:
 Do seio derramava do áureo manto
 A opulência no mundo apetecida;
 E logo que foi vista sobre a terra,
 Submergiu-se no Averno a infausta guerra.

LXXV

Era a Divina paz, que o Céu nos manda,
 Prêmio de um cetro, que da fé zelante
 Propaga o santo culto, onde comanda,
 E as Leis defende da Justiça amante:
 Sem os estragos de uma guerra infanda
 Gozará o Brasil de paz constante,
 Por setenta anos de um governo justo,
 Tendo tranqüila a terra, e o mar sem susto.

LXXVI

Nem mais a espada, e bomba pavorosa
 Se ouvirá na Marinha, e Sertão vasto,
 A voz só do Evangelho poderosa,
 Simples, sem artifício, indústria, ou fasto:
 A semífera Gente viciosa
 No jugo conterà de um temor casto;
 E às mãos dos seus Apóstolos se avista,
 Com as armas da Cruz feita a conquista.

LXXVII

Mas vi em tanto o Lusitano Império
 Na Líbia ardente em sangue submergido,
 E o seu domínio no Índico hemisfério
 Do Batavo nas águas invadido:
 E ou por descuido do governo Hespérico,
 Ou de mil contratemplos combatido,
 Cedeu no vasto mar por toda a banda
 O Império do Brasil à fria Holanda.

LXXVIII

Dezesseis longos séculos contando,
 Com anos vinte quatro a vulgar Era,
 Vi a Batava esquadra o mar surcando,
 Onde Wilhekens General modera:
 Petre Petrid os mares assombrando,
 Por Almirante aos náuticos se dera,
 Poder que à Índia navegar fingia,
 E contra a expectação veio a Bahia.

LXXIX

A frente descobri da excelsa Praça,
 As armas governando o bom Furtado,
 Que antevendo os efeitos da desgraça,
 Tudo dispunha com valor frustrado:
 Convoca quanto encontra, e tudo abraça
 Por opôr-se ao perigo ameaçado;
 Mas dissipa-se a Gente sem batalha,
 Por faltar não valor, mas vitualha.

LXXX

Dispunha assim o Batavo experiente,
 Antevendo que a turba mal unida,
 Sem cauta providência que a sustente,
 Esfriando no ardor toma a fugida:
 E vendo a multidão menos freqüente,
 E a plebe na tardança esmorecida,
 Quando menos o espera a chusma fraca,
 Ocupando um castelo, o povo ataca.

LXXXI

Ruiter, e Duchs com legião potente
 A porta invadem de S. Bento em fúria;
 Mas rebatidos de impressão valente,
 Cessam, fugindo da intentada injúria:
 Mas tão funesto horror concebe a Gente,
 Que a guerra ignora com profunda incúria,
 Que quando faz que Ruiter não se arroje,
 Deixa o terreno, e do vencido foge.

LXXXII

Furtado de Mendonça, que não vira
 Já mais do medo vil a frente escura,
 Com setenta somente a face vira,
 E sem mais que o seu peito a Praça mura:
 O amor da Pátria, que o furor lhe inspira,
 Faz que da vida, desprezando a cura,
 Se arroje o Luso ao Batavo, que o inunda,
 E um fira, um despedace, outro confunda.

LXXXIII

Mas vendo na manhã, que o Céu descobre
 A Cidade do Povo abandonada,
 Nem mais que o peito de Furtado nobre
 Com poucos dos setenta na esplanada:
 Teme que num só peito o valor sobre,
 E que deixando a empresa retardada,
 Socorro venha, donde bom partido
 Ao bravo Chefe se ofereceu rendido.

LXXXIV

Não tarda a fama a divulgar voando
 Da Capital Brasílica o sucesso,
 Enquanto o Belga, que lhe ocupa o mando,
 Recolhe da vitória o imenso preço:
 Treme em Madri o Trono, receando
 Que o Bélgico Leão, com tanto excesso,
 Prostre o de Espanha, e como o vulgo narra,
 No México, e Peru lhe imprima a garra.

LXXXV

Cobre-se o mar de Esquadras numerosas,
 Move-se a Lusa, e Hispana Fidalguia,
 Vão-se embarcando legiões famosas,
 Todo em náutica chusma o mar fervia:
 Fadrique as naus Hispanas poderosas,
 Menezes as de Lísia prevenia,
 Vendo-se terra, e mar no caso incerto,
 De petrechos, canhões, e armas coberto.

LXXXVI

Já pela barra entrava da Bahia,
 Com sessenta e seis naus soberba a Armada,
 Doze mil homens de alta valentia
 Ocupavam sobre elas a enseada:
 De tanto nome em militar porfia,
 Que a guarnição da Praça de assombrada,
 Bem que finja valor nesta conquista,
 Antes que ao ferro se lhe abate à vista.

LXXXVII

Dispõe-se em meia lua a Armada inteira,
 Cerrando a fuga ao Belga esmorecido,
 Ocupa o forte exército a ribeira
 Em dous quartéis aos lados dividido:
 Mas o Batavo Quif na ação primeira,
 Tendo o campo a Fadrique acometido,
 Com sortida deixou no ardor insana
 Suspensa a Lusa Gente, e rota a Hispana.

LXXXVIII

Cheio o Belga de orgulho na ação brava,
 Porque mais prove pela Pátria o zelo,
 Contra a Esquadra, que os muros varejava,
 Em dous baixéis arroja um mongibelo:
 Crê que é fuga o Menezes, que observava,
 E move toda a Esquadra sem prevê-lo,
 E parece que Deus o impulso inspira,
 Com que do oculto incêndio as naus retira.

LXXXIX

Um giro a Lua fez na azul esfera,
 Enquanto os Belgas de valor já faltos,
 Ceder dispunham na contenda fera
 Ao furor incessante dos assaltos:
 E quando mais socorro não se espera,
 Vendo que os mares se empolavam altos,
 Cede o Batavo humilde ao Luso Hispano
 A Capital do Império Americano.

XC

Falando prosseguia Catarina,
 Tendo a assembléia na discurso atenta,
 Quando com fúria o bordo ao mar inclina
 A nau, batida de hórrida tormenta:
 Tudo à manobra o Capitão destina;
 E vendo que onda horrível se apresenta,
 Lança-se o marinheiro à vela em pressa,
 Acode Diogo, e Catarina cessa.

CANTO IX**I**

Depois que o tempo torna bonançoso,
 E a noite vem tranqüila em branda calma,
 De ouvir o mais do sonho portentoso,
 Se acende a todos o desejo n' alma:
 E no empenho do Belga belicoso,
 Desejando escutar quem teve a palma,
 Suplicam Catarina, que prossiga
 Na narração do sonho, e tudo diga.

II

Vi (prosegue a Matrona) em Marte duro
 Confundir-se o Brasil, vagar potente
 O Batavo feroz; e o Reino escuro
 Encher Plutão da desditosa Gente:
 Vi descendo as Milícias do Céu puro,
 À plebe inerme com o zelo ardente,
 Infundir valor tal, que conte a história
 Por milagre do Céu cada vitória.

III

Petrid e Iolo raios da Marinha,
 Com Esquadras do pélagos Senhoras,
 Qualquer do lado seu queimado tinha,
 Com chamas o Brasil desoladoras:
 Petrid a frota que das Índias vinha
 Com procelas de fogo abrasadoras,
 E nas naus lavra de tesouros cheias,
 Ao infausto Brasil novas cadeias.

IV

Máquinas movem o Belga ambiciosas,
 Suprindo os gastos com a imensa prata;
 E armando em guerra Esquadras numerosas,
 Ocupar Pernambuco ao Luso trata:
 Nem às forças da Holanda poderosas
 Opõem o Hispano com a nova ingrata,
 Tal socorro, que a Praça na contenda
 Do grão-poder dos Batavos defenda.

V

Rege de Pernambuco a terra extensa
 O intrépido Albuquerque, a tudo atento:
 Guarnece a Praça, os Esquadrões condensa,
 Dispõe ao fogo o bélico instrumento:
 Quando à maneira de floresta densa
 Se viu coberto o líquido elemento,
 Onde proas setenta o mar rompiam,
 E o Wandemburgo General seguiam.

VI

Chamas pau-amarelo um sítio ao lado
 Da Cidade, que a frota acometia,
 Cômodo ao desembarque, e mal guardado
 De Albuquerque, que as praias defendia:
 Ali com quatro legiões formado,
 À bela Olinda o Batavo se envia,
 Onde com turmas de inexperta Gente
 Se opôs o Luso Chefe ao Belga ardente.

VII

Nem muito dura ao fogo desusado
 O tímido esquadrão da Gente Lusa,
 Que do insólito horror preocupado,
 A fuga empreende em multidão confusa:
 Um sobre outro ao fugir precipitado,
 Render-se ao fero Belga não recusa;
 E a Cidade infeliz deixando aberta,
 Qualquer se salva donde mais o acerta.

VIII

Entra o Holandês na Praça abandonada;
 E quando de riqueza a cuidou cheia,
 Em triste solidão desamparada;
 E acha sem prêmio a cobiçosa idéia,
 Vingam nos templos a intenção malvada,
 E o Altar profanam com infâmia feia,
 Tratando o pio rito, e o santo culto
 Com sacrílega mente, e horrendo insulto.

IX

Mas não sofre da fuga o torpe medo
 O valente fortíssimo Temudo;
 E tendo ao lado o intrépido Azevedo,
 A espada empunha, embaraçando o escudo:
 Ao ver do saco no funesto enredo
 A forma do Holandês turbar-se em tudo,
 Une alguns, que odiando a vil fugida,
 Dão por preço da glória a heróica vida.

X

Ó, disse, honra imortal do nome Luso,
 Corações valerosos, que em tal sorte
 Fazeis da doce vida o melhor uso,
 Comprando a glória com a invicta morte:
 Vedes sem forma o Batavo confuso,
 Da valerosa espada exposto ao corte:
 Corra-se às armas, que se os não vencemos,
 Sem a Pátria vingar não morreremos.

XI

Disse; e empregando a fulminante espada,
 Uma Esquadra invadiu que discorria,
 Com cálices da Igreja profanada,
 Que com insulto em derrisão metia:
 De uns a frente no chão deixou truncada,
 De outros o peito com o ferro enfia,
 De alguns, que insano acometendo freme,
 Talhado o braço sobre a terra treme.

XII

Azevedo entre os mais, que no chão lança,
 Tendo das balas empregado o impulso,
 Com fero golpe de alabarda alcança,
 De Ruitter, que o acomete, o horrível pulso:
 Despoja-o da arma, e furioso avança,
 Deixando-o em terra com tremor convulso,
 Cornelisten derriba, e o ferro emprega
 Em Blá, que todo o chão com sangue rega.

XIII

Com fúria igual, e impulso destemido
 Invade contra o Batavo a caterva,
 E bem que a legião em corpo unido,
 Em roda ao Luso disparando ferva:
 Resiste o Português nunca rendido,
 Enquanto a vida com vigor conserva,
 Até que sobre os Belgas derribados,
 Caíram mortos sim, porém vingados.

XIV

Tem por nome Arrecife um forte posto,
 Que um Istmo separou do Continente,
 Donde o Castelo de S. Jorge oposto,
 Defende o passo ao trânsito iminente:
 Ali fazia aos inimigos rosto
 O bravo Lima, que do Belga ardente,
 Sem mais que trinta invictos defensores,
 Trezentos sacrifica aos seus furores.

XV

Pasma de assombro Wandemburgo insano,
 Nem pode crer, se o não convence a vista,
 Que com força tão pouca o Lusitano
 De dous mil Belgas ao furor resista:
 Sai com todo o poder, e ocupa o plano,
 E em forma regular tenta a conquista,
 E nem assim o Lima ao fogo cede,
 Enquanto auxílio ao General não pede.

XVI

Recobrava-se em tanto valerosa
 Do primeiro terror a Lusa Gente,
 Que inexperta da pugna belicosa,
 Cedera no imprevisto do acidente:
 E acompanhando em tropa numerosa
 Do intrépido Albuquerque o ardor valente,
 O Belga usurpador pelas ribeiras
 Cercaram com redutos, e trincheiras.

XVII

Plantam depois um forte acampamento,
 Donde se insulte o Batavo inimigo,
 Nem deixavam que um só pudesse isento
 Sair sem dano ao campo, ou sem perigo:
 Cortam-lhe o passo, e impedem-lhe o sustento,
 Nem lhe concedem no terreno abrigo;
 E ocupando-lhe o giro dilatado,
 O Belga cercador deixam cercado.

XVIII

Dous mil dos seus guerreiros escolhidos
 Contra Albuquerque Wandemburgo avança;
 Mas achavam os Lusos prevenidos
 Do seu valor na nobre confiança:
 Caíam das trincheiras rebatidos
 Do fogo os Belgas, ou da espada, e lança;
 E sem que combatendo a mais se arrojem,
 Em desordem do campo à Praça fogem.

XIX

Com quatro Companhias numa Armada
 Socorro de Lisboa recebendo,
 Foi outra vez a tropa reforçada
 Com Gente, e munições noutra de Oquendo:
 Mil mosqueteiros, tropa exercitada,
 No duro jogo de Mavorte horrendo,
 S. Felice conduz Mestre de guerra;
 Mas menos apto na que usava a terra.

XX

Com socorro maior de Holanda armado
 Contra Itamaracá corre o inimigo;
 Duas vezes porém foi rechaçado
 Com perda o Belga para o noto abrigo:
 À Paraíba, e Rio Grande enviado
 Mudava de lugar, não de perigo;
 E já menos bisonha a Lusa tropa,
 Põe em fuga o Holandês, se em campo o topa.

XXI

A Wandemburgo no Holandês Império
 Sucedera Rimbach em guerras noto,
 Que estimando dos Belgas vitupério,
 Ser cada dia pelos nossos roto:
 Enquanto celebrava atento, e sério
 A Páscoa o campo em Procissão devoto,
 Com todo o poder Batavo acomete,
 E o campo em confusão batendo, mete.

XXII

Não se interrompe a cerimônia augusta,
 Orando o Clero com o sexo pio,
 Sai o Ortodoxo contra a turma injusta,
 Tomando por sagrado o desafio:
 E fundando no Céu confiança justa,
 Pelejam com tal fé, com tanto brio,
 Que matando Rimbach em feio estrago,
 Deram aos Belgas da blasfêmia o pago.

XXIII

Mas o Céu, que o flagelo destinava,
 Poder tão grande aos Batavos concede,
 Que nada a Vandescop, que os moderava,
 Depois desta campanha o curso impede:
 Fica Itamaracá de Holanda escrava,
 Desfaz-se o campo, a Paraíba cede,
 Perde-se o Rio Grande, e noutra empresa,
 Rende o Luso o Pontal, e a Fortaleza.

XXIV

Salva-se o resto da facção perdida,
 Nas Alagoas, sítio defensável,
 Onde do fero Belga perseguida,
 Asilo busca a turba miserável:
 Mas foi da Espanha em breve socorrida
 Com brava tropa em frota respeitável,
 Roxas de Borja a Pernambuco enviado;
 De Albuquerque o bastão tomou deixado.

XXV

Roxas pronto no obrar, posto em batalha
 De Vandescop as tropas investia;
 Mas o Belga Arquichofe a marcha atalha
 Com socorro que valido trazia:
 Com tenebrosa sombra os lutos talha
 A noite, que começa, à morte ímpia,
 Dispondo Roxas em defesa armado,
 Esperar o socorro convocado.

XXVI

Mas logo que a manhã mostrou formosa
 Da batalha inimiga a forma unida,
 Mais não sossega a chama generosa,
 E investe ardente a Batava partida:
 Cobre os Céus a fumaça tenebrosa,
 Perde o Hispano, e Holandês na empresa a vida,
 E nem este, nem o outro ali vencera,
 Se o temerário Roxas não morrera.

XXVII

S. Felice na guerra Mestre astuto,
 Sucede no governo ao bravo Hispano,
 E Brasília Fábio em tanto luto
 Salvou na retirada o Lusitano:
 Foi das palmas Batávicas produto
 Governar o País Pernambucano
 O Conde de Nassau, que o Belga envia,
 General das Conquistas que empreendia.

XXVIII

Era Nassau nas armas celebrado,
 Com que ilustrava o excelso nascimento,
 Príncipe então no Império respeitado,
 Nutrindo igual ao sangue o pensamento:
 Entrou de forte Armada acompanhado,
 E no Arrecife situando o assento,
 Levantou fortes, e em Países belos
 Guarneceu as Colônias com Castelos.

XXIX

Mas aspirando a empresa memorável,
 Todo o exército, e Armada prevenia,
 E achando Pernambuco defensável,
 Invadiu no Recôncavo a Bahia:
 S. Felice com resto miserável
 Ali novo socorro ao Rei pedia,
 Quando ao bravo Nassau dispunha a sorte
 Um Chefe nele opor prudente, e forte.

XXX

Tudo dispunha o Conde em forma, e arte
 De rebater do Batavo a interpresa,
 Dispõe pela Cidade em toda a parte
 Os meios, e instrumentos da defesa:
 Faz grossas levas, e Esquadrões reparte,
 E tudo preparando à forte empresa,
 Nada esqueceu de quanto na Milícia
 Inventa a militar sábia perícia.

XXXI

Entrava em tanto pela vasta enseada
 Nassau, que as praias enche da Bahia,
 Com a terrível majestosa Armada,
 Que com quarenta naus linha fazia:
 E ao som da trompa Marcial tocada
 Em gratos ecos de hórrida harmonia,
 Enche a horrenda procela em tais ensaios
 A enseada de trovões, e o Céu de raios.

XXXII

Em tanto o claro Silva que ocupava
 Do supremo governo o excelso mando,
 A S. Felice o posto renunciava,
 Ficando por soldado ao seu comando:
 Heróica ação, que pela Pátria obrava,
 Maior perícia em outrem confessando,
 E merecendo nela em tanta empresa
 Da Corte aclamações, do Rei grandeza.

XXXIII

Desembarca Nassau com turba ingente
 Junto de Tapagipe, e emprende o oiteiro,
 Que nomear costuma a vulgar Gente
 Do antigo habitador, Padre Ribeiro:
 Mas S. Felice, que o anteviu prudente,
 De posto o bate, que ocupou primeiro;
 E depois que seiscentos destro mata,
 Em grande parte o Belga desbarata.

XXXIV

Largos dias Nassau bate a trincheira,
 Que lhe opôs ao Quartel Banholo à frente;
 Mas o Belga em batalha verdadeira
 Por muitos dias se avançava ardente:
 Cobre-se a terra em hórrida maneira
 De um monte de cadáveres ingente,
 Vendo os Belgas cair, sem que desista
 Nassau com tanto sangue da conquista.

XXXV

E já desfeito o exército se via,
 Ferido o Oficial, e a Gente morta,
 Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
 Que o S. Felice rege, e o Silva exorta:
 Pede tréguas Nassau nesta porfia,
 E tudo com a tropa as naus transporta,
 Fugindo do perigo o infausto efeito,
 Com perda igual de Gente, e de conceito.

XXXVI

Dous dias na enseada por vingança
 Bate a Esquadra a Cidade sem perigo,
 Com balas, e granadas, que em vão lança,
 Parecendo mais salva, que castigo:
 Sobreveio ao Brasil nova esperança
 De expugnar com mais forças o inimigo;
 Mas foi o efeito das promessas vário,
 Impedindo o socorro o mar contrário.

XXXVII

Vi neste tempo em confusão pasmosa
 A Monarquia em Lísia dominante,
 E a Casa de Bragança gloriosa
 Nos quatro Impérios triunfar reinante:
 A Bahia com pompa majestosa
 Festejar o Monarca triunfante,
 E o Pernambuco de desgraças farto,
 Invocar Pai da Pátria D. João Quarto.

XXXVIII

Tratava o novo Rei com fé provada
 A Batávica paz, que sem justiça,
 Deixava ao mesmo tempo quebrantada
 O Belga injusto pela vil cobiça:
 Ocupa o Maranhão Batava Armada,
 E outra Esquadra em Sergipe o incêndio atia,
 Pertendendo ocupar com falso engano
 Toda África, e Brazil ao Lusitano.

XXXIX

Cede do seu governo de afrontado
 O General Nassau, tornando à Holanda,
 Tendo o conselho do Arrecife armado
 Mil artificios de calúnia infanda:
 Nem contra os habitantes moderado
 O duro freio no governo abrandando,
 Onde a plebe agravada que o experimenta,
 O jugo sacudir com glória intenta.

XL

João Fernandes Vieira foi na empresa
 O instrumento da Pátria liberdade,
 Herói, que soube usar da grã-riqueza,
 Libertando o Brasil desta impiedade:
 De amigos, e parentes na defesa
 Tentou furtivamente a sociedade,
 E como a pedra a Estátua de Nabuco,
 O Belga derribou de Pernambuco.

XLI

Nomeou Cabos, tropas, Companhias,
 Pediu socorros, e invocou prudente,
 Expondo do Holandês as tiranias
 O Governo Brasílico potente:
 Avisa sem demora Henrique Dias,
 Capitão dos Etíopes valente,
 E o forte Camarão, que em guerra tanta,
 Com os seus Carijós o Belga espanta.

XLII

Ouve o Holandês com susto o movimento;
 E querendo oprimir nascente a chama,
 Com dous mil homens prevenia atento
 A nova guerra, que o Vieira inflama:
 Deixara o Luso Chefe o alojamento,
 E os Belgas, que à cilada oculto chama,
 Empenhou de um lugar nas duras rocas,
 A que o monte chamaram das Tabocas.

XLIII

Entre arbustos, e canas de improviso
 Dispara o Luso sobre a incauta Gente;
 E precedendo o dano antes do aviso,
 Desbarata o Holandês com fúria ardente:
 Suspende a marcha o Batavo indeciso,
 E sem ver o inimigo, o golpe sente,
 Até que vendo o estrago dos soldados,
 Cedem o campo, e fogem destroçados.

XLIV

Holanda era potente, e o Luso aflito,
 Onde enchendo Lisboa de ameaças,
 Por ter notícia do infeliz conflito,
 Meditava ao Brasil novas desgraças:
 Mas por guardar os seus o Rei invicto,
 Dispôs piedoso nas Províncias lassas,
 Providências, que à paz chamar pudessem
 O tumulto, em que os nossos permanecem.

XLV

Vão com dous Regimentos destacados
 O Moreno, e Negreiros da Bahia
 A dar paz (se é possível) destinados
 Na guerra, que o Vieira então movia:
 Viram veigas, e campos abrasados,
 E o colono infeliz, que perecia,
 Com lástima da tropa, que observara,
 Todo o estrago, que o Belga ali causara.

XLVI

Avistado o Negreiros, e o Vieira,
 Venho (disse o primeiro) a prisão dar-vos,
 Por haver provocado a ira estrangeira
 A uma guerra, que acabe de assolar-vos:
 É justo que eu também prender-vos queira,
 Mas será (disse o herói) com abraçar-vos;
 E assim dizendo alegre move o passo,
 E os dous recebe com festivo abraço.

XLVII

Outro tanto fazia a tropa unida
 Ao invicto Esquadrão Pernambucano;
 E aplaudindo a vitória conseguida,
 Detestam do Holandês o enorme engano:
 Nem muito tarda a Gente fementida,
 Que não abraze a Esquadra ao Lusitano,
 Onde embarcado pela paz chegara,
 Como o Batavo próprio o convidara.

XLVIII

Ouvem-se em tanto os míseros clamores
 De turba feminina, que invocava
 O socorro dos seus libertadores
 Contra o Belga cruel, que as cativava:
 Mais não cessa o Vieira, e sem rumores
 O Engenho, aonde incauto descansava
 O Belga General cercado; bate,
 E rendendo-o à prisão, vence o combate.

XLIX

Henrique Hus do Arrecife Comandante
 Era o Cabo dos Belgas prisioneiro,
 Blac rendido também, Chefe importante,
 Subalterno nas armas do primeiro:
 Foge do Luso o Batavo arrogante,
 Espalhando os fuzis no grão-terreiro,
 E a chama teme, que no horrendo empenho,
 Lançara o Vieira pelo vasto engenho.

L

Com fama de vitória tão brilhante
 Tomas as armas a plebe, e o Belga invade,
 Serinhaem tomou, Vila possante,
 O partido comum da liberdade:
 Segue Itamaracá com fé constante,
 Porto Calvo, e os contornos da Cidade,
 Deixando no Arrecife sem remédio,
 Encerrado o Holandês com duro assédio.

LI

Mas não cessa na Holanda a companhia,
 E ao numeroso exército, que ordena,
 Sigismundo Van-Scop por Chefe envia,
 Munido em guerra de potência plena:
 Do experto General, que desconfia
 O prêmio ao valeroso, ao fraco a pena,
 E empreendendo com forças o combate,
 O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

LII

Abordando o Arrecife então cercado,
 A inércia dos seus Chefes repreende,
 Nem muito tarda, que no campo armado,
 Não saia a Olinda, que expugnar emprende:
 Em assalto a acomete duplicado,
 E a brava tropa, que ao presídio atende,
 Com tanto alento o Batavo rechaça,
 Que ferido Van-Scop se acolhe à Praça.

LIII

Sem que desista da passada instância,
 Tenta de novo a empresa da Bahia;
 Mas notando nos Lusos a constância,
 Que injúria do poder lhe parecia:
 Consome do Recôncavo a abundância
 Com freqüentes sortidas, que empreendia;
 E porque cresça na Cidade o tédio,
 Ocupa Taparica, e põe-lhe o assédio.

LIV

Teles em tanto, que expulsar pretende,
 Sem igual força o Batavo contrário,
 Contra o comum conselho o ataque emprende,
 E tudo expõe no impulso temerário:
 Mas vendo o Luso Rei, que a nada atende,
 O Belga nos seus pactos sempre vário,
 Manda Armada ao Brasil, que poderosa
 A Batava Nação dome orgulhosa.

LV

Teme o golpe Van-Scop, e desampara,
 Por guardar o Arrecife, Taparica,
 Antevendo que a Esquadra se prepara
 Contra a Praça, que auxílio lhe suplica:
 Barreto de Meneses, que chegara
 De novo General patente indica,
 E em Pernambuco sublimado ao mando,
 Com prudência, e valor foi governado.

LVI

Nove mil homens, tropa valerosa,
 E com freqüentes palmas veterana,
 Manda o Batavo a empresa perigosa,
 Que à guerra ponha fim Pernambucana:
 Ocupa o mar Armada poderosa;
 E dominando a praia Americana,
 Usurpa em mar, e terra alto domínio,
 Ameaçando dos Lusos o extermínio.

LVII

Põe-se em campanha o Batavo terrível,
 Com sete mil de veterana tropa,
 Vão densos bandos do Gentio horrível,
 Com destro gastador vindo da Europa:
 E estimando a potência irresistível,
 Cede ao Belga a Barreta, e quanto topa,
 Enquanto em defensiva o Luso fica,
 E o campo contra o Belga fortifica.

LVIII

Sigismundo porém, que os bastimentos
 Em Moribeca assegurar procura,
 Dispunha ali tomar alojamentos,
 Estimando a vitória já segura:
 Mas Barreto, e Vieira a tudo atentos,
 Na justiça, que a causa lhe assegura,
 Confiam que na empresa o Céu lhe valha,
 E tudo não dispendo a uma batalha.

LIX

Nem com tanto poder Van-Scop recusa,
 Decidir numa ação toda a contenda,
 Antevendo, se a perde a Gente Lusa,
 Que outra força não tem que a guerra emprenda:
 E já na marcha a multidão confusa,
 A ação começa pelo fogo horrenda,
 E turbando dos Belgas toda a forma,
 Combatem com valor, porém sem norma.

LX

Nos montes Guararapes se alojava
 Formado o Português, que o Belga espera;
 E a escaramuça, que emprendera brava,
 Traz a sítio o Holandês, que adverso lhe era:
 Desde alto monte o Luso fogo obrava,
 Com ruína dos Batavos tão fera,
 Que ou seja ao lado, ou na espaçosa frente,
 Se cobriu de cadáveres o monte.

LXI

Reúne os batalhões Van-Scop irado,
 E à frente com valor da linha posto,
 Tenta desalojar do alto ocupado
 O invicto Camarão, que lhe faz rosto:
 Mas com chuva de balas rechaçado,
 Perde três vezes o ganhado posto;
 E já ferido com mil mortos cede,
 Em vil fuga, que a noite lhe concede.

LXII

Noventa dos seus perde o Lusitano;
 E enquanto o Belga se retira incerto,
 Descobre a aurora todo o monte, e plano
 De bandeiras, canhões, e armas coberto:
 Muitos ali do Batavo tirano,
 Perdidos pela noite em campo aberto,
 Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
 Nas mãos da nossa tropa prisioneiros.

LXIII

Horroriza-se Holanda, pasma Europa,
 Exalta Portugal, canta a Bahia,
 Vendo-se triunfar tão pouca tropa
 Da terrível potência, que a invadia:
 Nada de humano o pensamento topa,
 Que em tudo a mão de Deus clara se via,
 Pois sempre elege para os seus portentos
 Os mais fracos, e humildes instrumentos.

LXIV

Tinha exausta a ambição, mas não cansada
 A cobiçosa Holanda em tal conquista;
 E para novo empenho aparelhada,
 Escolhe os Capitães, e a Gente alista:
 Mas do Britano às armas provocada,
 Sobre interesse que mais alto avista,
 Suspende o influxo na famosa empresa,
 Deixando em Pernambuco a guerra acesa.

LXV

Brinc a este tempo, Coronel valente,
 Impetra de Van-Scop tropa luzida,
 Com petrechos, e número potente,
 Que em batalha cruel tudo decida:
 Cinco mil homens de escolhida Gente,
 De canhões, e petrechos guarnecida,
 Põe no campo assombrado da Potência,
 Igualando o valor co'a diligência.

LXVI

Com dous mil e seiscentos veteranos
 Faz-lhe frente Barreto, e o Belga invade,
 Correm de toda a parte os Lusitanos
 A sustentar à Pátria liberdade:
 Aloja o Luso sobre os mesmos planos,
 Onde fora a passada mortandade;
 O Belga na montanha se distingue,
 Um que o estrago renove, outro que o vingue.

LXVII

Mas Brinc a tudo atento desde o cume
 Com perícia guerreira ocupa o monte,
 Onde seguindo o militar costume,
 Dá forma á retaguarda, e ordena a frente:
 Nem tão ousado o Português presume,
 Que em vantajoso posto o Belga afronte,
 Esperando a ocasião dali oportuna,
 De poder atacar com mais fortuna.

LXVIII

Reconhece Barreto o sítio, e forma;
 E vendo o ardor da Lusitana Gente,
 Que, hábil no passo, da subida o informa,
 Faz que o bravo Vieira ataque ardente:
 E cobrindo a invasão com sábia norma,
 Com o fogo protege o assalto ingente,
 Até que por mil casos duvidosos,
 Vê sobre o monte os campeões briosos.

LXIX

Nova batalha ali com fogo vivo
 Move impávido o Belga, e firme insiste;
 E por mais que o Vieira invada ativo,
 Onde um corpo vacila, outro resiste:
 Tal há que ainda combate semivivo;
 Tal que cadáver já na morte triste,
 A terra morde, e em raiva enfurecida,
 Blasfemando do Céu, despede a vida.

LXX

A toda a parte voa o grão-Barreto,
 E um anima, outro ajuda, outros exorta;
 E excitando no Luso o Pátrio afeto,
 Incita o forte, o invalido conforta:
 Bramava o fero Brinc em sangue infeto,
 Entre a Batava, turba opressa, e morta,
 Assalta horrendo um batalhão potente,
 E outros reprime com ferócia ardente.

LXXI

Mas o invencível Camarão, que o nota
 Um forte troço da reserva abala;
 E suspendendo a mísera derrota,
 Lança o Belga por terra de uma bala:
 Logo o Almirante da soberba frota,
 Vendo invalido Brinc cair sem fala,
 Ocupa o mando, que já vago estima,
 E o Batavo à peleja altivo anima.

LXXII

Não sofre Henrique Dias, que observava
 Do novo Chefe a intimação constante;
 E de um tiro, que fero lhe apontava,
 Derriba morto o intrépido Almirante:
 Sem Comandante o Belga trepidava,
 E de um, e de outro lado vacilante,
 Uma vil fuga tímido declara,
 E o campo com desordem desampara.

LXXIII

O estandarte soberbo dos Estados,
 Tendas, peças, bandeiras numerosas,
 Mil e trezentos mortos numerados,
 Prisioneiros, bagagens preciosas:
 Muitos centos na fuga degolados,
 A caixa militar, armas custosas,
 Foram nesta ocasião de tanta glória
 O merecido prêmio da vitória.

LXXIV

Cinge o Arrecife de um assédio estreito
 Com pronta cura o Chefe Lusitano;
 Mas tendo longa guerra o Belga feito,
 Era contínuo sim, mas mútuo o dano:
 Até que Jaques ao comando eleito
 No campo se avistou Pernambucano,
 Conduzindo em fortuita derrota
 Para o Luso comércio a usada frota.

LXXV

Por mar, e terra sitiada a Praça,
 Depois do longo assédio de nove anos,
 Com mil desastres fatigada e lassa,
 Cedeu todo o Brasil aos Lusitanos:
 Mercê clara do Céu, patente graça,
 Que a tão poucos, e míseros paisanos
 Cedesse uma Nação, que enchia em guerra,
 De Armadas todo o mar, de espanto a terra.

LXXVI

Assim modera o Padre Onipotente
 Do ignorante mortal a incerta sorte,
 Por fazer com tais casos evidente
 Que não é quem mais pode o que é mais forte:
 Tudo rege na terra a Mão potente;
 Dele a vitória pende, a vida, a morte;
 E sem o seu favor, que o distribui,
 Todo o humano poder nada conclui.

LXXVII

Triunfou Portugal; mas castigado,
 Teve em tal permissão severo ensino,
 Que só se logrará feliz reinado,
 Honrando os Reis da terra ao Rei Divino:
 E que o Brasil aos Lusos confiado,
 Será, cumprindo os fins do alto destino,
 Instrumento talvez neste Hemisfério,
 De recobrar no Mundo o antigo Império.

LXXVIII

Vi no sonho mil casos diferentes,
 Que no curso virão de outras idades:
 Vi Províncias notáveis, e potentes,
 Vi nascer no Brasil áureas Cidades:
 Famosos Vice-Reis, e ilustres Gentes,
 Tantos sucessos, tantas variedades,
 Que somente pintado, como em sombra,
 Confunde o pensamento, a vista assombra.

LXXIX

Prelados vi de excelsa Jerarquia,
 E entre outros da maior celebridade
 O claro Lemos, que enriqueça um dia
 De novas Ciências a Universidade:
 Ele ornará depois a Academia
 Com construções de excelsa majestade,
 E em doutrina a fará com sábio modo
 O Ateneu mais famoso do Orbe todo.

LXXX

Deu Catarina fim, e arrebatada
 Num êxtase ficou, vibrando ardores;
 Corriam pela face em luz banhada
 Lágrimas belas, como orvalho em flores:
 Fica a pia assembléia esperançada
 De outros sucessos escutar maiores;
 E dando tempo ao sono milagroso,
 No abraço a deixam do celeste Esposo.

CANTO X**I**

Cheia de assombro a turba a Dama admira
 Tornada a si da suspensão pasmosa;
 E da nova visão, que ali sentira,
 Prossegue a ouvir-lhe a narração gostosa:
 Mais bela que esse Sol, que o Mundo gira,
 E com cor (disse) de purpúrea rosa,
 Vi formar-se no Céu nuvem serena,
 Qual nasce a Aurora em madrugada amena.

II

Vi luzeiros de chama rutilante
 Sobre a esfera tecer claro diadema,
 De matéria mais pura que o diamante,
 Que obra parece de invenção Suprema.
 Luzia cada estrela tão brilhante,
 Que parecia um Sol, precioso emblema
 De admirável belíssima pessoa,
 Que à roda da cabeça cinge a coroa.

III

De ouro fino os cabelos pareciam,
 Que uma aura branda aos ares espalhava,
 E uns dos outros talvez se dividiam,
 E outra vez um com outro se enredava:
 Frechas voando, mais não feririam,
 Do que um só deles n'alma penetrava;
 Cabelos tão gentis, que o Esposo amado
 Se queixa, que de um deles foi chagado.

IV

A frente bela, cândida espaçosa,
 Cheia de celestial serenidade,
 Vislumbres dava pela luz formosa
 Da imortal soberana claridade:
 Vê-se ali mansidão reinar piedosa,
 E envolta na modéstia a suavidade,
 Com graça, a quem a olhava tão serena,
 Que excitando prazer, desterra a pena.

V

Dos dous olhos não há na terra idéia,
 Que astros, flores, diamantes escurecem;
 Ou na beleza de mil graças cheia,
 Ou nos agrados, que brilhando oferecem:
 Num olhar seu toda alma se encadeia,
 E mil votos à roda lhe aparecem,
 Dos que a seu culto glorioso alista,
 Outorgando o remédio numa vista.

VI

Das faces belas, se na terra houvera
 Imagem competente que a pintara,
 Às flores mais gentis da Primavera
 Pelo encarnado, e branco eu comparara:
 Mas flor não nasce na terrena esfera;
 Não há estrela no Céu tão bela, e clara,
 Que não seja, se a opor-se-lhe se arrisca,
 Menos que à luz do Sol breve faísca.

VII

Da boca formosíssima pendente
 Pasma em silêncio todo o Céu, profundo:
 Boca, que um *Fiat* pronunciou potente,
 Com mais efeito, que se criasse um Mundo:
 Odorífero cheiro em todo o ambiente
 Do labro se espalhava rubicundo;
 Fragrância celestial, que amante, e pia
 No Filho com mil ósculos bebia.

VIII

Todos suspende em pasmo respeitoso
 O amável formosíssimo semblante;
 E mais nele se ostenta poderoso
 O Soberano Autor do Céu brilhante:
 Pois quanto tem o Empíreo de formoso,
 Quanto a angélica luz de rutilante,
 Quanto dos Serafins o ardente incêndio,
 De tudo aquele rosto era um compêndio.

IX

Nas brancas mãos, que angélicas se estendem,
 Um desmaiado azul nas veias tinto,
 Faz parecer aos olhos, quando o atendem,
 Alabastros com fundos de jacinto;
 Ambas com doce abraço ao seio prendem
 Formosura maior, que aqui não pinto;
 Porque para pincel me não bastara,
 Quanto Deus já criou, quanto criara.

X

Mas se não se dedigna o Verbo Santo
 Por nosso amor, de um símbolo rasteiro;
 Dentro parece do Virgíneo Manto,
 Pascendo em brancos lírios um Cordeiro:
 Os olhos com suavíssimo quebranto
 Lhe ocupa um doce sono lisonjeiro,
 À roda os Serafins, que o estrondo impedem,
 Para o não despertar silêncio pedem.

XI

Aos pés da Mãe piedosa superada
 Vê-se a antiga Serpente insidiosa,
 De que a fronte na culpa levantada,
 Quebra a planta Virgínea gloriosa:
 E enroscando os mortais já quebrantada,
 Ao eco só da Virgem poderosa,
 No mais fundo do abismo se submerge,
 E o feral antro do veneno asperge.

XII

Ao ver beleza tanta o pensamento,
 Que a linda Imagem surpreendia absorto,
 Ouve no centro d'alma um doce acento,
 Que o peito enchia de vital conforto:
 E como infunde às plantas novo alento
 O matutino orvalho em fértil horto,
 Tal dos doces influxos na abundância
 Dentro d'alma eu senti nova constância.

XIII

Catarina (me diz) verás ditosa
 Outra vez do Brasil a terra amada;
 Faze que a Imagem minha gloriosa
 Se restitua de vil mão roubada:
 E assim dizendo, nuvem luminosa,
 Como véu, cobre a face desejada;
 E faz que na memória firme exista
 Entre amor, e saudade a doce vista.

XIV

Assim conclui Catarina, enchendo
 De duvidoso assombro a companhia:
 Que Imagem fosse aquela, iam dizendo,
 Ou qual deles acaso a roubaria?
 Se a Mãe de Deus mistérios envolvendo,
 D'outra cópia interior o entenderia?
 Ou queria talvez que em santo trato
 Se restituia n'alma o seu retrato.

XV

Mas vela em tanto apareceu boiante,
 Que junto da Bahia o mar cortava,
 Onde em bandeira, que lançou flamante,
 O Leão das Espanhas tremulava:
 Vem à fala com salva fulminante;
 E a Franca nau, que à terra velejava,
 Posto à capa o Espanhol, cortês visita,
 E o claro Diogo a visitá-lo incita.

XVI

E depois que em festivo amigo abordo
 O bom Gonzales o Hóspede festeja,
 Excitou-se nos dous claro recordo,
 De quem o Hispano foi, quem Diogo seja:
 Ambos nos braços, de comum acordo,
 Um a outro mil ditas se deseja;
 Reconhecendo o Luso o nobre Hispano
 Por um dos companheiros de Arelhano.

XVII

Carlos o grande, o Imperador famoso
 Grato por mim a saudar-te envia
 (Disse a Diogo o Hispano generoso,
 Socorrido a outro tempo na Bahia):
 Ouviu o invicto César, gracioso
 O teu obséquo à Hispana Monarquia,
 E o serviço, que grande considera,
 Por mim no seu agrado remunera.

XVIII

E porque possa em caso equivalente
 Retribuir-te aquela ação piedosa,
 Salva aqui te ofereço a infausta Gente,
 Perdida nessa praia desditosa:
 De cativoiro bárbaro, e inclemente
 Vivia na opressão laboriosa,
 Até que destas armas protegida,
 Remiu na liberdade a infausta vida.

XIX

Garcés então da Gente Lusitana
 O mais distinto, que o discurso ouvia,
 Confessa o benefício à força Hispana,
 E a história de seus casos principia.
 Depois que a Gente abandonaste insana,
 Com teu aviso, a Lusa Monarquia
 Gentes aqui mandou, naus poderosas,
 Que as Nações sujeitassem belicosas.

XX

Foi Pereira Coutinho o destinado
 A fazer da Bahia a grã-conquista;
 Herói no Índico Império celebrado,
 Em quem nova esperança o Luso avista.
 Tudo tinha o bom Chefe preparado,
 Formosas naus ajunta, e Gente alista,
 E à grã-população, que meditava
 De um sexo, e d'outro as Gentes convidava.

XXI

E sem demora as praias ocupando,
 Foi dos Tupinambás, com teu recordo,
 As potentes aldeias visitando,
 Com amiga aliança em firme acordo.
 Do Sertão vasto em numeroso bando
 Desciam, festejando o nosso abordo,
 Os Carijós, Tapuias, e outras Gentes,
 Por fama do teu nome obedientes.

XXII

Gupeva, e Taparica celebrados
 Entre os Tupinambás, Nação, que habita
 Os campos da Bahia dilatados,
 Antes de outros Coutinho solicita:
 E por vê-los contigo emparentados,
 Povoar o Recôncavo medita
 Da Gente, que o teu nome reconhece,
 Onde de dia a dia o Povo cresce.

XXIII

Todo o fértil terreno utilizando,
 Donde riqueza se oferece tanta,
 Engenhos vai de açúcar fabricando,
 Aldeias, casas, máquinas levanta:
 E as drogas preciosas comutando,
 A mandioca, arroz, e a cana planta;
 Nem duvida que seja em tempo breve
 A Colônia melhor, que Europa teve.

XXIV

Escolha faz nas Tabas numerosas
 Dos que acha no trabalho mais ativos;
 Mas guarda para empresas belicosas
 Os que em ferócia reconhece altivos:
 A todos com maneiras amorosas
 Propõe da Fé Cristã claros motivos;
 E a condição notando em cada raça,
 Uns doma com terror, outros com graça.

XXV

Sabe que em Gente tal nada se colhe,
 Depois de endurecer na idade adulta,
 Onde na puerícia os mais escolhe,
 Por dar-lhe em breve a educação mais culta:
 Nem dos pais violento algum recolhe;
 Mas do proveito, que de alguns resulta,
 Induz a Gente bárbara que o segue,
 Que a prole à educação gostosa entregue.

XXVI

Em cuidadosa escola o temor santo,
 Antes das Artes a qualquer se ensina;
 Dão-lhe lições de ler, contar, de canto,
 E o Catecismo da Cristã Doutrina:
 Vendo-os o rude Pai, concebe espanto,
 E pelo filho a Mãe à Fé se inclina,
 Nem de meio entre nós mais apto se usa,
 Que aquela Gente bárbara reduza.

XXVII

E estes serão, se a idéia não me engana,
 Meios à grande empresa necessários,
 Que em breve a Gente rude fora humana,
 Com Escolas, e Régios Seminários:
 Foge, sem se domar a Gente insana,
 Se em forças, e poder nos vê contrários;
 Mas educada em tenra mocidade,
 Dilataria o Reino, e a Cristandade.

XXVIII

Mas no meio das belas esperanças,
 Com que a nova Colônia florescia,
 Move a Serpe infernal desconfianças
 Entre os Tupinambás, e os da Bahia:
 Foi a causa infeliz destas mudanças
 Um interesse vil de Gente ímpia,
 Que os povos ofendendo em paz amigos,
 Cobriram toda a terra de inimigos.

XXIX

Gupeva foi dos seus abandonado;
 Taparica foi morto; a Lusa Gente
 Do Gentio nos matos rebelado,
 Contínua perda nas lavouras sente:
 Queimada a planta foi, perdido o gado,
 E cercado o arraial em continente,
 Viu Coutinho por bárbara violência
 Perdido o seu tesouro, e diligência.

XXX

Na geral aflição do Luso Povo
 A lugar se recorre mais tranqüilo;
 Buscamos nos Ilhéus um sítio novo
 Contra a turba feroz, seguro asilo:
 E já Coutinho se dispõe de novo,
 Vendo manso o Gentio, a reduzi-lo,
 Fabricando Colônia de mais dura,
 Menos fecunda sim, mas mais segura.

XXXI

Mas os Tupinambás, melhor cuidando,
 Com promessas os nossos convidavam,
 Com mil amigas provas protestando
 De conservar a paz, que antes guardavam.
 Creu o infeliz Coutinho celebrando
 Pactos, que segurança a todos davam;
 E sem temor de mais, voltar queria
 Ao Recôncavo antigo da Bahia.

XXXII

E já no mar a frota se esquipava,
 E cada um de nós na empresa absorto,
 Sem temor, ou receio só cuidava
 Em fazer ao Recôncavo transporte:
 Navegamos o espaço, que distava;
 E tendo à vista o desejado porto,
 Com fúria o mar aos Astros se levanta,
 Em cerração do Céu, que à vista espanta.

XXXIII

O ar caliginoso, e em névoa impuro
 Tirou-nos toda a vista, e sem destino
 Batemos cegos num penhasco duro,
 Sem termos do lugar notícia, ou tino:
 Neste momento horrível, transe escuro,
 Suplicando o favor do Céu Divino,
 Vemos a nau, com hórridos fracassos,
 Desfazer-se na penha em mil pedaços.

XXXIV

Ficamos, como o entendes, alagados,
 Nadando em meio da procela horrenda;
 Uns das ondas se afogam devorados,
 Outros na praia em confusão tremenda:
 E eis que os cruéis Tupis encarniçados
 Com frechas se empenharam na contenda,
 Por levar-nos da areia semivivos
 À sorte dos seus míseros cativos.

XXXV

Muitos vimos dos bárbaros comidos,
 Alguns dispostos ao funesto ocase,
 Aflitos todos nós, e esmorecidos,
 E esperando qualquer seu triste prazo:
 Mas de ti sobre tudo condoídos,
 Triste Coutinho, que no acerbo caso,
 Depois de triunfar d'Ásia assombrada,
 Perdeste infelizmente a vida amada.

XXXVI

Tu, que mil vezes no remoto Oriente
 Levantaste troféus de glória onustos;
 A quem cedera o Malabar potente
 Em Armadas, e Exércitos robustos:
 Tu, que foste o terror da Índica Gente,
 Que da Lísia humilhaste aos Reis Augustos;
 Lá estava em tanto a tua sorte escrita
 De vires a acabar nesta desdita.

XXXVII

Mais prosseguir não pode sufocado
 O bom Garcez em amargoso pranto;
 E condoeu-se Diogo, recordado
 De ver-se em outro tempo em caso tanto:
 E havendo os naufragantes consolado:
 Não sou (diz) insensível, que sei quanto
 Acerbo o caso é, cruel o artigo,
 E a piedade aprendi no meu perigo.

XXXVIII

Recebei entre tanto valerosos
 Com magnânimo peito a adversidade;
 Conseguireis por transe perigosos
 Fazer-vos dignos da imortalidade.
 Deixareis monumentos gloriosos
 A uma longa, e feliz posteridade;
 E ganhando obtereis com tanta glória
 Um nome eterno nos padrões da História.

XXXIX

Disse o piedoso Herói, reconhecendo
 Ao Hispano Monarca pelo Enviado
 O distinto favor, e à mercê tendo
 Achar memória no real agrado:
 À nau depois os sócios recolhendo,
 No Recôncavo entrava desejado,
 Onde a vista formosa da Bahia
 Com perspectiva amena aparecia.

XL

A ver na estranha nau, que Gente aporte,
 Desde o interior Sertão turba recresce,
 E bem que diferente em traje, e porte,
 Catarina dos seus se reconhece:
 Entre aplausos recebe a Nação forte
 O grão-Caramuru, como merece,
 Mostrando pelo amor, e reverência
 No antigo afeto a nova obediência.

XLI

Carrega em tanto o lenho desejado
 A nau de Du Plessis, que Diogo estuda,
 Que seja em toda a terra obsequiado,
 Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
 Um Carijó porém nisto empregado,
 Enquanto a carga em toda a nau se muda,
 Uma Imagem roubou formosa, e bela,
 Que a nau venera na interior Capela.

XLII

Observou-a Diogo na cabana
 Tratada dos Tupis com reverência,
 Estimando-a por cousa mais que humana,
 Que excedia dos seus a inteligência:
 Surpreendeu-se da Imagem soberana
 O Lusitano Herói: e à competência
 Com eles venerando a Mãe Divina,
 Chama a vê-la a piedosa Catarina.

XLIII

Pôs-lhe os olhos a Dama; e transportada:
 Esta é (disse) é esta a grã-Senhora,
 Que vi no doce sonho arrebatada,
 Mais que o Sol pura, mais gentil que a aurora:
 Eis aqui! esta é a Imagem venerada:
 Este era aquele roubo: entendo agora:
 Oh minha grande sorte! Oh imensa dita!
 Isto me quis dizer a Mãe bendita.

XLIV

Dizendo assim com ânsia fervorosa,
 Prostrada abraça a Imagem veneranda:
 Beija, aperta-a, e de gosto lagrimosa
 Mil saudosos ais ao Céu lhe manda:
 Aqui vos venho achar, Mãe Piedosa,
 No meio (disse) desta Gente infanda!
 Infanda, como eu fui, se o vosso lume
 Não me emendara o bárbaro costume.

XLV

Olha em tanto suspensa a Gente bruta;
 E os excessos, que vê, cuidando, admira;
 Nem concebe nas vozes, que lhe escuta,
 Se prazer seja, se de dor suspira:
 Mas como a Imagem celestial reputa;
 Quanto à Dama piedosa obrando vira,
 Qualquer à imitação fazer deseja,
 E este a adora, outro a abraça, e aquele a beija.

XLVI

O Lusitano, e Franco Religioso
 Veneraram com Fé prodígio tanto,
 Lembrando-se do sonho portentoso
 Com claro indício do presságio santo:
 Enquanto o brutal Povo numeroso
 Tudo nota em um êxtase de espanto,
 Até que a um Templo em pompa veneranda
 A pia multidão a Imagem manda.

XLVII

Por santa invocação foi aclamada
 A Senhora da Graça, e com fé pia
 Foi desde aquele dia venerada
 Singular Protetora da Bahia:
 Igreja primitiva dedicada
 Em meio às trevas dessa Gente ímpia,
 Memorável (se a fama é verdadeira)
 Porque em todo o Brasil fora a primeira.

XLVIII

Neste festejo a plebe se entretinha,
 E eis que uma salva se ouve estrepitosa
 De grande Armada, que estendendo vinha
 Galhardetes, e flâmulas lustrosa:
 Tudo ao rumor da frota se encaminha,
 Vendo a bandeira tremular famosa,
 Que no braço das Quinas representa
 A redenção, que o Céu na terra intenta.

XLIX

Era Tomé de Sousa o Comandante,
 Que ali Governador fora mandado
 Com multidão de Gentes abundante,
 Para dar forma ao povo começado:
 Num sítio com mil mangues verdejante,
 Que o grão-Caramuru tinha habitado,
 Da Colônia, que às Tabas se assemelha,
 O nome nos ficou de Vila Velha.

L

Ali por Principal constituído
 Foi dos Tupinambás o claro Diogo;
 Das Tabas do Sertão reconhecido,
 Como Dragão do mar, filho do fogo:
 Catarina por sangue esclarecido
 Herda de seus Avós o Império logo,
 Convocando à Bahia nesta idéia
 Dos seus Tupinambás toda a assembléia.

LI

À Taba de Gupeva já habitada,
 Onde hoje é Vila Velha, a turba corre;
 Das outras Tabas toda a Gente armada
 Com os seus Principais a ouvir concorre:
 Toda a Cidade em corpo congregada
 À grande casa concorreu da Torre:
 Paço de Catarina, que na empresa
 Presidia aos Tupis, como Princesa.

LII

A seu lado Diogo, e Sousa armado,
 À Câmara preside da Bahia:
 O Clero santo a Deus tendo invocado,
 Ouviu-se dos clarins doce harmonia:
 A tropa Portuguesa ocupa um lado;
 Todo o outro espaço o Bárbaro cobria:
 E em meio a cada casta ali presente,
 Brilha emplumado o Principal potente.

LIII

De Varões Apostólicos um bando
 Tem de inocentes o Esquadrão disposto,
 Que iam na Santa Fé disciplinando,
 Todos assistem com modesto rosto:
 O Catecismo em cântico entoando,
 No idioma Brasílico composto
 Do Exército, que Inácio à Igreja alista,
 Para emprender a bárbara conquista.

LIV

Sentiu da Pátria o público proveito
 O Monarca piíssimo, que impera;
 E estes Varões famosos tinha eleito
 A instruir o Brasil na Fé sincera:
 Eles toda a conquista houveram feito,
 E o imenso Gentio à Fé viera,
 Se cuidasse fervente o santo zelo,
 Sem humano interesse em convertê-lo.

LV

São desta espécie os Operários santos,
 Que com fadiga dura, intenção reta,
 Padecem pela Fé trabalhos tantos;
 O Nóbrega famoso, o claro Anchieta:
 Por meio de perigos, e de espantos,
 Sem temer do Gentio a cruel seta,
 Todo o vasto Sertão tem penetrado,
 E a Fé com mil trabalhos propagado.

LVI

Muitos destes ali, velando pios,
 Dentro às tocas das árvores ocultos,
 Sofrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
 Sem recear os bárbaros insultos:
 Penetram matos, atravessam rios,
 Buscando nos terrenos mais incultos
 Com imensa fadiga, e pio ganho
 Esse perdido mísero rebanho.

LVII

Mais de um verás pela campanha vasta
 Derramar pela Fé ditoso sangue;
 Quem morto às chamas o Gentio arrasta,
 Quem deixa a seta com o tiro exangue:
 Vê-los-ás discorrer de casta em casta,
 Onde o rude Pagão nas trevas langue;
 E ao Céu lucrando as miseráveis almas,
 Carregados subir de ínclitas palmas.

LVIII

Com corte tanta no sublime Paço,
 Que a grã-Casa da Torre se apelida,
 Orando Catarina um breve espaço,
 O Trono ocupa, e as atenções convida:
 Tinha emplumada a fronte, e o forte braço,
 Como insígnia de Império conhecida,
 Um marraque por cetro sustentava,
 Que toda a turba com respeito olhava.

LIX

Venturosos Paisanos, que o Céu ama,
 (Disse a Dama Real) Povo disperso,
 Que ele ao rebanho seu piedoso chama,
 Desde o antigo dilúvio em sombra imerso:
 Hoje vos quer livrar da Averno chama,
 Vendo arrastar-vos do Dragão perverso,
 Esse grão-Deus, que de uma Cruz sublime
 A pena satisfaz, e a culpa oprime.

LX

Da antiga Lusitânia o Rei potente,
 Acompanhando o Sol no giro imenso,
 Vai rodeando todo o Globo ingente,
 Desde o aurífero Tago ao China extenso:
 Por ele a Fé recebe todo o Oriente,
 O Mouro cede de pavor suspenso,
 E Europa admira pelo mar profundo,
 Que o seu Reino menor subjuguem um Mundo.

LXI

Deste grande Monarca é tanto o Império,
 Que aonde a própria luz não se encaminha,
 Nos limites extremos do Hemisfério
 O Lusitano Exército caminha.
 A África, e Ilhas, o Árabe Cimério,
 Duas vezes passando a imensa linha,
 Possui tantos Povos, que a contá-los
 São mais que os Portugueses seus Vassallos.

LXII

Este Rei glorioso foi o eleito
 Por Providência da eternal Bondade,
 A fazer do Brasil um Povo aceito,
 E digno de a gozar na Eternidade:
 Pudera desta Gente o forte peito,
 Tendo n'Ásia opulenta imensidade,
 Estes nossos Sertões trocar incultos
 Por Nações ricas, e terrenos cultos.

LXIII

Pudera com as forças, que aqui manda,
 Com pouca utilidade, ou mais que fora,
 Domar o roxo mar por toda a banda,
 E o Reino todo possuir da Aurora.
 Mas a piedade faz, com que comanda,
 Que antepondo o Brasil a tudo agora,
 Mostre aos homens, que o impulso que o domina,
 É propagar no Mundo a Fé Divina.

LXIV

Generoso pensar! sagrada empresa!
 Longe da vã Política de Estado,
 Que se a Milícia, se o Comércio preza,
 Não tem da Santa Fé menor cuidado.
 Mas o que rege a vasta redondeza,
 E a sorte dos Impérios tem fixado,
 Lá virá tempo enfim que o zelo pague,
 E em ouro o Tago do Brasil se alague.

LXV

Um Rei, se não me engana oculto instinto,
 Quando o Quarto remir as Lusas Quinas,
 Depois do Sexto Afonso, e Pedro extinto,
 Abrirá no Sertão famosas Minas:
 Fará de ouro Lisboa D. João Quinto,
 Altas disposições do Céu Divinas!
 Pois no tremor, e incêndio, que a ameaça,
 Prepara este subsídio à grã-desgraça.

LXVI

Tempo virá, que Dama majestosa
 Por Soberana a Lísia reconheça,
 Época ilustre, insígne, e venturosa,
 Em que tenha uma Santa por Cabeça.
 Descerá sobre o Reino a paz formosa,
 E com a paz fará que a glória desça;
 Atlantes tendo do seu Régio Estado,
 Quatro Sábios, e um ínclito Prelado.

LXVII

A tu, Monarca Justo, do Céu vindo,
 Venha-te a palma sobre o Empíreo tarda,
 E Pai da Pátria ao Reino presidindo,
 Com zelo a antiga Fé nos nossos guarda:
 Enche o grão-nome, as portas reprimindo
 Do monstro Averno: que nos fundos arda;
 Que deixe Portugal, que na Fé medra,
 E Cristo firma sobre a imóvel pedra.

LXVIII

Esta insígne Progênie o Céu promete,
 Brasil agora rude, aos teus vindouros,
 O colo humilde em tanto ao Rei submete,
 E oferece-lhe contente os teus tesouros:
 E entre tantas Nações, que ao jugo mete
 À sombra Portugal dos verdes louros,
 Sem provares da Guerra o furor vário,
 Chega ao Trono a humilhar-te voluntário.

LXIX

E se Princesa me chamais sublime
 Dos vossos Principais nascida herdeira,
 Se ao grão-Caramuru, que o raio imprime,
 Jurastes vassalagem verdadeira:
 Ele da sujeição tudo hoje exime,
 Cedendo ao Trono Luso a posse inteira;
 E eu do Monarca na Real Pessoa
 Cedo todo o direito, e entrego a Croa.

LXX

Dizendo assim a Dama generosa,
 Desce do Trono, e o esplêndido Diadema
 Entrega ao Sousa; e toma majestosa
 Um baixo assento com modéstia extrema:
 Pasma o Tupinambá, vendo a formosa
 Nobre Paraguaçu de claro Estema,
 Que o seu Régio marraque ao Sousa dando,
 Despia a pompa do Real Comando.

LXXI

Logo o Caramuru na língua, e estilo
 Dos naturais falando ao Chefe novo,
 Posto tudo em silêncio para ouvi-lo,
 O escudo da Bahia mostra ao Povo.
 A pomba de Noé, que ao noto asilo
 Com ramo de oliveira vem de novo,
 Dando a entender a paz, que à crua Gente
 Com a Fé dispensava o Rei Clemente.

LXXII

Este é o título (disse) verdadeiro,
 Com que ocupa o Brasil nesta Anarquia
 O muito Alto Senhor D. João Terceiro,
 A fim que em paz se tenha a turba ímpia:
 Porque ao supremo Ser, e Ente primeiro
 Reconheça o Sertão, sirva a Bahia;
 E porque propagada a Fé se veja
 No novo Império, que conquista a Igreja.

LXXIII

Disse Diogo, e as Quinas tremulando,
 Real, Real com voz clama expressiva,
 Por D. João Monarca venerando,
 Príncipe do Brasil, que fausto viva.
 Responde a turba os vivas replicando,
 Com tão alto clamor, que o ouvido priva,
 E ao rumor dos canhões, e das cornetas
 Correspondem as bélicas Trombetas.

LXXIV

Então sentado sobre o Sólido ingente,
 Que já desocupara a Dama bela,
 Como Governador da Lusa Gente
 Tomé de Sousa cortejado dela;
 Toma posse legítima, e patente
 Da Bahia, e Sertão, e sem querela,
 Do habitante, que os campos desocupa,
 Em nome dos seus Reis a terra ocupa.

LXXV

Depois ao Povo, e ilustre Magistrado
 Por Leis do novo Império manifesta,
 Que seja o Nome santo venerado,
 Que cesse nos Sertões a Guerra infesta;
 Que o Homicídio se veja castigado,
 No Antropófago atroz, que a Lei detesta,
 Que a Embaixada Evangélica que envia,
 Se ouça com paz; que se honre o que a anuncia.

LXXVI

Que o indígena seja ali empregado,
 E que à sombra das Leis tranqüilo esteja;
 Que viva em liberdade conservado,
 Sem que oprimido dos Colonos seja:
 Que às expensas do Rei seja educado
 O Neófito, que abraça a Santa Igreja;
 E que na santa empresa ao Missionário
 Subministre subsídio o Régio Erário.

LXXVII

Por fim publica do Monarca reto,
 Em favor de Diogo, e Catarina,
 Um Real honorífico Decreto,
 Que ao seu merecimento honras destina:
 E em recompensa do leal afeto,
 Com que a coroa a Dama lhe confina,
 Manda honrar na Colônia Lusitana,
 Diogo Álvares Correa de Viana.